

**REVISTA
DOS
CRIADORES**

59 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
MAIO 1990 - ANO LIX - Nº 724 Cr\$ 320,00
ÓRGÃO OFICIAL DA ABC

FORRAGEIRAS DE INVERNO

AZEVÉM CONCORD E ALFAFA



Cabanha Pinhal

SINÔNIMO DE TECNOLOGIA



Parte das recepções usadas no tratamento de T.E.



Parte dos 1200 toneladas da estagem de milho.



Prato central de irrigação com capacidade de 90 hectares.



Calção com 240 metros de comprimento.



Sistema de drenagem instalado em todos os prumos da fazenda visando a melhoria do solo.



Um dos 33 recipientes de alta tecnologia importados dos U.S.A e Canadá para o processamento de milho.



ROD. JOÃO MELÃO - KM. 267,5 - AVARE - SP - (0147) 22.3385

1º Leilão Cabanha Pinhal e Fazenda
NA PRIMAVERA

MOMENTO AGROPECUÁRIO

PRODUÇÃO E PREÇOS MÍNIMOS DA SAFRA DE VERÃO

O Plano Brasil Novo do atual Governo, divulgado em 16 de março último, pegou a agricultura na fase inicial dos trabalhos de colheita da safra de verão 1989/90, da região centro-sul do país. Como se sabe, a produção nessa região corresponde a mais de 70% do total nacional, o que, por si só, mostra a importância do atual momento, em termos de comercialização e formação da renda dos agricultores.

Inicialmente, com respeito ao volume de produção propriamente dita, alguns comentários são oportunos no que se refere ao desempenho individual e conjunto das lavouras de verão. Tomando por base o período correspondente ao segundo quinquênio da década de oitenta, tem-se que a área plantada vem sistematicamente caindo. Por sua vez, a produção manteve-se praticamente estável, exceto na safra 1988/89, quando ultrapassou a 57 milhões de toneladas (Tabela 1).

No tocante às culturas alimentares, voltadas basicamente ao mercado interno, observa-se que as áreas de arroz, feijão e milho, no agregado, recuperam 8,0%, enquanto que a produção caiu em 5,7%. Do lado das culturas de exportação, o desempenho foi mais positivo, já que o algodão e a soja tiveram uma expansão de área em 6,4% e a produção cresceu 9,5%.

É importante destacar que as estatísticas referentes à safra 1989/90 foram extraídas dos levantamentos efetuados pela Companhia de Financiamento da Produção em fevereiro último. De lá para cá alguns acontecimentos ligados às adversidades climáticas, principalmente em regiões localizadas em São Paulo, Minas Gerais e Goiás, poderão fazer mudanças a esses números, porém não de forma significativa.

Além dos aspectos relativos com a produção acima assinalados, outro ponto importante a ser destacado, é a comercialização. Enquanto a colheita seguiu em marcha normal, a comercialização agrícola esteve muito pouco ativa, até meados de abril,

como reflexo da diminuição ocorrida na atividade econômica, no período pós-plano.

Na verdade, o principal instrumento para agilizar os negócios de compra e venda da produção rural é o Programa de Garantia de Preços Mínimos, através das

operações de EGF e AGF. Tudo dependerá de como o governo administrará a drenagem de recursos para o setor. Os preços mínimos dos produtos, que balizam essa política, tiveram reajuste de 41,3% em abril, sendo a sua evolução, a partir de janeiro, apresentada na tabela 2.

TABELA 01 - A SAFRA DO CENTRO-SUL (VERÃO)

CULTURA	ÁREA (1.000 HA)				PRODUÇÃO (1.000 t)			
	86/87	87/88	88/89	89/90	86/87	87/88	88/89	89/90
ALGODÃO	0.96	1.11	0.93	1.01	0.55	0.70	1.06	1.13
AMENDOIM - 1ª SAFRA	0.11	0.07	0.06	0.07	0.15	0.14	0.11	0.11
AMENDOIM - 2ª SAFRA	0.03	0.02	0.02	0.02	0.04	0.04	0.03	0.03
ARROZ	4.45	3.80	3.22	2.67	9.11	8.66	8.25	6.90
FEIJÃO - 1ª SAFRA	1.73	1.67	1.35	1.51	0.93	1.14	0.77	0.84
- 2ª SAFRA	1.04	1.05	0.96	0.98	0.48	0.51	0.48	0.54
- 3ª SAFRA	0.14	0.15	0.17	0.17	0.18	0.15	0.21	0.21
MAMONA	0.04	0.03	0.02	0.02	0.04	0.05	0.03	0.03
MILHO	10.89	9.51	8.99	8.83	25.63	22.57	23.16	21.91
SOJA	9.04	10.46	11.77	10.90	16.90	17.75	23.15	21.05
SORGO	0.21	0.17	0.14	0.14	0.45	0.33	0.25	0.25
TOTAL	28.54	28.04	27.63	26.32	54.46	52.04	57.50	53.00

Elaboração: AEB/APL

TABELA 02 - PREÇOS MÍNIMOS - SAFRA DE VERÃO 1989/90

PRODUTOS	KG	UNIDADE				(1)
		JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO	ABRIL	
		NCZS	NCZS	NCZS	CRS	
ALGODÃO EM CAROÇO	15	59.67	93.15	160.95	227.40	JUL/90
AMENDOIM EM CASCA	25	47.98	74.90	129.42		MAR/90
ARROZ ARGENTINA (EM CASCA)	50	113.18	176.50	305.00	431.00	JUL/90
ARROZ SEQUEIRO (EM CASCA)	60	104.15	162.00	280.00	396.60	JUL/90
FEIJÃO	60	346.80	541.20	935.40	935.40	MAR/90
MILHO	60	73.57	114.60	198.00	280.20	JUL/90
SOJA	60	88.30	137.40	237.60	336.00	JUL/90
SORGO	60	51.81	80.89	139.73	197.46	JUL/90

(1) último mês de colheita

Elaboração: AEB/APL

MERCADO DE PRODUTO

BOI GORDO

SUÍNOS

	BRASIL	1987 (1.000 t)	1988	1989(*)	BRASIL	1988 (1.000 t)	1989(*)	1990(**)
BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA	Est. Inic.	20	20	15	Produção	950	950	950
	Produção	2262	2447	2646	Importação	4	60	25
	Importação	155	4	130	Exportação	20	14	25
	Exportação	321	578	350	Consumo Int.	934	996	950
	Consumo Int.	2116	1893	2441				
	Fonte: IBGE				Fonte: IBGE			
	(*) Preliminar				(*) Preliminar (**) Estimativa			
MERCADO	- Período de seca com animais no pasto pronto para abate. - Preços operam com estabilidade após recuarem em mais de 30% do valor praticando antes do plano (NCZS e arroba).				- Ritmo de abate dos frigoríficos aumenta, mas continua abaixo do nível normal. - Oferta ampliada de milho e soja, faze a entrada dos produtos colhidos no mercado, por isso maior folga nos custos de produção.			
POLÍTICA INSTITUCIONAL	- Associação Brasileira de Confinadores solicita ao governo linha de crédito para a atividade. - Estima-se que para confinar 500 mil cabeças de gado seja necessário US\$ 150 milhões.				- Agroceres deve lançar novo produto no mercado: o reprodutor Big Ham. - O produto visa atender o segmento do mercado que demanda carnes com menos gordura e de melhor qualidade.			
TENDÊNCIAS RELEVANTES	- Sindicato do Comércio Varejista de Carnes Friaças da ESP aposta no afrouxamento dos preços: o gado que ficou reprodutor nos pastos terá de ser transformado em carne até junho.				- Produção de 1990 deverá manter-se no mesmo nível do ano anterior, segundo a ABIPOG. - Associação Brasileira das Indústrias de Produtores de Origem de Suínos.			
GRÁFICOS	SP - PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES				SP - PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES			

EDITORA DOS CRIADORES

Publicações Periódicas: REVISTA DOS CRIADORES, LIVRO DOS CRIADORES (Ex - Agenda), e ANUÁRIO DOS CRIADORES.

LIVROS: GADO NELORE, 100 anos de seleção, Criação de Búfalos no Brasil, Crescimento e Reprodução em Gado Nellore, Exploração Leiteira, Manual de Controle de Produção Leiteira, Reprodução, Alimentação e Outras.

Livros em branco: Caderno de Contabilidade - para escrituração da empresa rural.

Impressos Padronizados - Recibos e contratos usados na agropecuária.

Rua Venâncio Aires, 31, Tels.: (011) - 263-8314 e 871-0317 - Cep 05024 - São Paulo - SP.

FRANGO

SOJA

MILHO

BRASIL	1988 (1.000 t)	1989(**)	1990(**)
Produção	1954	2079	2170
Exportação	237	240	290
Cons. Int.	1717	1839	1880

Fonte: APINCO/ABEP

(*) Preliminar (**) Estimativa

- Atoamento de pintos, em milhares de cabeças, teve ritmo alto no 1º trimestre: 131,0 em Jan; 121,2 em Fev 132,8 em Mar.
- Risco dos negócios afrouxarem caso aumente a oferta de carne bovina, em condições de preços atrativos no varejo.

EUA - MT	88/89 (1.000 t)	89/90 (*)
Est. Inicial	8,2	4,9
Produção	42,1	52,4
Consumo	31,0	32,3
Comércio	14,4	15,7
Estoque Final	4,9	9,1

Fonte: USDA

(*) Projeções

- Emissão de guias de exportação do complexo retorna normalidade, a partir de quinzena de abril.
- Negócios internos começam tomar fôlego, à medida que a desvalorização do câmbio flutuante oferece condições de paridade para exportação, sem penalizar a renda do produtor.

BRASIL (MO)	88/89	89/90
Est. Inicial	2,8	3,4
Produção	26,4	24,4
Disponibilidade	29,2	27,8
Consumo	25,8	26,7
Est. Final	3,4	1,1

Fonte: CFP

(Fev/90)

- Poucos negócios com oferta ainda pouco folgada, já que a prioridade é a colheita da soja.
- Indefinição da política de comercialização pode deprimir preços no curto prazo.

- Cooperativas dos Granjeiros do Oeste de Minas pagam com insumos e dinheiro os cooperados, que respondem por 50% da produção do estado.

- Brasil recorre ao GATT contra subsídios praticados pelos EUA na exportação de óleo de soja.
- Orçamento dos EUA para o programa de exportação com subsídio é de US\$ 566 milhões para 1990.

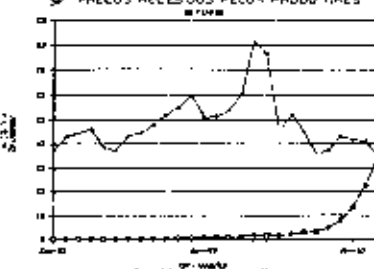
- COTRDIJ investe US\$ 8 milhões na construção de indústria de esmagamento em Meio Grosso do Sul, com capacidade para processar 240 t. por dia.

- Associação Brasileira de Avicultura estima que o Brasil exporta neste ano 290 mil t. Em 1989 foram embarcadas 240 mil t.

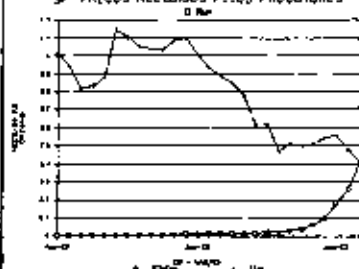
- Estimativas de exportação da Coordenadoria de Interrelação Comercial, substituta da CA-CEX para 1990:
 - grão : 4,0 milhões de t.
 - farelo : 8,5 milhões de t.
 - óleo : 700 mil t.

- Estoques de passagem, no Brasil, serão os menores da década de oitenta.
- Necessidade de importação no 2º semestre para atender o mercado doméstico.

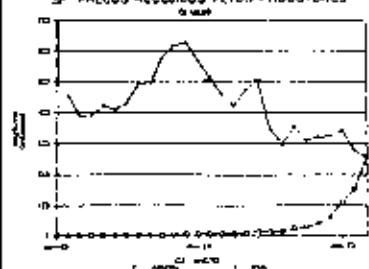
SP: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES



SP: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES



SP: PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES



**ANUÁRIO DOS CRIADORES
E AGRICULTORES**
(Ex - Agenda dos Criadores
e Agricultores).

Há 15 anos cooperando com o produtor rural para uma perfeita escrituração e controle de seus negócios. Circulação da edição de 1990 em 30 de Novembro, próximo. Pedido de reserva e informações:

EDITORA DOS CRIADORES LTDA

Rua Venâncio Aires, 31, Tels.: (011) 263-8314 e 671-0317.

Cep 05024 - São Paulo - SP

DEFENSIVOS ANIMAIS CRESCEM EM FATURAMENTO

"O bom resultado obtido pelo setor no ano passado, traz de volta o otimismo para as indústrias enfrentarem o mercado nesse começo da nova década."

Os produtos veterinários movimentam anualmente, a nível mundial, cerca de US\$ 6.4 bilhões. Deste montante, o Brasil participa com apenas 4 a 6%, apesar de ocupar a quinta posição.

O desempenho do setor nacional de defensivos animais tem sido muito afetado pela instabilidade econômica e pela interferência do governo em seus negócios, via controle de preços pela CFP. Tanto assim que, tomando por base o faturamento registrado ao longo da década de oitenta, observa-se um comportamento bastante irregular. (Quadro 1)

QUADRO 1 - FATURAMENTO DO SETOR VETERINÁRIO (US\$ MILHÕES)

ANO	FATURAMENTO	VARIAÇÃO
1979	172,7	-
1980	229,6	32,95
1981	307,7	34,02
1982	292,2	(5,04)
1983	248,2	(15,06)
1984	280,0	12,81
1985	308,7	10,25
1986	272,1	(11,86)
1987	329,0	20,91
1988	253,0	(23,10)
1989	358,7	41,78

Fonte: SINDAN

Na verdade, o Brasil representa um grande mercado para os produtos veterinários. O país possui o maior rebanho do mundo na bovinocultura e o quinto na suinocultura. Por outro lado, é o maior exportador de carne avícola e o quarto mundial de ovos.

Um exemplo dessa situação está no controle da febre aftosa no rebanho bovino. Para fazer três aplicações por ano em cada animal, o mercado absorveria 390 milhões de doses, considerando um plantel de 130 milhões de cabeças. Contudo, as indústrias têm comercializado a metade desse volume. Isto indica que o rebanho não está sendo vacinado na devida proporção.

A indústria nacional de produtos veterinários emprega cerca de 10 mil pessoas e possui um capital investido de ordem de US\$ 1 bilhão, colocando no mercado cerca de 2 mil produtos. O país dispõe de 202 laboratórios. Toda essa estrutura é afetada com o encarecimento dos insumos, que limita os trabalhos de pesquisa de novos produtos. A capacidade ociosa da indústria tem sido de ordem de 30%.

Não obstante a tudo isso, no ano passado, o setor de defensivos animais experimentou um quadro conjuntural muito positivo. Com efeito, segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria de Defensivos Animais (SINDAN), que congrega 97 empresas - 70 nacionais e 27 estrangeiras, responsável por 90% dos produtos veterinários consumidos no país, o faturamento de 1989 alcançou US\$ 358,7 milhões. Trata-se de uma cifra 41,8% superior ao do ano anterior.

Contribuíram para este excelente desempenho - o melhor dos últimos cinco anos - os preços remunerados do boi gordo, frango e suínos, que vigoraram no decorrer de 1989, a nível de produtor. Essas criações e mais a avicultura respondem por 95,5% do faturamento anual do setor (Quadro 2). Além disso, a relação de troca entre preços de carnes e grãos milho e soja foi bem mais favorável à pecuária que a verificada em 1988, o que permitiu a redução dos custos de produção desta atividade.

O aumento de 53,8% no preço da vacina contra a aftosa em 1989, quando comparado ao ano anterior, somado ao aumento de 12% no volume de doses vendidas proporcionaram um acréscimo de cerca de US\$ 40 milhões no faturamento do setor. Este incremento decorreu de dois fatores. O primeiro, face as barreiras sanitárias impostas pela Comunidade Econômica Europeia para a importação de carne brasileira. O segundo, dado o aumento da relação de troca entre os preços de boi com as doses de vacina, mesmo após a majoração dos preços desta última. É muito importante frisar que a Indústria Veterinária está preparada para um crescimento ainda maior na demanda, pois sua capacidade instalada permite um aumento de 40% na produção de vacinas contra aftosa.

Por sua vez, a liberação dos preços dos segmentos de endo e ectoparasitocidas proporcionou, em 1989, um sensível crescimento nas vendas, comparativamente a 1988: de US\$ 51,8 milhões para US\$ 73,5 milhões nos endoparasitocidas e de US\$ 31,3 milhões para US\$ 44,5 milhões nos ectoparasitocidas. Este fato foi motivado por pressões da indústria do couro, que tem a qualidade do seu produto prejudicada pelo não uso destes medicamentos.

Dentre as dez principais empresas da indústria veterinária, que somadas respondem por 77,2% do faturamento total do setor, a Tortuga, líder no Ranking, foi a que registrou o maior aumento de participação em 1989, em relação ao ano anterior de 17,4% para 21,3% (Quadro 3). No ano passado, esta companhia não interrompeu sua política de investimentos, tanto na área industrial como de pesquisa. Tal comportamento resultou num recorde de faturamento de sua divisão comercial, que girou em torno de US\$ 110,0 milhões, consolidando sua posição de mercado nacional de produtos veterinários.

Outro fato importante ocorrido no final de 1989 foi a atitude tomada pelo Conselho Interministerial de Preços - CIP. Este órgão substituiu o sistema rígido de controle de preços sobre a indústria veterinária pela liberdade vigiada de preços. Foi uma decisão que veio de encontro a um antigo pleito do setor, pois permitirá uma recomposição das margens de lucro e trará um novo estímulo à produção.

As perspectivas são favoráveis para o começo dos anos noventa. O interesse das Secretarias de Estado da Agricultura pelo aprimoramento da defesa sanitária animal e fator preponderante para o aumento da demanda de produtos veterinários, principalmente nos estados que apresentam

Quadro 2 - Faturamento por grupo animal

Grupo animal	Participação %				
	1985	1986	1987	1988	1989
Bovinos/Óvinos	64,81	64,46	62,80	67,35	67,33
Avés	21,49	20,32	23,19	18,93	18,96
Suínos	10,01	10,77	8,66	9,21	9,20
Equinos	1,80	2,20	2,37	2,17	2,17
Outros animais	1,88	2,24	2,98	2,33	2,34
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: SINDAN

maior consumo destes insumos, tais como Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Por outro lado, existe o esforço do setor produtivo de carne bovina, para aumentar as exportações em 100 mil toneladas por ano. Para o cumprimento desta será necessário atender às exigências sanitárias impostas pelos países importadores, principalmente da Comunidade Econômica Europeia e Japão. Logo, um controle mais rigoroso das enfermidades que abatem o rebanho brasileiro, implicará num aumento de demanda por defensivos animais.

Dentro desta nova realidade que se esboça para o País, a indústria veterinária terá condições de aprimorar-se cada vez mais. As empresas deixarão de ser uma estratégia de diversificação das grandes indústrias químico-farmacêuticas e de corante, para firmarem-se definitivamente como indústrias fornecedoras de insumos para o setor produtivo de proteína animal.

Quadro 3 - Faturamento por empresa, 1987 a 1989

1987		1988		1989	
Laboratórios	Partic %	Laboratórios	Partic %	Laboratórios	Partic %
Tortuga	16,47	Tortuga	17,44	Tortuga	21,27
Merck Sharp	9,17	Merck Sharp	9,93	Merck Sharp	11,34
Rhodia	8,61	Rhodia	7,80	Rhodia	7,52
Pfizer	7,39	Pfizer	7,07	Pfizer	6,79
Coopers	6,10	Coopers	6,03	Coopers	5,74
Bayer	5,23	Bayer	5,43	Bayer	5,23
Fatec	4,75	Fatec	4,35	Fatec	4,19
Salsbury	3,79	Salsbury	3,53	Salsbury	3,69
Vallee	3,14	Vallee	3,28	Vallee	3,63
Roche	2,96	Roche	2,76	Roche	2,83
Outros	32,39	Outros	32,38	Outros	27,77
Total	100,00	Total	100,00	Total	100,00

Fonte: SINDAN

30 ANOS

CUIDANDO DA SAÚDE
E DA PRODUTIVIDADE
DO REBANHO NACIONAL

IVA - INSTITUTO DE VETERINÁRIA APLICADA S/A
Rua Frederico René de Joegher, 268
CEP 04826 - São Paulo - S.P.



Telex 11 56814 IVAS - BR - FAX (011) 520-6229
DDD Gratuito (011) 800-5091
PABX (011) 520-9711

RUMIVAC • IVAFOY • Equalix • VER-MI-SAL • PROTEX

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Editora: Vera Lucia Escobar da Costa

Reportagem: Carlos Eduardo Pessatto

Editor de Arte: Prof. Diamantino da Silva

Paginção: Antonio Silva

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Teatini, Fidelis Alves Neto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcantara. Seção de Economia: Eng. Agr. Luiz Antonio Pinazza e Eng. Ivan Wedekin.

Departamento de Publicidade da Editora:
Gerente: Luiz de Almeida Penna Filho

Fotolito Criadores S/C Ltda.
Gerente Responsável: Sílvia M. Penna de A. Moura.

Ao fazer publicidade na Revista dos Criadores ou em outra qualquer publicação desta Editora exija credencial do vendedor, não aceite autorização em "xerox" e recibo na autorização. Só emita cheque cruzado e em nome da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Assinatura-anuidade - Com direito ao título de associado da ABC: BTN 72. Números atrasados, ao preço da última edição em banca.
Publicação Mensal

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:
Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 - São Paulo - SP - CEP 05024 - Fone.: 263-8314 - Caixa Postal 1669 - End. Telefônico "Criadores" Telex 11.21003 - ABIB - BR.

Impressão própria:
EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Fotolito próprio:
FOTOLITO CRIADORES S/C.

Venda Avulsa: Rio de Janeiro - RJ, Guanabara Jornais e Revistas Ltda., Rua Antonio Ribas, 72 - Inham. Londrina - PR, Jornal - Com. Publ. de Jornais e Revistas Ltda., R. Minas Gerais, 61. Goiânia - GO, Jardim Distr. Publ. Ltda., R. 68 nº 521 - Centro, CEP 74.130. Fortaleza - CE, Distribuidora Edesio de Publ. Ltda. Rua General Sampaio, 692. Vacaria - RS, João Brizola, Rua Marechal Floriano, 360. Pouso Alegre - MG, Agência Rebelo Ltda., Av. Dr. Lisboa, 219. Assunção - Paraguai, Mayers Internacional, Casilla del Correo, 1416.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subcrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados como nome e a edição.

REVISTA
DOS
CRIADORES

FORRAGEIRAS
DE
INVERNO
AZEVÉM CONCORD E ALFAFA



28

NOSSA CADA

Alfafa - Cultura em Castro, PR.

11



MAIO DE 1990 - ANO LIX - Nº 724

SUMÁRIO

SEÇÕES

11 - Embrapa prepara ataque a Mosca-dos-Chifres.

14 - Forrageiras de Inverno.

22 - Composto Orgânico.

28 - Conformação e Marcha.

38 - Anabolizantes na Pecuária de Corte.

1 - Negócios Rurais

9 - Ponto de Vista

24 - ABCCA Cavalo Árabe

27 - Marchigiana

42 - Notícias

44 - Dicas ao Produtor

48 - Produtos e Serviços

53 - Expoleições

CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMERCIALIZAÇÃO DE GRÃOS NA SAFRA 89/90

1. A produção nacional de cereais e oleaginosas teve um crescimento médio anual de 6,6% ao ano, durante o segundo quinquênio dos anos oitenta. Digno de destaque nesse desempenho, consiste o fato de ter crescido muito mais em função de ganhos de produtividade (4,5% ao ano) do que em área (2,1% ao ano).
2. Na verdade, as colheitas recordes obtidas nas safras 86/87, 87/88 e 89/90 contribuíram positivamente para amenizar as fortes dificuldades econômicas e sociais que o país vem enfrentando.
3. Contudo, essa tendência de crescimento na produção de grãos sofrerá reversão na presente temporada. A safra de verão da região Centro-Sul, que é de longe a maior do país, teve redução de área e a produtividade apresentará desempenho inferior aos anos anteriores.
4. Dessa maneira, o país não poderá ter expectativas otimistas com relação à agricultura. Até pelo contrário, problemas deverão ocorrer na oferta de alimentos, que pondera em mais de 30% do IPC. As principais culturas voltadas ao mercado interno, como arroz, feijão e milho, nos últimos quatro anos, tiveram 8,0% de queda da área e a produção reduziu-se em 5,7%.
5. Para bem entender a situação atual da produção de cereais e oleaginosas, cabe traçar alguns antecedentes. Isso porque a possibilidade de recessão que se discute hoje a nível da economia, já ocorreu, de forma dramática, na agricultura e em sua indústria de apoio no plantio da safra de 1989/90, no 2º trimestre passado.
6. Com efeito, o volume de crédito rural, que é um instrumento vital para a atividade agrícola, já no exercício de 1988, quando analisado em relação ao PIB, teve um índice inferior a 10%, o menor do período pós-setenta (Gráfico I). Tal índice, apesar de ainda não estar disponível para o exercício de 1989, certamente foi menor, como se verá a seguir.
7. Na comercialização da safra passada (1º semestre de 1989), os recursos para as operações amparadas pelo Programa de Garantia de Preços Mínimos (EGF e AGF), em termos reais, foram substancialmente inferiores ao mínimo de liquidez necessária à adequada circulação da produção e formação de estoques (Gráfico II). Cabe ainda observar que qualquer consideração sobre períodos anteriores à safra 83/84 merece outro tratamento, pois naquela época o crédito rural era operacionalizado a taxa de juros reais negativas.
8. Além dessa falta de recursos para comercialização da safra, outros fatores vieram complicar o mercado de cereais e oleaginosas em 1989. Diante do rápido fim do Plano Verão, a crescente expectativa de um novo pacote econômico, junto com a má desvalorização do Cruzado, incentivaram a formação de estoques em ativos reais. Os negócios com os produtos agrícolas foram pouco ativos, sendo que os preços cresceram durante a colheita, para logo depois desabarem. Aconteceu então, um fenômeno inusitado: "os preços da safra ficaram muito superiores aos da entressafra".
9. Por sua vez, a escalada inflacionária e a política macroeconômica de juros reais elevados no segundo semestre de 1989, ampliou o risco de atividade e penalizou violentamente os agentes econômicos envolvidos no plantio da safra 89/90.
10. Diante das altas taxas inflacionárias, as aplicações em investimentos financeiros cresceram substancialmente, como meio de defesa do pequeno poupador, ou até mesmo, como alternativa para ganhos de capital. Isso provocou um esgotamento nas principais fontes de recursos do sistema nacional de crédito rural. E, assim, durante a fase de plantio da safra de verão 89/90, o agricultor enfrentou uma oferta escassa de dinheiro, onde o alto custo para a tomada de em-

GRÁFICO 1
BRASIL: RELAÇÃO ENTRE CREDITO RURAL
E PIB AGRÍCOLA

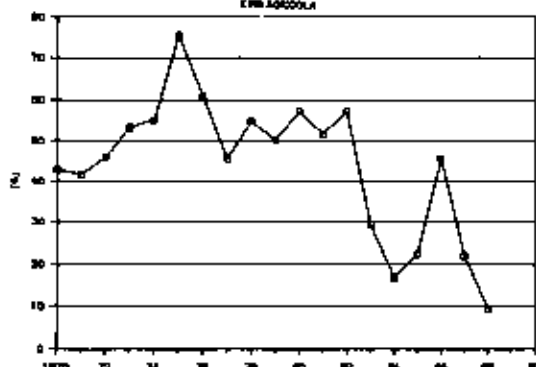
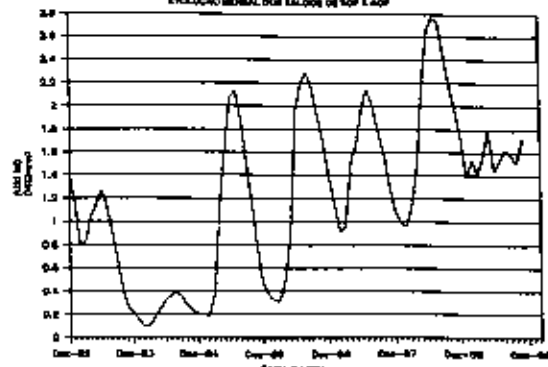


GRÁFICO 2
PROGRAMA DE GARANTIA DE PREÇOS MÍNIMOS
EVOLUÇÃO MENSAL DOS VALORES DE SÓC. E APT.



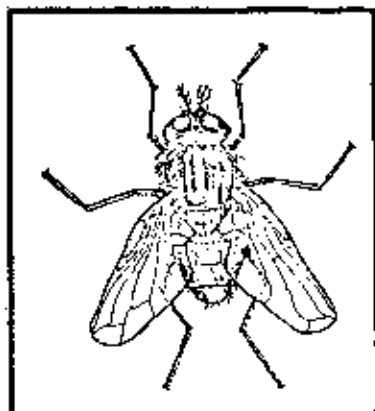
préstimos era praticamente impossível de ser absorvida pela atividade.

11. Com tais circunstâncias negativas para a agricultura, a resposta veio em termos de redução de área e no menor uso de tecnologia. As estimativas da CFP, de fevereiro último, apontam uma diminuição na área plantada na safra 1989/90, da ordem de 4,7% em relação ao anterior. O impacto dessa queda de área sobre a queda de produção ainda não é possível de ser devidamente apurada.
12. Não obstante, desde já, um ponto parece bastante evidente, qual seja, de que a agricultura não se repetirá os níveis de produtividade das safras anteriores. Tendo em vista, então, que nesta safra, as adversidades climáticas ocorreram mais a níveis regionais, e não de forma generalizada, pode-se creditar, em grande dose, ao menor uso de tecnologia a perda de produtividade.
13. Um termômetro para avaliar a menor tecnologia aplicada no campo na atual safra, consiste na abrupta redução das vendas de insumos e máquinas agrícolas. As entregas de fertilizantes caíram 12% enquanto as de defensivos e tratores, respectivamente em 10% e 8%. No caso de sementes, tomando por base a lavoura de milho, cuja produção representa mais de 1/3 da safra de grãos, a venda de sementes melhorada caiu em 26%.
14. Por tudo isso, tem-se que a agricultura e as suas indústrias de apoio conviveram com con-

texto fortemente recessivo no 2º semestre de 1989. Os recursos para comercialização da safra 89/90, nesse momento em que se forma o grosso da renda da agricultura, é de fundamental prioridade, principalmente tendo em vista a situação crítica atual do setor. Caso contrário, incorre-se no risco dos preços dos produtos agrícolas desabarem, descapitalizando ainda mais a atividade, o que comprometerá as próximas safras.

15. Há também por destacar o fato das indústrias, principalmente ligadas ao ramo de sementes e processamento, formarem grande parte de seus estoques no primeiro semestre de cada ano. É, portanto, justamente nesse período, que as empresas precisam de forte capital de giro para adquirirem a matéria-prima. Nesse sentido, os recursos da comercialização agrícola são imprescindíveis para a realização dessa operação.
16. Dentro da economia brasileira, o setor agrícola tem dado exemplos reais, em tempos recentes, de apresentar uma forte capacidade de ajustamento e de rápida resposta às políticas de estímulo à produção. Trata-se de uma atividade preparada para colaborar com o desenvolvimento nacional na década de noventa e, portanto, estratégica para o governo. O efeito proporcionado pela estabilidade econômica e os recursos alocados no setor, durante o Plano Cruzado, para que o país obtivesse segundas colheitas recordes, é a maior prova desse argumento.

EMBRAPA PREPARA ATAQUE A MOSCA-DOS-CHIFRES



Desde 1978 quando a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, tomou conhecimento que uma nova praga estaria em território brasileiro atacando principalmente o rebanho bovino, técnicos do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte - CNPGC de Campo Grande - MS, vêm alertando as autoridades competentes sobre a presença e a evolução da migração da *Haematobia irritans*, bem como os riscos que ela representa para a bovinocultura.

A mosca-dos-chifres, como é conhecida, é um inseto hematófago, de tamanho pequeno e raramente é vista nos chifres dos animais, elas se concentram no dorso e em partes onde a cabeça nem a cauda conseguem alcançar. É uma das principais pragas dos bovinos nos Estados Unidos e outros países. Chegou ao Brasil vinda da Venezuela ou da Colômbia, se instalou em Roraima na Região Norte, encontra-se no Ceará e, recentemente, foi confirmada sua presença no Estado de Tocantins e Triângulo Mineiro. Sem

comprovação científica, há indícios nos Estados da Bahia, Mato Grosso, Goiás e São Paulo.

A área brasileira ocupada por ela chega por volta de 4,6 milhões de quilômetros quadrados.

Acredita-se na previsão que uma vez estabelecida na área do Brasil Central, a perda de carne por ano será de 1,3 milhões de toneladas e a produção de leite será também afetada. Quanto as doenças que a mosca-dos-chifres possa transmitir, tem-se conhecimento de pelo menos duas: a anaplasmosse e a filariose - duas parasitoses que debilitam o animal, prejudicando seu desempenho.

Ela chega a atacar um animal com uma população média anual de 500 moscas. O animal fica irritado e tentando se livrar do inseto o tempo todo, deixa de pastar sofrendo uma perda de peso calculado em torno de 40 kg por ano. Prefere animais de pelagem escura, mas não dispensa os de pelagem clara; ataca mais os taurinos do que zebuínos e não escolhe idade e nem sexo.

A PESQUISA COM BESOUROS

Nos Estados Unidos e Austrália, a experiência com controle químico não foi das melhores, isso porque os insetos em pouco tempo apresentaram resistência contra todos os tipos de inseticidas, inclusive os mais avançados piretróides.

Lavando em consideração este fato, a equipe de cientistas do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte/EMBRAPA, concluiu que o controle da mosca dos chifres deverá ser do tipo integrado incorporando especialmente o controle biológico, que consiste no uso de uma espécie de besouro a *Onthophagus gazella* de origem africana.

O responsável pelo projeto de controle biológico da verminose e da mosca-dos-chifres, o pesquisador Ivo Bianchin do CNP-Gado de Corte explica que este programa já é feito nos Estados Unidos e Austrália, e a neces-

sidade de importar besouros foi devido aos locais apresentarem baixa atividade biológica com apenas uma geração ao ano e surgirem em maior quantidade somente no período chuvoso.

Sabendo por meio de simulações feitas por computador que a espécie *Onthophagus gazella* seria mais promissora para nossas condições climáticas, foram importados do Texas, 250 casais adultos que chegaram na EMBRAPA no mês de outubro/89 e já adaptada, apresenta um ciclo biológico em torno de 30 dias.

Cerca de 1.000 besouros estão sendo cuidados pela equipe de técnicos e mais ou menos 500 já saíram do laboratório para teste no campo.

O BESOURO E OS BENEFÍCIOS

O projeto da pesquisa visa controlar a proliferação da mosca-dos-chifres e não acabar com ela, mesmo porque não seria possível. A meta do programa, explica Ivo Bianchin, além de diminuir a população da mosca, é reduzir o número de larvas infectantes de vermes nas pastagens, aumentar a produção da pastagem, o que acontecerá através da incorporação na terra da matéria orgânica (fezes bovina), maior aproveitamento do nitrogênio e aumento da área de pastejo.

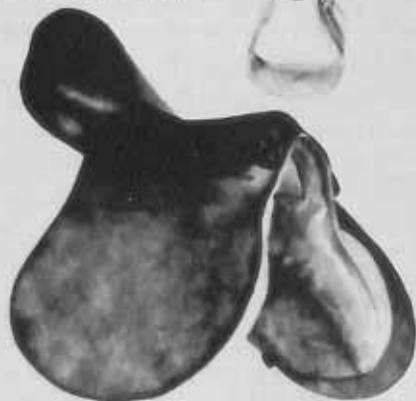
Quanto a distribuição dos besouros, deverá ser feita inicialmente para as áreas mais atingidas como Roraima e em seguida para demais regiões. O pesquisador Ivo Bianchin, lembra novamente que o controle da mosca-dos-chifres deverá ser do tipo integrado, utilizando os métodos químico e biológico e que a introdução dos besouros não deve ser vista como uma panaceia capaz de resolver o problema.

Outras informações poderão ser obtidas no Setor de Difusão de Tecnologia/EMBRAPA/CNPGC, Rodovia BR 262 km 4, telefone 783-1030 ramal 223.

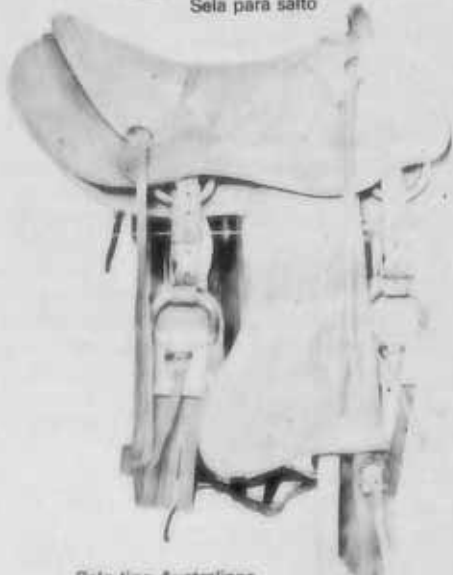
SELAS



Selas de Quatro Milha



Sela para salto



Sela tipo Australiana

CINTOS E FIVELAS



CHAPÉUS



BOTAS E BOTINAS



BRIDÃO



CABRESTO



ESTRIBO



DIVERSOS



Tosquiadeira elétrica



Maleta de couro



Luvas



Torquês



Canivetes



Cavador de cascos



Faca p/churrasco



Mochilas de lona



Tesoura (p/crina)



Facões



Berrante



Rinete

Mosquetão



Escova

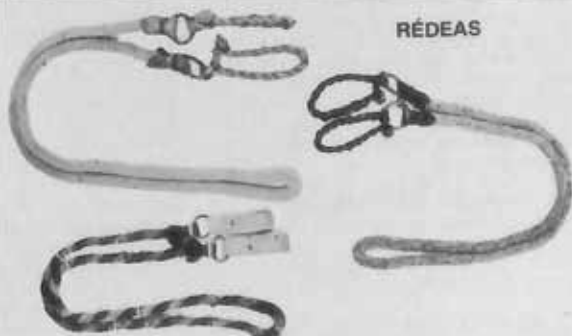


Jogo p/chimarrão

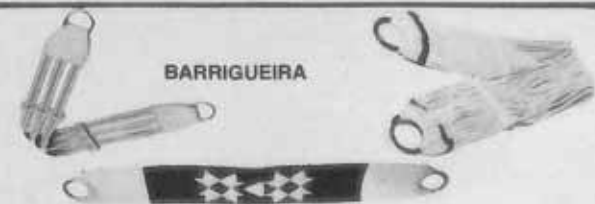
BAIXEIRO



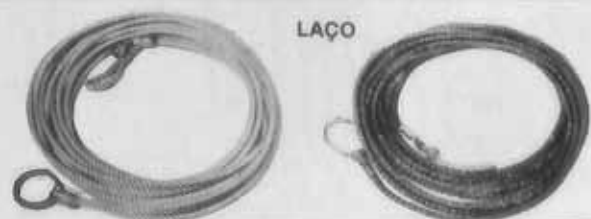
RÉDEAS



BARRIGUEIRA



LAÇO



FORRAGEIRAS DE INVERNO

AZEVÊM CONCORD, UMA NOVA OPÇÃO DE PASTAGEM

Nome científico: *Lolium multiflorum* (Italian Ryegrass).

Nome comum: Azevém Concord.

Origem: Nova Zelândia.

Clima: Temperado.

Relevo: Montanhoso, de baixadas úmidas.

1. DESCRIÇÃO DO CULTIVAR

O Azevém Concord (*Lolium multiflorum* - Italian Ryegrass) é uma graminéia anual em seu local de origem, na Nova Zelândia, onde se desenvolve em clima temperado e de preferência em locais montanhosos e de baixadas úmidas. Porém está se comportando como perene em nossa região, tanto sob forma de ressemeadura natural, bem como através de rebrota da restieva após corte ou colheita de sementes.

É uma planta herbácea, entouceirada, verde, atingindo de 30 a 60 cm de altura, apresentando alta proporção de folhas verdes. Sua reprodução é por sementes.

É material de primeira geração no seu país de origem, sendo, portanto, passível de maiores estudos de suas características produtivas.

2. LOCAL E DATA DA INTRODUÇÃO

Este cultivar foi introduzido para observação nos campos experimentais (Região ABC), pela equipe técnica da área de agrostologia da Fundação ABC em 1986.

3. COMPORTAMENTO DO CULTIVAR NA REGIÃO

No primeiro ano de implantação o Azevém Concord, teve um comportamento de

cultura perene de estação fria, com maior produção de matéria seca na primavera (Gráfico 1). É tolerante ao calor, principalmente quando tor úmido com temperaturas mais baixas à noite.

Apresenta hábito indeterminado com relação à sua floração, maturação e colheita de sementes. Tem-se observado tendência à floração em meados de novembro e a colheita de sementes em janeiro.

4. ASPECTOS DE IMPORTÂNCIA DO CULTIVAR

Para o período que compreende o final do ciclo das pastagens da estação fria e o estabelecimento das pastagens de estação quente, existe um déficit na produção de pasto de alta qualidade.

Essa deficiência qualitativa se estende por praticamente toda a estação quente, muitas vezes agravada pela diminuição da produção no final do ciclo, voltando a normalizar com o restabelecimento das pastagens de estação fria. No entanto, as pastagens de estação quente têm em geral boa produção, porém de baixa qualidade.

Detectados os problemas, entendemos que esse novo cultivar poderá amenizar parte destes problemas, uma vez que está mostrando tendência a ser em nossa região uma cultura uma cultura perene. Sendo assim, poderá ter uma oferta constante de pasto de alta qualidade durante a maior parte do ano, sendo utilizada tanto em forma de pastagem, leno éfou algum pré-seca-da.

5. AVALIAÇÕES PRELIMINARES DO CULTIVAR

Fez-se observações durante três anos dentro dos campos experimentais. No primeiro ano teve uma produção de matéria seca total superior ao azevém comum, entretanto, no segundo e terceiro ano sua produção de matéria seca foi similar. Isso nos leva a crer que esta cultura ainda necessita de maiores estudos quanto à adubação, época de semeadura, densidade de semeadura e manejo.

Quanto às observações feitas sob pastagem, notou-se que exista uma excelente aceitação pelos animais, suportando muito bem os efeitos de pisoteio e pastejo intensivo, apresentando após o diferimento um índice de rebrota muito bom, superando inclusive algumas culturas de clima quente.

Neste ano serão feitas avaliações quanto a doses crescentes de nitrogênio, curva de produção de matéria seca, consorciações com gramíneas e leguminosas, manejo para produção de sementes e efeito de pastagem.

6. DISPONIBILIDADE DE SEMENTES

Para o momento, a Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda. tem disponível 1.500 kg de semente fiscalizada, sendo que desta quantidade parte será destinada à produção de sementes e parte ao pastagem.

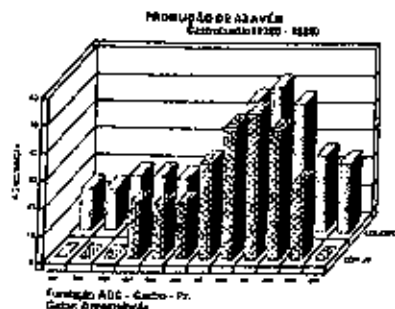
7. ANÁLISE BROMATOLÓGICA

Análise bromatológica do Azevém Concord x Azevém comum em dois estágios vegetativos

	Azevém Concord		Azevém Comum	
	Início de Floração	Floração	Início de Floração	Floração
Matéria seca %	14,4	31,47	14,7	35,7
Prot. bruta %	18,5	17,2	16,1	16,0
Extrato etéreo %	5,0	6,0	3,7	5,0
Fibra bruta %	23,3	26,0	27,7	29,0
Resíduo Mineral %	9,0	9,7	7,7	8,4
Cálcio %	0,40	0,42	0,46	0,41
Fósforo %	0,25	0,24	0,22	0,29
ENIN %	44,2	41,1	42,8	43,6
NDT %	66,7	66,3	65,4	66,9

FONTE: Laboratório de bromatologia da C.C.L.P.L.
Luiz A. da Silveira Kepkin

Ivo R. dos Santos
Agrostologia - Fundação ABC - Jornal da Diet - Caxo - Pr



MANEJO DA ALFAFA

INTRODUÇÃO

É uma planta forrageira perene, originária do Sudoeste da Ásia. Entrou no Brasil pelo Rio Grande do Sul, através do Uruguai e Argentina. Imigrantes italianos e alemães trouxeram diretamente da Europa, cultivando-a nos vales dos rios das regiões coloniais, onde a adequada fertilidade natural dos solos permitiu sua expansão, daí se difundindo para São Paulo, Santa Catarina e Paraná.

A alfafa é considerada como a "rainha das forrageiras", devido à sua palatabilidade, alta qualidade e produtividade.

Alguns pesquisadores têm notado um aumento acentuado na área cultivada de alfafa na região sul.

No estabelecimento da cultura um bom preparo do solo dará garantia de longevidade do alfafa e, consequentemente, com maior número de anos, teremos maior diluição dos custos.

Quanto à fertilização, um dos fatores importantes a ressaltar é a adubação de manutenção com Potássio, o qual se encontra nos tecidos da planta em cerca de 2,7 a 3,0% na matéria seca, isto significa que alfais de maior produção deverão ter maior reposição de potássio.

SEMEADURA:

a - ÉPOCA:

Tanto o frio quanto as altas temperaturas são prejudiciais às plântulas, isto nos indica que as melhores épocas são o outo-

to, justificando a recomendação por que normalmente não são obtidas condições desejáveis de qualidade de sementes, preparo de solo, profundidade de sementes e experiência do produtor com a cultura.

e - FORMA:

Segundo PAIM (1966), pode ser feito tanto a lanço quanto em linhas. A semeadura em linhas afastadas de 30 cm tem proporcionado maiores rendimentos de matéria seca que 20, 40 cm e a lanço, favorecendo a capina, adubação de manutenção, aplicação de defensivos e práticas de colheita.

d - PROFUNDIDADE DE SEMEADURA

Não deve ultrapassar mais do que 1,5 a 2,0 cm sendo conveniente utilizar rolo compactador antes e após a semeadura deixando o solo plano facilitando uma distribuição uniforme.

QUALIDADE DA SEMENTE:

Deve-se exigir do vendedor certificado de qualidade das sementes, principalmente para evitar a introdução de invasoras exóticas na propriedade.

A coloração das sementes é bom indicio de sua qualidade.

Sementes esbranquiçadas demonstram ter sido colhidas prematuramente, cores escuras e negras denotam ser velhas e mal conservadas; as amarelo-esverdeadas normalmente demonstram boa qualidade.

MANEJO:

Dentre os fatores responsáveis pela resistência do alfafa, o manejo talvez seja o mais importante, principalmente no que se refere à rebrota, a qual se efetua às expensas das reservas das raízes e da coroa da planta acumuladas durante o período de crescimento dos caules. O processo de rebrota mobiliza os carboidratos das raízes e da coroa para a parte aérea, diminuindo sua quantidade até que a folhagem nova seja capaz de sintetizar uma quantidade de carboidratos maior do que a consumida e o processo se inverte.

Mantendo uma área foliar, favorece a rebrota intensa e vigorosa, o que permite uma menor mobilização das reservas das raízes.

Trabalhos mostram que a alfafa cortada, mantendo-se uma restiova de 8,0 cm de altura, mobiliza menos reserva e tem um melhor desenvolvimento radicular, auxiliando na captação de nutrientes, maior resistência à seca, principalmente maior produção de matéria seca.

É importante ressaltar que os dois primeiros cortes da alfafa não devem ser feitos prematuramente devendo-se realizar o corte com floração completa para que a planta tire a energia da fotossíntese acumulada maiores reservas, tendo consequentemente uma coroa e o sistema radicular mais desenvolvidos. Já a partir do 3º corte, recomenda-se cortar com 10% de floração, onde temos um bom equilíbrio entre a produção e o qualidade.

Variação na percentagem total de carboidratos não estruturais nas raízes do alfafa, do início do desenvolvimento primário até o estágio de formação de sementes.

Estados	Área Cult (ha)						Estimativa
	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1988
São Paulo	50	50	8		2	7	100
Paraná	3641	1851	2005	2031	189	1867	3500
S. Catarina	379	537	337	894	903	907	1000
R. G. do Sul	12625	12150	11005	7449	8889	7337	15000
Brasil	16035	14496	13405	10374	9683	10187	-

Fonte: ESAIQ, 1986.

ADAPTAÇÃO:

Mundialmente encontra-se alfais cultivados em regiões com baixa temperatura, com flutuação no fotoperíodo e intensidade luminosa relativamente baixa, bem como em regiões subtropicais com menores variações de temperatura.

A alfafa desenvolve-se bem tanto em zonas litorâneas, como também em continentais, com invernos frios e verões quentes e secos.

Normalmente, durante o inverno na região, o crescimento da alfafa se torna praticamente paralisado obviamente de seu ritmo, tendo entretanto, um bom crescimento durante a primavera, verão e outono.

no e a primavera, quando as temperaturas são mais amenas. A época de semeadura também está ligada ao tipo de plantas daninhas dominantes na fase inicial de crescimento. Para a região sul do Brasil a semeadura de outono é mais indicada, e permite que a alfafa se desenvolva suficientemente para competir com as plantas daninhas da primavera seguinte, entrando no verão com o sistema radicular bem desenvolvido, capaz de suportar um período seco prolongado.

Entretanto, no outono, embora seja mais difícil da haver ocorrência de plantas daninhas, as que ocorrem são de folhas largas e de mais difícil controle.

PRODUÇÃO DE ALGUNS CULTIVARES DE ALFAFA

Cultivares (8 cortes)	1º ano (8 cortes)	2º ano (8 cortes)	3º ano (8 cortes)	Total de 3 anos	Média
	t/ha				
Crioula	15,3	13,3	8,3	36,9	12,3
Cherokee	10,0	10,0	8,9	28,9	8,6
Delta	8,7	9,2	8,4	26,3	8,8
Sonora	8,9	8,8	5,4	24,1	8,0
De puits	8,0	8,8	7,2	24,0	8,0
Vernal	8,0	8,7	7,3	24,0	8,0
Moapa	7,8	7,5	6,1	21,5	7,2

Fonte: ESAIQ, 1986.

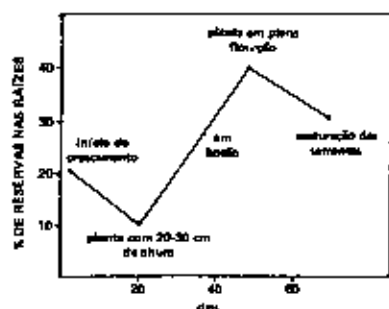
ESTABELECIMENTO:

Um alfafa bem estabelecido deve contar entre 130 e 150 plantas adultas por metro quadrado, o que normalmente é conseguido através de um bom preparo de solo, calagem, fertilização adequada e boa qualidade de sementes.

b - DENSIDADE:

No Rio Grande do Sul não foram observadas diferenças significativas na produção de matéria seca com semeaduras de 5 a 15 kg/ha de sementes de boa qualidade.

A recomendação oscila entre 9 a 12 kg/ha de sementes em linhas e 15 kg/ha



Luiz Antonio de S. Kepkin
Setor de Agrostologia
FUNDAÇÃO ABC - Jornal da Dirat - Cas-
tro - Pr.

HERBICIDAS EM ALFAFA

As espécies de ervas daninhas mais agressivas à alfafa são as gramíneas, que na maioria dos casos podem ser facilmente controladas. As plantas de folhas largas por outro lado, embora menos agressivas, são mais problemáticas, pois as doses de herbicidas requeridas para seu controle não são completamente toleradas pela cultura.

Poucos produtos são registrados para uso na cultura da alfafa, e mesmo assim a maioria é indicada para aplicações de pós-corte em área total (Ex. dalapon, diuron, TCA), o que tem levado muitos produtores (pecuaristas) a buscarem novas alternativas, ainda que arriscadas.

É de se ressaltar que o preparo do terreno para instalação de pastagens de alfafa favorecem a germinação das ervas, o que exige o emprego de herbicidas com residualidade de pelo menos 80 dias para seu controle. Assim, a incorporação de EPTC (Eptam ou Eradicane) em pré-plantio com incorporação e o tratamento que tem proporcionado os melhores resultados para controles de gramíneas. O trifluralin (Trifluran e outros) não deve ser aplicado em pré-plantio com incorporação devido a alta fitotoxicidade (plantas não germinam).

Aplicações em pré-emergência com Trifluralin 600 ou Novolate, podem ser realizadas com mais segurança, contudo sua eficácia e residualidade tendem a ser menores que os produtos de incorporação.

As folhas largas devem ser controladas em pós-emergência, sendo nossas experiências limitadas ao bentazon (Basagran), com a alfafa maior que 12 cm.

Quatro formas de controlar o amplo espectro de ervas em pós-emergência é pelo uso de herbicidas de ação total, porém recomendamos seu emprego apenas nos casos em que a extensão não comprovar necessidade.

O quadro 1 ilustra as opções comentadas no texto, bem como outras, adotadas em outros países. Solicitamos atenção especial na interpretação deste quadro, pois nem todos os herbicidas mencionados têm liberação para uso em alfafa junto ao Ministério da Agricultura.

Gramíneas pós-emergência como Poast, Fusilade e outros em fase de registro (não mencionados no quadro) apresentam excelente controle de papua e pe-de-galinha, e têm sido aplicados em condições práticas. Salientamos, entretanto, que não dispomos de dados a respeito do período de carência entre a aplicação destes herbicidas e o próximo corte da alfafa.

QUADRO 1 - HERBICIDAS EMPREGADOS EM ALFAFA.
FUNDAÇÃO ABC 1989

INGREDIENTE ATIVO	MARCA	DOSE (l/ha)	PPI PRE PÓS	COMENTÁRIOS
EPTC	Eptam Eradicane	5,0	PPI	Controle de gramíneas, caruru, picão branco e espérgula.
trifluralin	Trifluralina 600 Novolate	4,0	PRÉ/POS	Usar em solo bem preparado em pré-emergência ou pós-emergência imediatamente após o corte. Espectro de controle similar ao EPTC.
metribuzin	Sencor Lexone	0,7	PÓS	Aplicar imediatamente após o corte. Misturas com trifluralin ampliam o espectro de espécies controladas.
atrazine bentazon	Varias Basagran	4,0 1,0	POS POS	Idem metribuzin. Controle de folhas largas. Alfafa deve estar maior que 12 cm.
paraquat	Gramoxone	1,5	PÓS	Tratamento emergencial. Aplicar imediatamente após corte.
diquat glyphosate	Regione Roundup	1,5 1,5	PÓS POS	Idem paraquat. Tratamento emergencial. Aplicar imediatamente após corte antes do início da rebrota.
2,4-D	Várias	0,8	PÓS	Tratamento emergencial. Aplicar para controle de língua de vaca antes do início da rebrota. A alfafa deve estar cortada o mais baixo possível. Reduz produção do próximo corte e brota.

1 Referir ao texto para herbicidas pós-emergentes para controle de gramíneas.
Volnei Feliciano de Oliveira
Setor Desenvolvimento Agrícola
Fundação ABC - Castro - Pr
Jornal da Dirat - Castro - Pr

DOENÇAS EM ALFAFA

Como cultura perene, a alfafa providencia condições ideais para um grande número de patógenos. Teoricamente a alfafa como cultura perene deveria continuar produzindo por dezenas de anos, mas sua vida útil de campo se estende apenas a até uns três ou quatro anos.

Esta debilitação gradual e irreversível de plantas é devida aos efeitos combinados de patógenos pragas e condições ambientais.

Embora informações recentes indiquem que a ação dos fungos é fator significativo quanto à redução de sobrevivência da alfafa, o impacto dos fungos individuais continua ainda desconhecido.

Poucas plantas de alfafa numa lavoura têm nenhuma doença, e a maioria das plantas hospedarão diversos patógenos ao mesmo tempo, desta maneira, dificultando a identificação das doenças individuais.

Certas práticas de produção também podem estimular o desenvolvimento de doenças. A frequente passagem de máquinas de compactação do solo, causa prejuízos às raízes e coroas das plantas e contribui para a distribuição de muitos patógenos.

Os ferimentos das plantas no momento de corte criam pontos de entrada por certos patógenos, enquanto intervalos curtos entre cortes, enfraquecem a planta.

Qualquer uma dessas práticas, provavelmente, aumenta a susceptibilidade da alfafa para doenças radiculares e de coroas.

Práticas errôneas de irrigação alteram o ambiente da planta em favor do desenvolvimento de muitas doenças radiculares.

Em relação à resistência da alfafa, as doenças mais sérias são aquelas que afetam a parte perene da planta, a coroa e as raízes. Os patógenos que infestam talo e folha podem causar severas perdas temporárias, mas são eliminados, com a mudança das condições meteorológicas. Estes patógenos em cada estação do ano têm de se estabelecer de novo, ao contrário do que acontece com as doenças radiculares e de coroa que permanecem durante a vida da planta, muitas vezes matando a alfafa devagar.

Muitas doenças radiculares e de coroa também têm sintomas na folha e no talo, aparecendo somente em certa época do ano. No entanto, a não presença por períodos não significa que a planta se recuperou totalmente.

Um exame mais detalhado se faz necessário para descobrir a presença da maioria das doenças dando chance ao fator da sobrevivência da planta se ampliar após a infecção inicial.

Bactérias, vírus, fungos e muitos outros fatores ambientais são causadores conhecidos de doenças em alfafa, no entanto, os fungos geralmente causam o maior número de doenças como também as maiores perdas.

Embora estes patógenos causem perdas importantes, o produtor tem poucas ferramentas, como tratamento das sementes a resistência genética para controlar as

As vezes, alguns métodos de cultura podem ajudar. Práticas de irrigação e colheita podem ser manejadas visando reduzir as doenças. Por exemplo, um corte antecipado reduz as perdas por doenças foliares. Além de acompanhar periodicamente essas doenças foliares, uma análise das raí-

zes e coroas deve ser feita frequentemente.
FONTE: Integrated pest management for Alfafa Hay,
University of California

Dr. Hans Peeten
Fundação ABC
Jornal de Diret - Castro - Pr.

PRODUÇÃO DE ALFAFA E SEUS ASPECTOS

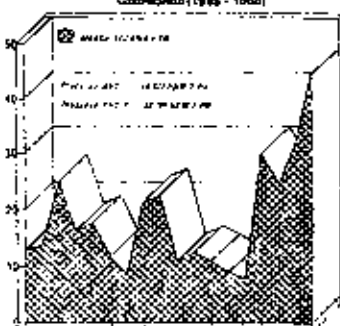
Algumas tentativas foram feitas no ano de 1978 para introduzir a alfafa. Em primeiro lugar a variedade usada não correspondeu muito bem. Também não foram obtidos bons resultados com o método de correção do solo. Por essa razão a cultura foi esquecida por alguns anos até que fossem tomadas medidas para corrigir o solo de forma que atendessem as exigências da cultura.

Como a alfafa é uma planta que tem um

sistema radicular longo que tende a explorar as regiões bastante profundas do solo, a metodologia adotada foi a correção profunda do solo tentando eliminar principalmente o alumínio tóxico nas camadas mais interiores do solo. Outra medida tomada foi a elaboração de uma adubação mais adequada, tentando o suprimento de microelementos para não incorrerem em problemas de deficiências induzidas por uma alta correção do solo.

PRODUTIVIDADE DE ALFAFA NOS PRINCIPAIS ESTADOS DO BRASIL									
TONELADAS DE FENHO									
ANO	77	78	79	80	81	82	A. cultivada ha	Produção Média Feno/ha	
SÃO PAULO	8	5,6	10	12,5	4,8		24	8,3	
PARANÁ	7,2	5,2	5,5	6,1	5,5	6,8	2214	6,2	
S. CATARINA	9,5	7,6	9,8	10,2	10	10,2	668	9,5	
R.G. DO SUL	5,1	5,4	6,1	7,9	8,4	7,6	9485	6,7	
BRASIL ABC	7,5	6,2	7,8	8,0	9,3	7,3	3097	7,6	
							300-400	12-15*	

CURVA DE PRODUÇÃO DE MASSA SECA DE ALFAFA
Construída em 1975 - 1980



Fundação ABC - Castro - Pr.
Diretor, Agrostologia

**TABELA I - DADOS DE PRODUÇÃO
POR CORTES DE ALFAFA.
CASTROLANDA
(1985-1986)**

ANO I - 14.921 kg/M.S./ha
ANO II - 13.769 kg/M.S./ha.

Corte	Período	Kg/M.S./ha
1	Dezembro	1294
2	Janeiro	1369
3	Fevereiro	2497
4	Março	1613
5	Abril	1704
6	Maio	1162
7	Junho	841
8	Julho	2125
9	Agosto	2256
10	Setembro	1093
11	Outubro	1250
12	Novembro	1110
13	Dezembro	900
14	Janeiro	790
15	Fevereiro	2995
16	Março	2462
17	Abril	3168
18	Maio	4467

**TABELA II - DADOS DE PRODUÇÃO
POR CORTES DE ALFAFA.
TIBAGI
(1987-1988)**

ANO I - 14.429 kg/M.S./ha.
ANO II - 8.151 kg/M.S./ha.

Corte	Período	Kg/M.S./ha
1	Dezembro	2232
2	Janeiro	2590
3	Março	1885
4	Abril	1322
5	Maio	1227
6	Junho	1810
7	Setembro	2500
8	Outubro	2135
9	Novembro	2440
10	Dezembro	1340
11	Janeiro	1385
12	Março	1280
13	Maio	1300
14	Setembro	640
15	Outubro	850
16	Novembro	1485
17	Dezembro	90
18	Janeiro	1220

Este gráfico ilustra uma situação bastante interessante que é uma queda muito acentuada no 2º ano de avaliação agravada pela falta de chuva e muito provável por um desequilíbrio nutricional. Para a região de Tibagi é importante salientar que é possível obter uma produção maior de alfafa no período de inverno visto que normalmente as geadas não têm sido rigorosas como as da região de Castrolanda.

COMENTÁRIOS:

As produtividades obtidas até o momento vêm sendo satisfatória e provavelmente com um potencial maior.

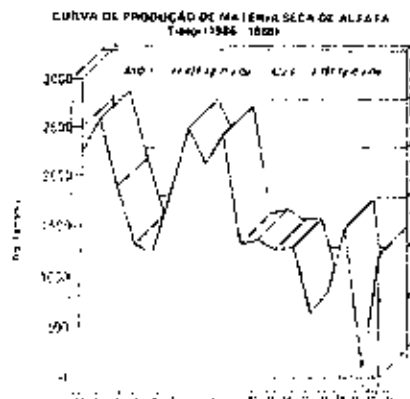
Foram observados muitos problemas de estabelecimento dos alfais, principalmente nas áreas de pastagens velhas ou áreas com muita resteva de culturas. Problemas especialmente com fungos de solo. Outros problemas também observados foram a falta de estabelecimento do rizóbio, ervas, pragas, manejo de corte e manutenção da cultura.

Ivo Rodrigues dos Santos
Setor Agrostologia
Fundação ABC - Jornal da Diret

Neste primeiro gráfico foi possível avaliar o comportamento produtivo da alfafa durante 18 cortes. Durante o ano observase que as produções maiores estão concentradas principalmente na primavera, verão e outono havendo no período mais frio do ano.

Entretanto, foi possível observar que a partir de outubro/85 a produção começou a baixar principalmente por quatro fatores: falta de adubação de manutenção, temperaturas médias elevadas, irregularidades na distribuição de chuvas e também um grave ataque de pulgões, comprometendo mais de uma produção.

Em janeiro/86 foi feita uma aplicação de 40 t/ha de esterco de poedeiras e a partir desse tratamento pôde-se observar um aumento da produção.



CALCULO DE CUSTO DA ALFAFA

Saldo/hatano	Alfafa: 4 anos	02/89	
Descrição	Cr\$	Unitario	Valor
Produção em M.S./ha	103.91	10.00	1039.13
Receita bruta (A)			1039.13
CUSTOS VARIÁVEIS			
Semente	8.37	3.75	33.26
Sub-Total (A)			33.26
Fertilizantes			
- Calcário (ton)	8.52	2.50	21.30
- Yodanin	15	150.00	22.50
- 00-20-20	16	400.00	64.00
- 00-20-60	18	480.00	86.40
- quimol	7.43	0.5	3.72
- barax	45	10.00	4.50
- sulfato de zinco	42	10.00	4.20
- sulfato de cobre	90	10.00	9.00
Sub-Total (B)			212.27
Sub-Total (C)			212.27
Defensivos			
- roxai	25.92	0.2	5.18
- posai	20.13	1.00	20.13
- pirimor	11.33	15	1.70
Sub-Total (D)			26.99
Trat. Culturais			
- opt. correlativos	1.19	83	4.31
- aração (2)	4.54	1.16	5.24
- apadradação (2)	5.04	36	1.81

-Semeadura	4.64	.22	1.03
-rolo /2"	4.03	.24	.97
-pulverização	4.00	.30	1.20
-adubação	4.12	2.68	11.04
-segadeira /10"	3.89	10.80	42.91
-entardadeira /10"	6.36	8.70	56.33
Sub-Total (d)			145.11
Outros custos			
-transp. ext.	.26	10.00	2.80
-assist. técn.	3.32	1.00	3.32
-progr. 5% VBC	.03	420.85	10.52
-custo fin. 15% a.a	.15	420.85	63.13
Sub-Total (e)			79.57
Total custo variável (f)			500.43
Saldo (h) (A - F)			538.70
CUSTOS FIXOS			
-apl. corretivos	5.51	.83	4.57
-aração /2"	3.99	1.16	4.61
-gradação /2"	4.37	.35	1.51
-semear	4.65	.22	1.03
-rolo /2"	4.64	.24	1.11
-pulverização	4.30	.30	1.29
-adubação	3.53	2.68	9.46
-segadeira	4.70	10.80	50.76
-entardadeira /10"	5.48	5.10	27.95
-entardadeira	9.91	8.70	86.22
-mao-de-obra	.67	30.37	20.35
-remun. terra 5% a	1000.00	.05	50.00
-desp. gerais 8% CV	.08	500.43	40.03
Sub-Total (G)			298.90
Custo total (F + G)			799.33
Custo/ton MS			79.93
Lucro líquido / 30%			239.80
Dr. Hans Peeters Fundação ABC - Castro - Pr			

DE QUE FORMA APROVEITAR A ALFAFA

Quando se fala do aproveitamento da alfafa em nossa região, fala-se para uso na alimentação de gado de leite.

Nós temos na realidade várias opções para conservar e/ou aproveitar a alfafa

1. Feno
 - secado no campo
 - secado artificial
2. Silagem
3. Verde no cocho

FENO SECADO NO CAMPO

Vantagens	Desvantagens
-Qualquer tamanho de área pode ser leilado.	-Clima não é sempre favorável, quando se deve fazer feno.
-Fácil estocagem.	-No manejo perdas de folhas.
-Pode ser leilado por terceiros	-Máquinas existentes no Brasil

SECADO ARTIFICIAL

Vantagens	Desvantagens
-Mesmo que feno no campo.	-Precisa de investimento numa secadora.
-Não depende do clima.	-Máquinas para recolher, são escassas no Brasil.
-Menos perda de folhas e qualidade	

SILAGEM PRÉ-SECADA

Vantagens	Desvantagens
-Depende menos do clima do que feno no campo.	-Precisa de uma área razoável para ensilar (4-5 hectares).
-Menos perda de folhas, e por isso melhor possibilidade de conseguir forrageira de melhor qualidade	-Mecanização escassa no Brasil.
	-Sistema de estocagem exige certa preservação.

CORTAR PARA ALIMENTAÇÃO DIRETA VERDE

Vantagens	Desvantagens
-Não há perdas na qualidade	-Precisa cortar dinamicamente.
-Qualquer área pode ser utilizada	-Com chuvas, os legumes no campo

Interessante relatar alguns dados americanos que comparam alfafa verde com alfafa artificial (feno natural e silagem).

A secagem artificial não teve efeito no consumo voluntário, mas a eficiência do

ALFAFA NA ALIMENTAÇÃO DO GADO DE LEITE

Na alimentação de gado de leite dependemos da qualidade das forrageiras usadas, as quais influem em vários fatores, que também observamos na cultura da alfafa.

ESTÁDIO DE CRESCIMENTO

O estágio de crescimento no qual a planta é colhida é de grande importância no valor nutritivo da alfafa. Alfafa mais jovem tem uma digestibilidade mais alta e consumo maior, quando se deixa crescer mais os talos aumentam relativamente mais a qualidade diminuir o seu valor nutritivo mais baixo.

Para obter uma boa qualidade de forrageira, devemos cortar a alfafa próxima do início da florada e sempre também obtendo a importância de regras agrônomicas.

PARTE DAS PLANTAS

Como a colheita, a folha tem um valor nutritivo mais alto que os talos, os quais apresentam mais de 75% fibra bruta de planta. A quantidade de lignina nos talos é normalmente três vezes maior do que nas folhas. O valor nutritivo das folhas fica sempre constante mesmo nas plantas mais velhas, ao contrário nos talos maduros o valor nutritivo diminui em proporção.

Como tentos observado a quantidade de forragem na planta influ positivamente no valor nutritivo da alfafa. Nos devemos então procurar manter uma maior quantidade possível de folhas na forrageira.

Sabendo isto, entendemos também que com a presença de doenças e insetos que causam estresses principalmente nos talos a qualidade da alfafa baixa.

feno variou demais, de 11,2% até menos de 32,6% e a silagem baixou de 1,1% até 61,8% em relação com alfafa verde, ou seja, quando se faz o feno e silagem se deve fazer este de melhor qualidade possível.

A digestibilidade da matéria orgânica do feno baixa até 15% e da silagem de 0-10% em comparação ao material original.

Em nossa região foram feitas várias análises bromatológicas da alfafa verde e feno, as quais estão relacionadas abaixo.

RESULTADO DE ANÁLISE DA ALFAFA COM BASE MATÉRIA SECA

	Verde	Feno
Matéria seca	20,5%	81,23%
Proteína bruta	25,4%	18,06%
NDT	65,9%	62,98%
UE	2,06	1,94
UP	3,49	2,49
Fibra bruta	27,21%	30,80%

O que observamos entre a qualidade de material verde e feno é que a proteína baixa 7% por kg de matéria seca, quando a energia em NDT baixa 4%.

A proteína baixa de tal forma que em cada 2 kg de M.S. de feno se perde a proteína igual a 1 kg de B3815 em comparação com o material verde.

COMO USAR A ALFAFA

Pouca disponibilidade.

Usar para bezerros e/ou vacas recém-paridas até 70 dias pós-parto.

Estudando a qualidade da alfafa concluímos que a energia é suficiente para produzir 11 a 12 litros de leite para uma vaca de 500 kg com sobra de proteína em forma verde e 9-10 litros a mesma vaca se alimentando com feno de alfafa.

Média disponibilidade

bezerros.

vacas de leite

Grande disponibilidade

bezerros.

novilhas até 1 ano.

vacas de leite.

EM QUE FORMA

Disponibilidade: pouca: feno
média: verde e as sobras
fazer silagem

Em resumo e concluindo, dadas as vantagens das nossas condições climáticas, uma pergunta devemos fazer: por que usar silagem e feno, quando se pode usar este produto verde praticamente o ano inteiro?

Joseph H. Kramer
DEZO - Departamento de Zootecnia
Jornal da Dirai - Castro - Pr

SAIBA TUDO SOBRE PECUÁRIA

COM A ASSINATURA - ANUIDADE DA REVISTA DOS CRIADORES

REPRESENTA

12 edições
por
ano

1 título de
associado da
A.B.C.

PEDIDO DE ASSINATURA - ANUIDADE

VALOR DA ASSINATURA - ANUIDADE: - 72 BTN's a partir do mês que V.Sa. escolher para associar-se.

Envie este cupom preenchido acompanhado com o respectivo cheque no valor de 72 BTN, nominal à Editora dos Criadores Ltda., Rua Vendelino Aires, 31 - CEP 05024 - São Paulo - SP.

TELEFONE PARA INFORMAÇÕES: (011) 871-0317 - 263-8314.

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CIDADE: _____ CEP: _____ ESTADO: _____

TELEFONE: _____

ENDEREÇO PARA REMESSA DA REVISTA: _____

CIDADE: _____ ESTADO: _____

CEP: _____ TELEFONE: _____

R.G.: _____ C.I.C.: _____

DATA: _____ ASSINATURA: _____

sementes



SEMENTES PARA PASTAGENS PLANTIO DE PRIMAVERA

GRAMÍNEAS

Brachiária Brizantha (Brachiarão)
Brachiária Humidícola
Brachiária Decumbens
Brachiária Ruzizienses
Capim Colonião
Capim Centenário
Capim Tobiatã
Capim Andropogon
Capim Buffel Grass
Capim Jaraguá
Capim Pensacola
Capim Guine-Coloninho
Capim Green Panic
Capim Gordura
Capim Rhodes
Setária Kazangula
Sorgo Forrageiro
Milho Híbrido - BR 201

LEGUMINOSAS

Feijão Gandu	Feijão Porco
Mucuna Preta	Mucuna Anã
Soja Perene	Calopogônio
Puerária	Siratro
Alfafa	Tremoço
Lab Lab	Leucena

SEMENTES PARA PASTAGENS PLANTIO DE INVERNO

GRAMÍNEAS

Aveia Preta
Azevém
Centeio
Milheto

LEGUMINOSAS

Trevo Branco
Trevo Vermelho
Trevo Subterrâneo
Trevo Branco Ladino

SEMENTES DE HORTALIÇAS E LEGUMES

Cenoura
Alface
Beringela
Abobrinha
Couve-flor
Rabanete
Beterraba
Tomate
Agrião
Couve Manteiga
Pimentão
Espinafre



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

SÃO PAULO: Sede e Loja 1. Rua Jaguaribe, 634 - CEP 01224 - Tel.: (011) 826-3033 - 800-3746 - 800-3747, Caixa Postal 9194, Telex: 11.21003 ABIB-BR, Loja 2. Av. José Cesar de Oliveira, 175 - CEP 05317 - Tels.: 831-7966, 800-7068 e 261-8438. Aberta até às 22 h. **RIO DE JANEIRO, Loja 3.** Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 e 3A - junto a Praça da Igreja - São Cristóvão - CEP 20931 - Tels.: (021) 264-7250 e 264-7255.

Os prefixos 800 são para ligações do interior para as capitais e sem despesas para o interessado.

COMPOSTO ORGÂNICO

Waldenor da Rocha Gomes¹
Eurípedes Pacheco¹

1. INTRODUÇÃO

A nossa produção agrícola é altamente dependente de utilização dos chamados insumos modernos (inseticidas, herbicidas, fertilizantes químicos, etc...). Muito se fez no Brasil para que o produtor usasse a prática da adubação química. Agora, temos aí um quadro triste onde este produtor, além de alto preço pago pelo adubo, tem que enfrentar as dificuldades provenientes de um mercado cheio de imprevistos.

Neste caso, a solução é procurar alternativas que visem melhorar ou conservar a fertilidade dos solos, simplificando o sistema operacional das propriedades, a fim de que a dependência pela adubação química seja diminuída. Com certeza, a adubação orgânica é um recurso que não pode ser deixado de lado nesta batalha. Entenda-se, desde já, que o efeito da matéria orgânica no solo não é apenas o de fornecedor de nutrientes para as plantas mas, principalmente, de modificador, para melhor, de suas propriedades físicas e biológicas.

Preferivelmente a matéria orgânica deve ser usada após estar decomposta (curtida). A compostagem é uma técnica eficiente para conseguir este curtimento.

¹ Professores do Departamento de Agricultura da ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA DE LAVRAS - LAVRAS - MG.

Artigo extraído do Boletim Técnico da Escola Superior de Agricultura de Lavras.

2. EFEITOS DA MATÉRIA ORGÂNICA NO SOLO

2.1. Fornece elementos nutritivos ao solo

Embora em pequenas quantidades, ela é fonte de todos os macro e micronutrientes: nitrogênio, fósforo, potássio, zinco, boro, etc.

2.2. Melhora o nível de aproveitamento dos adubos químicos

A matéria orgânica ajuda na retenção dos nutrientes, fornecendo quimicamente, dando tempo ao aproveitamento dos mesmos pelas plantas e amenizando os efeitos de sua infiltração rápida para as camadas mais profundas do solo.

2.3. Ajuda a dissolver os nutrientes do solo

Devido à ação dos ácidos orgânicos contidos no húmus (restos vegetais ou animais decompostos).

2.4. Melhora a estrutura (granulação) do solo

Confere o solo maior capacidade de absorção e armazenamento de água, possibilitando, ainda, uma boa aeração, um melhor desenvolvimento do sistema radicular e maior facilidade nos cultivos.

2.5. Possibilita um melhor controle da erosão

A matéria orgânica no solo funciona como um cimento, tornando o solo mais resistente ao arrastamento pelas enxurradas.

2.6. Ativa a vida microbiana do solo

Resultam disto novas e acentuadas melhorias para o solo, pois a matéria orgânica serve de alimento para os pequenos seres aí existentes.

3. COMO FORNECER MATÉRIA ORGÂNICA AOS SOLOS

3.1. Enterrando os restos culturais, ao invés de queimá-los

3.2. Através da prática de adubação verde (estabelecimento de culturas para posterior incorporação ao solo);

3.3. Utilizando esterco, tortas e compostos orgânicos

4. OBTENÇÃO DOS COMPOSTOS ORGÂNICOS

4.1. Material utilizado

De maneira geral, todos os restos orgânicos, vegetais ou animais, encontrados na propriedade agrícola podem ser utilizados na fabricação dos compostos. Embora estes restos orgânicos dependam da propriedade considerada, citamos, a título de exemplo, palhas resultantes de batida de cereais, palha de café, serragem, bagaço de cana, casca de arroz, sobras de coqueira e camas dos animais. Se possível deve-se utilizar 2 a 4 partes de restos vegetais (material rico em hidratos de carbono), para uma parte de esterco (material rico em nitrogênio). Os materiais ricos em nitrogênio são de fácil decomposição e se prestam como fonte de microorganismos para os demais. Na ausência de esterco pode-se usar terra de mato ou sobras de um composto orgânico anterior.

4.2. Condições básicas para que a matéria orgânica possa ser decomposta (curtida)

4.2.1. Microorganismos

Os principais grupos de microorganismos que realizam decomposição de matéria orgânica são as bactérias e fungos. Os materiais inoculares, como os esterco, as carnes de animais, resíduos de frigoríficos, tortas oleaginosas, ou, mesmo, sobras de compostos anteriores, são ricos nestes microorganismos. Daí a necessidade de um destes materiais estar presente no processo de compostagem.

4.2.2. Aeração

Trata-se de um processo de fermentação onde a presença do ar na massa é indispensável. Para tanto, o material empilhado não deverá sofrer compactação excessiva e, periodicamente, deve ser revolvido. Ocorrendo fermentações na ausência do ar, haverá perda de nitrogênio, odores desagradáveis e problema com a proliferação de moscas.

4.2.3. Umidade

O material em decomposição deverá estar sempre úmido, entre os limites de 30 e 70% de umidade. Valores menores que 30% impedem a fermentação e maiores que 70% expulsam o ar do ambiente. A melhor faixa de umidade estará entre 40 e 60%. O material deve mostrar-se úmido, sem, entretanto, deixar escorrer água quando prensado.

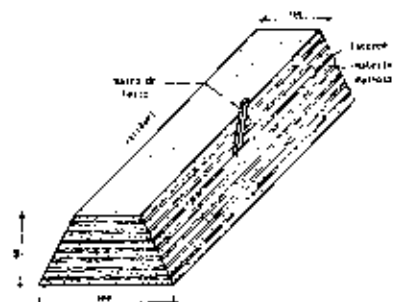
4.2.4. Temperatura

O trabalho dos microorganismos para fazer a decomposição da matéria orgânica resulta na liberação de calor, portanto, aquecendo o meio. A melhor faixa de temperatura é de 60 a 70°C que, inclusive, contribui para a esterilização do material, provocando a morte dos organismos que causam doenças às plantas e destruindo materiais propagativos de ervas daninhas (sementes, pedaços de caule, etc.). A constatação prática da temperatura desejável é feita mediante o apalpar, com as costas da mão, em uma barra de ferro ou vara que se deixa fincada no material empilhado, a uma profundidade mínima de 50 cm. Deve-se senti-la quente, a 40 cm de profundidade sem entretanto, ter necessidade de retirar a mão para não queimar.

4.3. Passos para a obtenção dos compostos orgânicos

4.3.1. Amontoar o material em pilhas, intercalando uma camada de restos vegetais com uma fina camada de material inoculante (esterco), tendo-se o cuidado de molhar cada camada que esteja seca. A pilha deve apresentar cerca de 3,0 m de largura na base inferior e 1,5 m na superior por 1,6 m de altura e comprimento variável, de acordo com a disponibilidade de material (figura 1).

Figura 1. Pilha de estercos e restos vegetais, de acordo com a disponibilidade de material (figura 1).



4.3.2. Manter o material sempre úmido, molhando-o pelo menos uma vez por semana.

4.3.3. A cada 20 dias, picar e revolver o material, formando uma nova pilha.

4.3.4. Aos 90 dias, aproximadamente, o material estará curtido e transformado em composto orgânico (cor escura, moldável quando apertado entre as mãos, com cheiro de terra e temperatura baixa no interior do montel).

4.4. Rendimento

O rendimento do material final é da ordem de 1/3 a 1/2 do volume inicial, pesando cerca de 500 kg/m³.

4.5. Custo de produção

Estima-se que o composto orgânico, preparado manualmente, custa um nonemidia de trabalho por tonelada.

5. APLICAÇÃO

Recomenda-se, como aplicação média, a utilização de 20 a 30 toneladas de composto orgânico por hectare. Como regra geral, um bom composto pode ser aplicado em qualquer tempo, em qualquer cultura e em qualquer quantidade.

A forma de aplicação varia, principalmente, com o tipo de cultura, quantidade de composto obtido e equipamentos disponíveis, podendo ser em cobertura, em cobertura com incorporação ao solo e em covas.

É interessante salientar que nos solos continuamente sob cultivo, pequenas quantidades em freqüentes aplicações são mais eficientes que grandes quantidades aplicadas a longos intervalos.

6. OBSERVAÇÕES

Existem controvérsias quanto à utilização de calcário e/ou fertilizantes durante o preparo dos compostos, persistindo, entretanto, algumas idéias:

6.1. Calcário

Deve ser usado para corrigir o pH na preparação de compostos orgânicos em que no material utilizado ocorre grande quantidade de folhas.

6.2. Superfosfato simples

Usado acima de 2% parece prejudicar a atividade de alguns organismos inferiores.

6.3. Fosfato de rocha

Usado até 25kg/tonelada de material durante o preparo, aparentemente não prejudica a atividade das minhocas em compostos produzidos à base de esterco.

6.4. Esterco e esterco diluído em água

São superiores a adubos nitrogenados quando adicionados a materiais pobres em nitrogênio, com palhas e folhas.



por Alberto James Reynaud
Woodward - ABCCA

5ª EXPOSIÇÃO INTERESTADUAL



Mesmo com a chuva e vivendo os primeiros dias do "Plano Collier", a Associação Brasileira dos Criadores do Cavalo Árabe conseguiu realizar com sucesso a 5ª Exposição Interestadual do Cavalo Árabe, que aconteceu de 21 a 27 de março no Parque da Água Branca em São Paulo.

É claro que estes dois fatores atrapalharam o brilho do evento, a chuva afugentou o público nos primeiros dias da exposição, mas com o retorno do sol o público apareceu enchendo as arquibancadas do Parque da Água Branca. Devido a falta de segurança do mercado financeiro, os dois leilões programados para o evento foram adiados pela diretoria da ABCCA, que resolveu esperar um pouco para melhor atender o funcionamento do mercado. Segundo Regis Tortorella, Vice-Presidente de Fomento da ABCCA, a medida visou não só a proteção dos negócios dos associados, como a integridade da raça Árabe, que nos últimos anos mostrou-se como um investimento promissor. Estes leilões devem ser realizados durante a 1ª Exposição Interestadual do Cavalo Árabe que acontecerá de 10 a 13 de maio em Bragança Paulista.

O "Plano Collier" atrapalhou também as provas de Hipismo Clássico programadas para a tarde de sábado que tiveram que ser canceladas. É que a maioria dos inscritos viriam do interior paulista e devido a escassez de dinheiro, eles resolveram poupar os poucos cruzeiros disponíveis ao invés de gastá-los com o frete dos animais.

Apesar das nuvens negras que pairaram sobre o evento, a organização da ABCCA soube contornar habilmente os problemas que surgiram, fazendo com que a Interestadual transcorresse sem maiores transtornos.

A mostra começou na tarde do dia 21, quarta-feira, com o julgamento de conformação dos mestiços de sangue Árabe, realizado pelo juiz norte americano Kit Hall, um dos melhores do quadro da International Arabian Horse Association, e especialista em provas de Performances (provas de montaria típica da raça). Kit consagrou entre os mestiços o cavalo **PV Dablio (AF Marquês x PV Zarzuela)** como Grande Campeão MSA (Mestiço de Sangue Árabe), animal de criação do Haras Curral de Pedras de Pedregulho - SP e exposto pelo Haras Bertale, de Franco-SP e, como Reservado Grande Campeão MSA **Shagsham (*Shagdal x Shambala Del Cid)** criado e exposto pelo Haras El Cid, de Campos do Jordão-SP. A Grande Campeã MSA foi a

potranca **Elba (*Serenity Mashalla x AF Ogiva)** criada pelo Haras Phoenix, de Nova Odessa-SP, ficando como Reservada Grande Campeã **Hafati Ivonna (Kapel FA x To-chadunga)**, criação do Haras Nossa Senhora de Fátima, de Itapetininga-SP e exposta pelo Haras Santa Angela de Araras, de Araras-SP.

À noite, a principal atração daquela quarta-feira aconteceu no Jockey Clube de São Paulo, onde foi realizada pela primeira vez uma reunião com dois pares para animais de sangue Árabe, ambos na distância de 1.600m na raia de areia, que se encontrava pesada devido a forte chuva que caiu. A primeira corrida do programa foi reservada para animais da raça Anglo-Árabe e foi vencida pela égua **Eifel (*Boubou x Key Flaver)**, criação do Haras das Flexas e apresentada pela Carangola Agropecuária. **Eifel** venceu com larga vantagem, acumulando a quinta vitória de uma campanha invicta. O segundo par, para os Puros Sangue Árabes, foi vencido por **Rezzah (*Abbas Pasha x Ritama)**, criação da Fazenda Morro Vermelho e propriedade de Guerra Cavalos Árabes. **Rezzah MV** também não encontrou dificuldades para se impor sobre seus adversários, atropelando na curva para cruzar o disco com 16 corpos de vantagem e conseguindo a terceira vitória de sua campanha, também invicta. Um detalhe curioso é que cada uma de suas vitórias aconteceram em hipódromos diferentes: Uma em Campo Grande-MG, outra em São Vicente-SP e agora em Cidade Jardim.

Na quinta pela manhã teve início o julgamento da raça Anglo-Árabe, que durou o dia todo e devido a ausência de Orlando Facada, foi realizado por Kit Hall. Alguns criadores acharam que esse troca-trava um resultado inesperado, elegendo um animal mais arábido do que um cavalo atleta, mas Kit surpreendeu realizando um julgamento nos moldes do cavalo de hipismo (pois ele também é um ginete), fazendo uso do triângulo e elegendo como vencedores os mesmos animais escolhidos outrora por outros juizes.

O grande campeão A-A foi o cavalo

Amadeus (C-Corinto x Idalita) criado e exposto pelo Haras Beira Rio, de Campinas-SP, seu Reservado foi o potro **Gadaz JP (*Shah Ibn Rahnda x Ethelkoh)** criado e exposto pelo Haras Serradinho, de Jaboticabal-SP. O título de Grande Campeã foi para a potranca **Jazz Wazan OC (*MoraficWazan x Jazz Night)** criada e exposta pelo Haras Pitangueiras, de Salto de Pirapora-SP; a Reservada foi a também potranca **Happy Sunny JP (*Shah Ibn x Databi)** criada exposta pelo Haras Serradinho, de Jaboticabal-SP.

O puro Sangue Árabe foi o dono da festa na sexta, sábado e domingo, quando foram realizados os julgamentos de conformação da raça e as provas de Performance. Graças ao sol, que resolveu dar o azar de sua graça, o fim de semana foi bem movimentado e nem mesmo a corrida de Fórmula-1 tirou o público da exposição, que assistiram aos Grandes Campeonatos e depois foram ver a corrida confortavelmente instalados na sede da ABCCA, localizada dentro do Parque.

O Grande Campeão e Reservado Grande Campeão da raça Puro Sangue Árabe foram, respectivamente, os potros **Hello Barich ELS (Espana Tiempo x *BG Koronation)** criado e exposto pelo Haras ELS, de Artur Nogueira-SP e **Don El Chali (*Prichal x Al Donana)** criado e exposto pelo Haras dos Faveiros, de Três Lagoas-MG. Entre as fêmeas a Grande Campeã foi a potranca **Antylla HCF (*Lypard x Cala)** criada e exposta pelo Haras Capim Fino, que manteve assim sua invencibilidade em Grandes Campeonatos Fêmeas na Interestadual, arrematando seu quinto título consecutivo. A Reservada foi a égua **AF Eleanor (*Belfast x AF Nora)** criada e exposta pelo Haras Fortaleza, de Nova Odessa-SP.

A 5ª Interestadual do Cavalo Árabe foi finalizada com a realização de dois cursos o primeiro aconteceu na segunda-feira, dia 26, e foi dado pelo juiz Kit Hall, que ministrou um curso de Doma e Montaria em English Pleasure; e outro foi ministrado de Dia em Agronomia Claudio M. Haddad que teve como tema Implantação de Haras e Pastagens.

Depois do namoro, noivado, eis que o enlace aconteceu: a partir deste número da RC estarei relatando, ou focando, o que vai "pelos aís". Queira Deus, e, vocês, que dure eternamente esta nossa coluna. "ACONTECE..."

Dia destes estarei em Salvador, num convite especial de Maurício Pimentel e José Mendonça - Vamos ver o Mangalarga que a Bahia tem.

Há tempos não vejo o clã dos Rodrigues da Cunha - "seu" Torres, Zé Carlos e outros. Sabem vocês que habitam no meu lado esquerdo.

Estive no Leilão Dumu, com o Luizinho Penna, e adquirimos duas "vacacões" filhas do dito e criação de Roberto Kujawski. Foram para a Fazenda São Sebastião (Araçuaia - sp) e serão o início de uma nova criação.

Hamilton Morgado e Silveira, da Detroit Seguros de São Bernardo do Campo, à toda na implantação do Haras Sonata (Araçuaia - sp). O Mangalarga decolando.

Zé Alvarez Rubião - Haras Joamar (Piedade - sp), anda com os dentes à mostra depois que Munico OJC, (Imperador OJC X La Paloma do Ipê) foi Reservado Campeão em Cerqueira Cesar em 89. Eles prometem. Criar cavalos Mangalarga na praia? Sim - e com que qualidade! Luiz José M. Salata e Lourdes do Haras Pedra Verde - (Ubatuba - sp) aguardam a todos para uma visita. Ele é o síndico do Condomínio do famoso Naupé do Jek.

Maneco (Pullman), Luiz e Wilson (Codognos) além de grandes Mangalarguistas, também são canchinczeiros e dos bons. Eu atesto.

Outro que não vejo a tempos é os Maldonados: Emílio - Inês e filhos, de Marília. E a produção de búfalos? Q.M.?

Ainda por aí - dias destes revê o GRANDE - Arnaldo Mendes. Continua na cabeceira do Holandês.

E o Orpheu José da Costa?

Sangue novo e forte no Nelore e Mangalarga - Rosmaris Gonçalves (Matitte). Vem com força total.

O Leilão Marcas Famosas do Núcleo Mangalarga de Atibaia (sp) será marcado em nova data provavelmente na primeira quinzena de agosto. A qualidade dos animais supera o esperado! Vale a pena conferir!

Mais fácil falar com o Collor que com Ovidio Carlos Brito - Ufa! Destaca-se pelo Nelore OB e Mangalarga.

Encontrei com Bili e o Carlos Vilela. Marcamos para ir ver o berço do Marchador em S. José dos Campos. Ponham mais água no feijão que tô chegando!

Tenho muitos amigos criadores de várias raças de animais e como fiquei meio ausente, preciso correr pra revê-los.

Eis alguns: Cacau, Tô, Samir, Marcos Sá, Taba Duas, do Q.M.

Chacom, Bili, Neringa, Marcelo, e outros do Marchador.

Tatinho, Badih, Gilberto Fagundes, Adalberto, Mancos e outros do Mangalarga Paulista.

Torres, Rubico, Werner, Roberto Calmon, Hiroshi e outros do Nelore.

Gilberto Adrien, Luiz Carlos Levy, Pedro Vitor Delamar, Silvino Toledo Piza e outros do crioulo.

Tom Lara, Madú, Joaquim Peixoto Rocha, Rubinho Meirelles e outros do Holandês.

Diogo de Barros, Deuber Junqueira Franco, Edgar

Beolchi e outros do Canchim.

Cavalos Mangalarga Paulista para a Suíça? - Chega no fim do mês uma caravana de lá, para concretizar o negócio com o José Roberto Mingone do Haras 4 Irmãos Mingone de Campinas. Cavalos tupiniquim invadindo o paraíso europeu!

Nissim "Dindo" e Caludio Kalili, adquiriram o excepcional Lobo RR, um filho de Turbante e que "agitou" o Haras Kalili, aliás o primeiro é companheiro meu de diretoria no Núcleo Mangalarga de Atibaia.

Lord R.R. - filhos de Turbante e Dançarina (Lapidado, éta sangão!) será a atração desta temporada de monta. Aguardem!

O 19º Leilão "Especial da Nata", com a média record de \$ 860 mil confirma a mais uma vez a tradição tenacidade, coragem e pioneirismo do "tio" Badih. Com os Collors da vida e tudo!

Elio Sacco da Fazenda Fumaça, dentro de sua ótica de só oferecer bons produtos, foi quem vendeu a fêmea mais cara do Leilão Presidencial.

O Leilão Mangalarga da Serra do nosso eterno presidente Tatinho superou expectativas. Faturou 35 milhões com média de 960. Também com aquele padrão da tropa! Quem sabe, sabe...

Não esqueçam de lembrar-se que eu e a Sílvia Penna, "crioula" dos "Pennas" aqui da Editora, estamos com a Marketing Rural à disposição dos criadores em tudo que requerer estratégia da propaganda rural.

Guilherme Raies, Haras Harém (Barra Bonita), comunica aos amigos criadores que dispõe para a entressafra que chega, de feno selecionado, de coast-cross (irrigado) em qualquer quantidade. Liguem pra ele - (0146) 41-2804 e 41-0096.

Rosmaris Gonçalves - (Balé JO - Jeans Matitte) e eu, em viagem para Araçatuba, em visita aos "VR" para tentar adquirir umas cabeceiras de Nelore para transferência de embriões. O Zé, o "seu" Torres nos espera!

Soube que o afamado criador Salazar Curado Dias, Haras Bonanza, Jacaré - sp, ofertará um de seus garanhões. Tá uma boa dica para quem precisa de um.

Dentro do cronograma de adquirir dez grandes matrizes por ano, Jean Pierre Berjeaut, Haras Massain no Leilão da Nata, ficou com o record: Anapólia da Nata - só faltam 9 este ano!

Preparando uma grande cavalcada com produtos da linhagem NH, (leia-se Urutau de NH), o grande amigo e hipólogo Adalberto Castilho, espera adesões de todos criadores do nobre "cavalo de sela brasileiro".

Luizinho de Andrade convidando a todos para verem a produção de grande TUCUMA MJ. Pitangueiras, sp, é a morada do grande raçador.

João Carlos Matta, à todo vapor para repetir a dose de sucesso do "Leilão Haras Matta" que acontecerá em setembro. Anote em sua agenda - o dia certo conto oportunamente.

Espero notícias de todos para fazermos da coluna uma linha aberta para trocas de informações. Até o próximo número.



por Lucius



ÁLCOOL E INICIATIVA PRIVADA

GUILHERME THOMAZ WHATELY - Eng. Agrônomo
DIRETOR DEPARTAMENTO DO ÁLCOOL DA
SOCIIDADE RURAL BRASILEIRA.

O Programa Nacional de Alcool, foi criado em novembro de 1975, pelo então presidente Ernesto Geisel.

Desde sua implantação, foi iniciado um processo sócio-econômico, que impactou a economia, gerando investimentos da ordem de 10 bilhões de dólares, e abastecendo uma frota de cerca de 4 milhões de veículos.

Apesar de ser um programa controverso e muito discutido, foram cumpridos seus objetivos, como alternativa para resolver o problema da crise internacional do petróleo, com grande economia de divisas para o Brasil.

A partir de 1986, o programa vem sofrendo uma estagnação, em consequência das transformações ocorridas no setor sucro-alcóoleiro.

Na década de 70, o setor convivía com tecnologias obsoletas, já superadas por outras mais viáveis, econômicas, técnicas e socialmente.

Isso pode ser comprovado pelos avanços registrados na produção e produtividade da safra 87/88, em relação à safra 75/76.

A área de cana do Brasil cresceu 2,2 vezes, passando de 1.900.000 ha, para 4.100.000 ha, a produção de álcool foi de 600 bilhões de litros para 11,5 milhões de litros e a produtividade da cana foi de 57 toneladas por hectare para 75 toneladas por hectare, em São Paulo.

Até 1979, o desenvolvimento do programa ocorreu basicamente pela ampliação e implantação de destilarias anexas às usinas de açúcar.

A onerosidade existente na época, em decorrência da crise no comércio internacional do açúcar, foi a elevação-custo da produção do álcool.

Quando se esgotou a capacidade das destilarias anexas, começaram a ser criadas as destilarias autônomas, em áreas novas, não tradicionais da cultura de cana.

Com 14 anos de existência, as alterações ocorridas na produção resultaram em:

- Processos modernos de produção, quanto ao manejo do solo, densidade de plantio, espaçamentos reduzidos, sistemas alternativos de plantio, novas variedades, controle de pragas, colheita mecanizada.
- Emprego de novas técnicas gerenciais de planejamento e administração agrícola, preservação do meio ambiente, com o uso racional dos efluentes industriais, e o consórcio com as culturas alimentares com a cana-de-açúcar, e
- No setor industrial, graças ao aprimoramento da tecnologia, a produção de álcool, por toneladas de cana, passou de 55 lts em 75/76, para 80 lts em 87/88.

Esses são alguns aspectos do Proálcool, desconhecidos do grande público, diante do fato de as conquistas tecnológicas passarem ao largo das controvérsias.

Esses dados comprovam que o programa superou os desafios em curto espaço de tempo.

Isso propiciou meios para que o governo implantasse medidas mais condizentes com a política energética do País, se elas não são mais eficazes, não se pode debitar à responsabilidade aos produtores.

O sistema governamental de pesquisas, encontra-se em profunda crise, com risco de perdemos no tempo as

conquistas alcançadas, diante da desconposição dos investimentos realizados na implantação de estações experimentais, laboratórios e formação de pessoal especializado, muitos formados no exterior, e mais o prejuízo de interrupção das pesquisas de campo e laboratórios.

O Brasil, com suas limitações orçamentárias, aplica em torno de 0,15% do PIB em pesquisa, enquanto outros países investem até 4% do PIB.

Diante do exposto, verificamos que o governo já esgotou seus recursos de apoio ao programa do álcool.

O Proálcool é um compromisso do produtor com o consumidor, e não com o governo, ou, melhor, com a Petrobrás, que reivindica a administração do programa e briga pela paridade dos preços, permanecendo como compradora e distribuidora, quando sabemos que o compromisso do programa deveria ser outro, através de uma competição saudável de mercado, ficando os produtores com a responsabilidade da venda e distribuição de seus produtos através de cooperativas, associações, etc.

O planejamento da venda e distribuição, com a iniciativa privada, implica em uma melhor logística, evitando o turismo do produto.

Como exemplo, temos o sucesso da Cooperativa dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (CO-PERSUCAR), que implantou um sistema flexível de comercialização e distribuição de seus produtos.

Ao governo caberia, através do Instituto do Açúcar e Alcool, como órgão normativo que é, controlar a qualidade, a produção, com suas quotas, e os estoques estratégicos nas próprias usinas ou destilarias.



MARCHIGIANA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE MARCHIGIANA

MARCHIGIANA MOSTROU QUALIDADES ELOGIADAS NA PISTA

Com 16 expositores recebendo pontuação pela presença de seus animais na pista de julgamento, a 30ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, considerada a mostra de maior prestígio de raça Marchigiana do País teve a seguinte classificação para os expositores da raça: Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina, 465 pontos; José Garcia Molina, 350; CVA Zootecnia Ltda., 205; Dari Martins Araújo, 135; Evelázio Augusto Bley, 100, e Regina A. Marchesi Silva, 95 pontos.

Com os animais recebendo elogiosas referências do juiz Arnaldo Manoel de Souza Machado Borges, do Colégio de Juizes da ABCZ, a raça Marchigiana foi, novamente, a grande estrela da 30ª Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, PR, realizada em abril. A apresentação era das mais numerosas (120 exemplares inscritos) e o leilão promovido dia 12 teve um faturamento de Cr\$ 11.256 milhões, com as médias de Cr\$ 290,5 mil para as 24 fêmeas licitadas e de Cr\$ 164.769 mil para os 26 machos. Segundo os pecuaristas presentes, as médias poderiam ser ainda mais elevadas, não fossem as incertezas do momento econômico e a oferta de vários animais com baixa idade, tanto machos quanto fêmeas. O remate ofereceu a possibilidade de 12 pagamentos quinzenais ou 6 mensais, sem juros, com o primeiro pagamento com o prazo de 30 dias.

Segundo Arnaldo Borges - que já julgou Marchigiana na exposição de 1988, em Bauru, e os cruzamentos da raça durante a 1ª Exposição Nacional de Cruzamentos Zebuínos, em Uberaba, no ano passado -, o Marchigiana vem mostrando um excelente desenvolvimento e se nota a preocupação dos selecionadores em manter nos animais a pele escura e os pelos claros, "características desejáveis para a raça em nosso clima, das quais não se deve abrir mão, por tornar os animais mais resistentes aos raios solares e às plantas fotossensibilizantes". Arnaldo vê na raça, também, excelente habilidade materna e fertilidade, nas fêmeas, destacando a precocidade e alto ganho de peso nos machos. Por isso, fez questão de participar da entrega do troféu de melhor novilho precoce ao proprietário do be-



Ladeado por Arnaldo Borges (à sua direita), Dari Martins Araújo recebe de Israel Sverner o prêmio pelo melhor novilho precoce da mostra.



Congresso da GV, o Grande Campeão de Londrina: 1.147 quilos aos 45 meses.

zerro Fantoche do Novo Rodeio (11 meses e 5 dias, 516 quilos e ganho diário de 1379 quilos). Dari Martins Araújo, de Guarapuava, PR.

A premiação - Ocupando todo o dia 11 e a manhã do dia 12, dado o elevado número de animais concorrentes nas diferentes categorias, o julgamento de Ar-

naldo Borges apontou os seguintes prêmios principais: **Grande Campeão e Campeão Touro Sênior**, Congresso da GV (45 meses e 13 dias, 1.147 quilos e ganho diário de 0,795 gramas), de José Garcia Molina (Fazenda Parapanema, Jardim Olinda, PR); **Reservado de Grande Campeão e Campeão Touro Jovem**, Duque da 4 Irmãos (33 meses e 14 dias, 1.134 quilos e 1.067 quilos/dia), de Otávio Padrialli e Lauro Garcia Molina (Fazenda 4 Irmãos, Umuarama, PR); **Reservado de Touro Jovem**, Exocet da Cachoeira (25 meses e 23 dias, 851 quilos, 1.026 quilos/dia), de Regina A. Marchesi Silva (Fazenda Cachoeira, Nova Fátima PR); **Campeão Junior**, Ernani da São Marcos (21 meses e 18 dias, 817 quilos, 1.172 quilos/dia), de Alcebi e Dedi Montagner (Fazenda São Marcos, Dois Vizinhos, PR); **Reservado de Campeão Junior**, Encanto da GV (18 meses e 16 dias, 685 quilos, 1.133 quilos/dia), de José Garcia Molina. Nas fêmeas, **Grande Campeã e Campeã Novilha** foi Donzela da CVA (27 meses e 19 dias, 802 quilos, 0,904 gramas/dia), de CVA Zootecnia; **Reservada Grande Campeã e Campeã Vaca Jovem**, Cruzada da GV (39 meses e 13 dias, 841 quilos, 0,666 gramas/dia), de José Garcia Molina; **Campeã Vaca Adulta**, Betânia da 4 Irmãos (52 meses e 10 dias, 793 quilos, 0,478 gramas/dia), de Dari Martins Araújo; **Reservada de Campeã Vaca Adulta**, Alpha da 4 Irmãos (64 meses e 6 dias, 872 quilos, 0,424 gramas/dia), de Evelázio Bley (Fazenda Santa Catarina, Cornélio Procopio, PR); **Reservada de Campeã Vaca Jovem**, Drusa da 4 Irmãos (39 meses e 7 dias, 769 quilos, 0,609 gramas/dia), de Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina. Reser-

vada de Campeã Novilha Maior, Érica da CVA (24 meses e 23 dias, 595 quilos, 0,733 gramas/dia); de CVA Zootecnia Ltda.; Campeã Novilha Menor, Extrema da 4 Irmãos (17 meses, 573 quilos, 1 quilô/dia), de Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina; Reservada de Campeã Novilha Menor, Escala II da GV (20 meses e 22 dias, 662 quilos, 0,983 gramas/dia), de José Garcia Molina; Campeã Bezerra, Fabela da 4 Irmãos TE (8 meses e 6 dias, 297 quilos, 1,032 quilô/dia), de Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina; Reservada de Campeã Bezerra, Fineza da 4 Irmãos (10 meses, 396 quilos, 1,144 quilô/dia), dos mesmos criadores.

As vendas - No 18º leilão oficial da raça,

realizado na noite de 12 de abril, em recinto do próprio parque, foram vendidos 50 animais, com destaque para Dilma da 4 Irmãos, fêmea de 28 meses, produto de transferência de embriões na central de Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina, adquirida pela Santa Bárbara Agropastoril Ltda., de Londrina, por Cr\$ 636 mil. Uma outra fêmea dos mesmos criadores saiu por Cr\$ 504 mil, e a Reservada Campeã Novilha Menor da mostra londrinense, Escala II da GV, também foi adquirida por Cr\$ 504 mil por Olair F. de Moraes, de Araçatuba, SP. Nos machos, o maior preço foi de Cr\$ 300 mil, obtido pelo Campeão Júnior Ernani da São Marcos, adquirido por Henrique de Carvalho

Montenegro, de Bom Sucesso, PR. Dois outros garros (um na casa de 25 meses e outro com 22 meses) saíram por Cr\$ 216 mil cada.

O maior vendedor do leilão foi a dupla Otávio Pedriali e Lauro Garcia Molina (Cr\$ 2,892 milhões), cabendo o maior volume de compras a Maurício Teixeira, de Belém, PA, com oito fêmeas e um reprodutor, no total de Cr\$ 2.484 milhões. Maurício Teixeira, que já seleciona búfalos e Nelore no Pará, vai iniciar no município de Santa Isabel, a 30 quilômetros da capital paraense, um núcleo pioneiro de Marchigiana, para fornecimento, futuro de reprodutores e matrizes a terceiros e início de um programa de cruzamento, para obtenção de novilhas precoces.

CONFORMAÇÃO E MARCHA

Em raças zootecnicamente melhor definidas e estudadas, fala-se muito em CONFORMAÇÃO E TRABALHO. O cavalo após sucessivas mensurações ao longo de sua evolução, frente aos pedrões almejados, estará representado por um "tipo padrão" denominado de "TRUE TYPE". Com a evolução dos cavalos marchadores nacionais, a marcha passou a ser melhor estudada em vários aspectos.

Primeiramente, constatamos os diversos tipos de marcha de triplice apoio e as particularidades de cada uma, numa distribuição perfeitamente identificada, junto aos demais andamentos da espécie equina. Vimos que existem animais muito próximos do trote e animais de marcha trotada que estão no trote e também na marcha de triplice apoio.

Identificamos animais marchadores com diagonalização e lateralização equivalentes, caracterizando uma "marcha do meio", nunca antes comprovada.

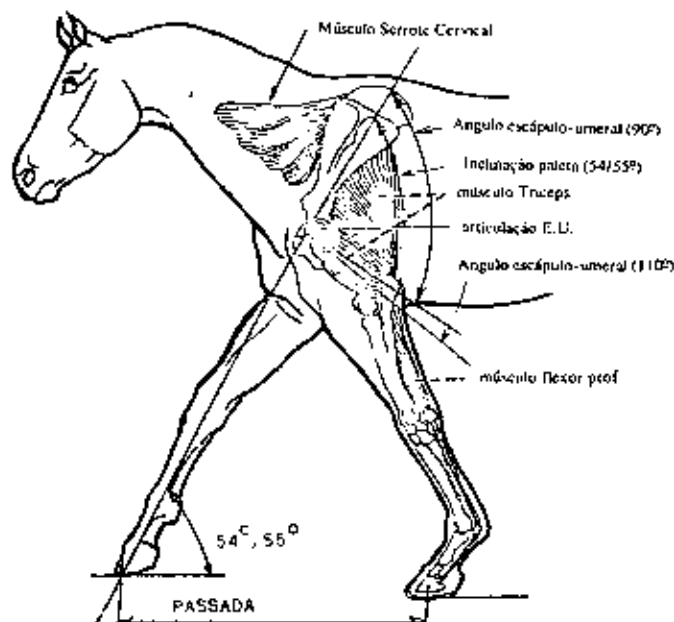
Penetramos os mistérios da "regularidade de apoios" e da "regularidade de sequência de apoios" que juntos definem a tão discutida "regularidade da marcha". Encontramos animais com os oito apoios teóricos da marcha, embora em número pequeno, mas constatamos que a grande maioria dos animais vistos com o analisador de andamentos não dão os oito

apoios da marcha verdadeira. Vai daí que a regularidade deverá ser melhor compreendida e considerada daqui para a frente...

Até para os animais de marcha predominantemente lateralizada - marcha picada - constatamos que é difícil encontrar animais regulares em apoio e em sequência de apoios, como ocorre

na raça de marchadores Passo Fino, onde o adestramento inicial mostra uma grande preocupação com este aspecto. Decorre daí, ainda, a opinião de que marcha picada é desconfortável porque balança o cavaleiro no plano médio-lateral...

Começamos a comprovar que a MARCHA CÔMODA é função da RE-



Propulsão pelo pescoço, maximizada o trabalho dos músculos cervical, triceps e flexor digital e a eficiência da conformação de braço e poleto na marcha.

GULARIDADE DE SEQUÊNCIA DE APOIOS que, por sua vez, é altamente influenciada pela CONFORMAÇÃO do animal. Medimos muito o cavalo, mas utilizamos pouco essas mensurações e não estávamos medindo outros atributos de conformação como angulação de paleta, ângulo escápulo-umeral, peso e índice morfológico, sendo que a primeira tem influência substancial na linha alta do cavalo, na conformação dorso-lombo, garupa e saída de pescoço. Tudo isso resulta na qualidade de marcha, sem movimentos parasitas de natureza médio-lateral, ântero-posterior e no plano vertical, que alicerçados na base genética dos estímulos cerebrais que levam o cavalo a "marchar" em tríplice apoio, completam a tão almejada marcha cômoda, regular e de bom rendimento.

MEDIR PARA CONSTATAR

Em nossas medições nas raças Mangalarga e Mangalarga-Marchador constatamos, em centenas de animais, ao longo dos últimos 9 anos, que a inclinação típica de paleta dos animais

bem conformados está entre 54 e 55 graus, ficando os animais longilíneos, de dorso-lombo comprido, pouca cobertura de rins e tendência ao selamento, com ângulos acima de 55 graus. Em medições mais recentes, complementando estudos e medições dos tipos de marcha de tríplice apoio e marcha trotada (diagonal), iniciamos a constatação da abertura (angulação) escápulo-umeral, ou seja, entre paleta e braço, conforme ilustra a Fig. 1.

Apoiados em estudos de mecânica da locomoção e medições efetuadas pelo analisador de andamentos (Marchômetro), passamos a colher mensurações a campo dos animais "bem conformados" e de "bom andamento", com as seguintes informações preliminares aos nossos criadores:

1 - O ângulo escápulo-umeral (E.U) em torno de 90° possibilita uma "passada" equivalente ao comprimento C = (úmero + ante braço + joelho + canela + digital), ou seja, a PASSADA = 0,993 C

2 - O ângulo E.U de 90° possibilita, ainda, uma PASSADA equivalente a 3,5 comprimentos de braço (úmero). PASSADA = 3,5 braços.

3 - O ângulo E.U, aumentado para 110°, possibilita uma "passada" equivalente a 75% do comprimento C = (úmero + ante braço + joelho + canela + digital), PASSADA = 0,75 C.

4 - O ÂNGULO E.U de, aproximadamente, 110° possibilita uma PASSADA equivalente a 2,8 braços, ou seja, 20% menor.

5 - Animais marchadores com ângulo E.U em torno de 90° têm maior rendimento na passada.

6 - Entre animais de mesmo ângulo E.U, terá maior rendimento aquele que apresentar maior comprimento de membro (C), ou seja, maior Hc (altura na cernelha), considerando-se animais com índices morfológicos equivalentes.

7 - O comprimento de braço influi também no comprimento da passada.

8 - As medições estão sendo efetuadas com Nível EA APT (nível de escápula e aprumos).

Ficam aqui, portanto, sugestões para que as associações promovam mais encontros ou congressos, para discutirmos de forma construtiva, cômoda e avante a marcha dos nossos cavalos.

DIÂMETRO DO HAB

25/12/85 - Reg: 7240

Pagode JO — Turbante JO
Dança JO

Feiticeira do — Zenitt
Colorado — Brasa OR



HARAS VIDANOVA
Marco Antonio Miguel
Tels.: (011) 260-5963 e
261-8607



AGROPECUÁRIA
ITAPEMIRIM S.A.
CAMILO COLA



Da esq. p/ direita: Comendador Bruna Harry — P.O.N.; Wind Acres Tina I Hilda — P.O.I.; Manions Telstar Donna — P.O.I — 3 excelentes doadoras — animais de Elite.

Agropecuária Itapemirim

Tecnologia de Raça

Criar um plantel de elite é, antes de tudo, uma prova de confiança no futuro do país. Mas não é só isso. Um plantel de elite se faz com muita garra, determinação e tecnologia.

Todos esses ingredientes estão presentes no trabalho de seleção do Pardo Suíço da Agropecuária Itapemirim. O pioneirismo de CAMILO COLA, sua crença no Brasil, sua garra e determinação somaram-se ao uso intensivo da alta tecnologia, através da importação de animais de alto valor genético, da inseminação artificial e da transferência de embriões. É por essas e outras que a Agropecuária Itapemirim virou sinônimo de Pardo Suíço. Sinônimo de **Tecnologia e Raça.**

AGROPECUÁRIA ITAPEMIRIM - PARDOSUÍÇOS

Venda permanente de Reprodutores e Matrizes

Fazenda Pindobas V.G.
Rodovia Pedro Cola, Km 8
Venda Nova do Imigrante (ES) - CEP 29375
Tel.: (027) 546-1240 - 546-1110 - 546-1287

Fazenda Água Preta
Presidente Kennedy (ES)
CEP 29375
Tel.: (027) 522-1944 R-324

Telex 27.8000 Fax (027) 522-9859

PIEMONTÊS



NELORE

É VER PRA CRER

VEJA E COMPROVE

FAÇA COMO OUTROS PECUARISTAS

Implante também o PROGRAMA DE VITRINES da Superga em sua propriedade, sem investimentos, utilizando sêmen importado de touros provados e sem alterar a sua rotina de manejo.

- Maior rendimento da carcaça
- Melhor qualidade da carne
- Precocidade para o abate
- Rendimento de até 62% na carcaça do 1/2 sangue

SUA VITRINE AMANHÃ

- Fazenda Lalin, dez anos de sucesso no cruzamento de Piemontês/Nelore
- Venda permanente de tourinhos de 1/2 sangue até puros controlados e garantidos
- Grande rusticidade
- Alta resistência aos desafios do campo

Fazenda Lalin - Avaré - SP - Fone: (0147) 58-8129 - Sr. Renê



SUPERGA COMÉRCIO E INDÚSTRIA S.A.
R. PAULISTA, 473 - CONS. LUIZ VAS. GOMES - SÃO PAULO - SP
TEL.: (011) 281-1100 - TELEFAX: (011) 281-0834
TELEGR.: (011) 281-3448

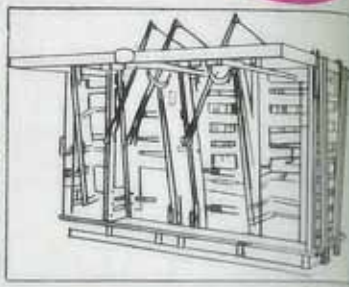
BALANÇAS E COIMMA TRONCOS

QUALIDADE QUE PESA EXATO!
Fundada em 1951

38 anos
de
tradição

BALANÇAS
Bovinas, Suínas,
Equinas, Rodoviárias
e Comerciais

TRONCOS (Bretes)
De Contenção Bovina,
DUCHAS CARRAPATICIDAS
(Chuveiro)
CARRINHO DE TRACÇÃO
ANIMAL (Carroça)



Rua Tiradentes, 327/369
PABX fone (0188)21-2555 tx182637
DRACENA-SP - Cep. 17900

ESTE VAI SER O MAIOR GOL DA COPA



18/06/90
NO CLUBE
PAINEIRAS DO
MORUMBI-SP.

**3º NELORE
DA ZILLO
EM SÃO PAULO
UM GOL DE RAÇA.**

ESTES "CRAQUES" VÃO DAR GRA



S. DUMU 6365 DO RC

20/01/88, RGN. 6365

Pai: Dumu

Mãe: Loharu 3879 do RC (Varado)

Extraordinário desenvolvimento.

Peso atual: 803 Kg.

Elite no CDP da ABCZ.



MUGALAN POI 172 DO RC

RGN. 172, Nasc.: 25/08/88.

Pai: Dugai POI do Brumado

Mãe: Bhawani POI do Brumado.

Excelente caracterização e desenvolvimento.

Pesando atualmente 570 Kg. irmão materno do grande campeão Tapti POI do Brumado

POCHERRY 5659 DO RC

RGO, CF 9099, Nasc.: 29/05/86

Pai: Guri de Gênes

Mãe: Filara 378 do RC (Rodeiro da SCI)

Premiado nas seguintes exposições:

- Campeão boiadeiro na XVI Exposição em

Goiânia - 1987.

- Campeão boiadeiro na Expo-Paraná 1987.

- Campeão novilha prazeira na Expo-Paraná

Presidente 1987.

- Reservado campeão novilha prazeira na XIX

Exposição em Brasília 1987.

- Reservado grande campeão na XIX Exposição

em Brasília 1987.

Peso atual: 640 Kg.

Prestes positivas do campeão Júnior e

campeão novilha prazeira na XXV Exposição

Nacional do Gado Zebu em Uberaba, Valvik

POI de Navrat.



GAYA POI 77 DO RC

RGD, CF 8897, Nasc.: 15/07/86

Pai: Pekar POI OT 816

Mãe: Lyellipoi POI do RC (Taj Mahal I)

Mãe de excelente porte e nobreza racial.

Prestes positivas de Valvik POI de Navrat.

que foi campeão Júnior e campeão novilha

prazeira na XXV Exposição Nacional do Gado

Zebu em Uberaba.

Pesando atualmente 624 Kg.



DES ALEGRIAS EM SEU PLANTEL



S. GIM 6506 DO RC
RGN. 6506, Nas.: 26/06/88.
Pai: Gim de Garça
Mãe: Rimella 2R (Jordão)
Excepcional carcaça aliada a ótima caracterização
neste filho do grande campeão Gim de Garça.
Campeão tipo frigorífico na XXV Emapa-Avaré
1989. Pesando atualmente 665Kg.



RATHRAS 6087 DO RC
RGO/GN.7604, Nas.: 29/06/87

Pai: Dumê
Mãe: Apaf 2031
Familiaridade e caracterização neste grande matriz
filha de Dumê.
Parida da 1. filha de Champar. Prenhez positiva de
ValluPOI de Navrat, que foi campeão-júnior a
campeão precoce na XXV Exposição Nacional de
Gado Zebu Em Uberaba.



S. CHENGAR 6365 DO RC
RGN. 6365 Nas.: 18/01/89
Pai: Chengar POI de Zebulândia VR
Mãe: Nalini 5143 do RC (Varede)
Excelente caracterização deste reprodutor
filho de Chengar. Pesando atualmente 712 Kg
Elite no CDP da ABCZ.



SHANKADY 6346 DO RC
RGN. 6346, Nas.: 17/01/88
Pai: Tabata POI de Zebulândia
Mãe: Maharani 4653 do RC
Excelente novilha, de expressiva caracterização
e ótima conformação. Já com prenhez positiva
de Chengar POI de Zebulândia VR.
Pesando atualmente 580 Kg.

REFORCE O TIME PARA GRANDES CONQUISTAS. COM PRODUTOS COMO ESTES, VOCÊ VAI GANHAR MUITOS CAMPEONATOS.

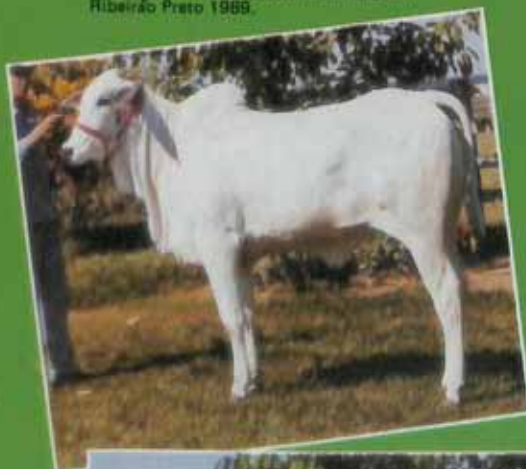
SHANKADY 6578 DO RC

RGN. 6578, Nasc.: 29/08/88

Pai: Gim de Garça

Mãe: Lohan 3599 do RC (Varado)

Esta excelente novilha filha de Gim de Garça foi reservada campeã bezerra na Feapam Ribeirão Preto 1989.



SHANKADY 6344 DO RC

RGN. 6344, Nasc.: 11/01/88

Pai: Chengar POI da Zebulândia VR

Mãe: Otite R.P.

Novilha de excelente caracterização. Prenhez positiva do campeoníssimo Chummak.



S. GIM 6453 DO RC

RGN. 6453, Nasc.: 21/03/88

Pai: Gim de Garça

Mãe: Torina de S.M. (Padan POI de Navral)

Reprodutor de excelente conformação.

Pesando atualmente 670 Kg.



S. CHENGAR 6336 DO RC

RGN. 6336, Nasc.: 06/01/86

Pai: Chengar POI da Zebulândia VR

Mãe: Nalini 5022 do RC (Tai II)

Excelente reprodutor com ótima caracterização e conformação. Pesando atualmente 850 Kg.



CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

Fazenda Santo Antonio do Rio Claro

Rua XV de Novembro, 861 - Fone (0142) 63 0903 Lencóis Paulista - SP

3º Nelore da Zillo em São Paulo.



(011) 825-6222

O que vai pelo Controle Leiteiro

RELATÓRIO Nº 543

MÊS DE FEVEREIRO DE 1990

ANO XLV

ENG. AGRÔNOMO RUY CASSIO TOLEDO ZANARDI

PLACAR DAS RECORDISTAS

DIVISÃO I - 305 dias com nova parição em até 427 dias

RAÇA HOLANDESA - PRETA E BRANCA

GORDURA - BRAGANÇA DEBORA JASPER - Olympio Amando Souza Aranha Stockler
AS - 3x - 310,2 kg de gordura

RAÇA HOLANDESA - VERMELHA E BRANCA

LEITE - CORONA NEVA JADE - Amílcar Farid Yamin
BS - 2x - 8.352 kg de

RAÇA GIR

LEITE E GORDURA - ZOO BIA TRIUNFO - Gabriel Donato de Andrade
BJ - 2x - 3.198 kg de leite e 167,3 kg de gordura

RAÇA PARDA SUIÇA

LEITE E GORDURA - SANTO IZIDORO IVANIRA - Josef Plulg
AS - 2x - 5.559 kg de leite e 203,8 kg de gordura

LEITE E GORDURA - SANTO IZIDORO HELENA - Josef Plulg
BS - 2x - 6.007 kg de leite e 226,6 kg de gordura

LEITE E GORDURA - B.C. MURANA MATTHEW III - Fernando Prado Rennó
D - 3x - 9.097 kg de leite e 334,1 kg de gordura

DIVISÃO II - 365 dias

RAÇA HOLANDESA - PRETA E BRANCA

GORDURA - MORRO DOS VENTOS PROTESTADA CAV - Ernest Ubrich Prill
AS - 3x - 435,7 kg de gordura

RAÇA JERSEY

LEITE E GORDURA - FAIR WEATHER GOLD QUEST - Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo S/A
BS - 3x - 7.144 kg de leite e 317,4 de gordura

RAÇA PARDA SUIÇA

LEITE - B.C. ROSA MATTHEW IV T.E. - Fernando Prado Rennó
AJ - 2x - 9.601 kg de leite

RAÇA GIROLANDA

GORDURA - P.T.B. HELENA - Paulo de Therso Bittencourt
BJ - 2x - 174,7 kg de gordura

[illegible]

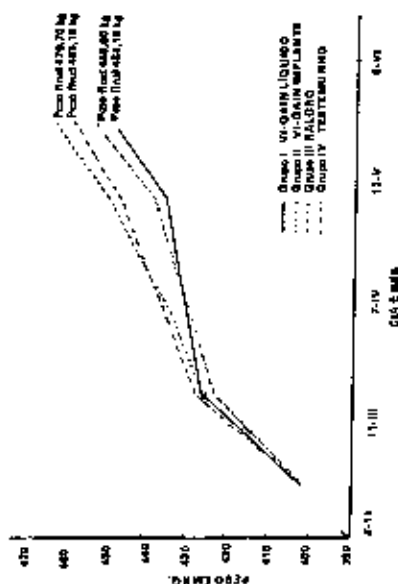
ABELA. I. • Peso médio (kg) de cada lote de vinus anuais (travados com anabolizantes e testosterona) em cinco possagens, e média do ganho de

Verifica-se, assim, que o anabolizante VI - Gain pellet ofereceu ganho de peso médio de 10,55 kg, enquanto a forma líquida injetável do mesmo anabolizante foi absolutamente ineficiente e o Raigro promoveu ganho de peso médio de 5,65 kg.

Assinale-se que, tanto o VI - Gain pellet, na pesquisa o mais eficiente, como o VI - Gain líquido injetável, absolutamente ineficaz, pertencem a um grupo de anabolizantes (estérbenes) tidos consensualmente como cancerígenos e, por isso, há muito tempo, de uso proibido por todos os países produtores de carne, Brasil inclusive. Para o Ralgr, cujo princípio ativo é o Zanolon, a proibição no Brasil data de 1988 quando nos vimos obrigados a atender exigência da Comunidade Económica Europeia para poder assegurar nosso comércio de exportação de carnes com os Estados - membros daquela Comunidade.

Segundo os autores do trabalho que comentamos, a pouca expressividade dos resultados alcançados constitui oportuna advertência aos pecuaristas que, nas condições de manejo da pecuária de corte do Brasil Central, recorrem aos anabolizantes, hídricos e outros maiores rendimentos do sistema.

Gráfico de Ganho de Peso Médio, durante quatro meses, dos grupos de 20 bovinos cada, submetidos a diferentes anabolizantes e do grupo testemunha.



torizadas, Emerge, portanto a necessidade de um estudo econômico para demonstrar se há ou não conveniência prática na aplicação desses promotores de crescimento. Por outro lado, ao longo da obtenção de maiores rendimentos é necessário acrescentar que o uso dos promotores de crescimento, infringindo a Lei Sanitária, pode também por em risco a Saúde Pública, porque o pecuarista, ao afaz de maiores lucros, pode optar pela aplicação de ingredientes cancerígenos que, como a propagação demonstrou, oferecem os mesmos efeitos.

[illegible]

Nome do animal	G.S.	A/M	Idade	Olas.	Leite	Produção (kg)	% Gord.	Proprietário
METILINA MARCA RASTE	209	PD	2/ 5	305	1812	182,0	2,46	MONOPOLINA ASSIS/ITA S/A
JOSEFINA P/00522	379	PD	2/ 5	312	1738,2	2,31	3,51	JOSE ARISTIDES P/00522
METILINA 30 CM. STA HELENA	447	GCJ	2/ 5	349	1504	182,5	2,18	ADM. C. DE REG. AGROAL
VALERIA BOMVENTURE 354 24	467	GCJ	2/ 5	305	1359	116,7	1,58	CELO ANTONIO 1554
CLASSE B - de 6 a 10 anos								
INDUSTRIAL	103	PD	7/ 0	307	1669	164,2	1,50	INDIA LUIZ FROES/ITA S/A
INDIANA AND DINIUM	81	GCJ	8/ 4	307	1557	229,4	1,48	PELACIA MORGAN LTM
INDIA AM	104	GCJ	8/ 0	301	1526	267,4	1,48	SEBASTIEN GONCALVES S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156 S/A
INDIA DE ERIC DE STA. HELENA	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	LIN. AGA. TIE. E AGA. AGROAL
INDIANA MARILYN B. L.	1247	GCJ	8/ 0	305	1824	170,0	1,70	FAZENDA P/00156 S/A
P. MARILYN PLEDO	1078	PD	8/ 0	307	1933	261,0	1,51	FAZENDA P/00156

Telegramas enviados pela A.B.C.

Excelentíssimo Senhor
Dr. ANTONIO CABRERA FILHO
DD. Ministro da Agricultura
BRASILIA - DF

A Diretoria da Associação Brasileira de Criadores - A.B.C. - vem manifestar sua grande satisfação pela alta investidura de vossa excelência como Ministro de Agricultura. Contante de que os interesses dos setores agropecuários terão a sua frente um incansável defensor, SAUDAÇÕES. JOAQUIM BARROS ALCANTARA FILHO. PRESIDENTE ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES.

Excelentíssimo Senhor
Dr. ANTONIO CABRERA FILHO
D. D. MINISTRO DA AGRICULTURA
BRASILIA - DF

Cumprimentos prezado colega pela investidura Ministério da Agricultura. Na certeza Vossa Excelência atenderá reclamamos nossa tão esquecida agropecuária.

Permanecemos confiantes na Vossa atuação oferecendo nesta oportunidade integral apoio. SAUDAÇÕES. GENERAL DIOGO BRANCO RIBEIRO. PRESIDENTE CONSELHO DELIBERATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES.

Nota da redação. A Revista dos Criadores, na edição de Fevereiro, pags. 70/71, publicou um interessante artigo de autoria do atual Ministro da Agricultura, intitulado: "Agricultura no Século XX" e oportunamente publicará interessante reportagem sobre suas atividades com criadores e híbridos e seus projetos no Ministério ora empossado.

[illegible]

hoje é suficiente para garantir a produção de um ano. "Agora, parte do nosso faturamento mensal de Cr\$ 400 milhões, que seriam gastos em matéria-prima, deverá ser empregada nesses projetos", diz o diretor financeiro da Yakult, Masahiko Sadakata.

Na área de propaganda e marketing, porém, a empresa está mais cautelosa. Pretende continuar veiculando sua atual, campanha institucional em TV, jornal e revista. Quer honrar contratos já assinados de patrocínio e co-patrocínio de eventos esportivos. Mas novos investimentos em publicidade estão suspensos.

A prudência na hora de gastar tem uma razão simples. A empresa, como a grande maioria dos brasileiros, também acabou sofrendo com o colapso de cruzados. Tinha R\$ 30 milhões de seu capital de giro aplicados no over no dia 16 de março. E, pior, a falta geral de cruzeiros fez suas vendas despencar 30% nos próximos 12 dias. Como se não bastasse, para cobrir 20% da fôlha de pagamento de seus funcionários, a Yakult foi obrigada a pedir empréstimo de R\$ 3 milhões a um banco, com juro mensal de 18%. "Tudo está muito confuso, mas dentro de um mês ou dois os negócios melhorarão", acredita Wakabayashi.

Se a situação piorar, nem por isso a Yakult brasileira vai recorrer à matriz japonesa. "A primeira e última vez que isso ocorreu foi há 15 anos, para cobertura cambial na compra de uma máquina importada." A matriz nos dá total autonomia para correr riscos e, portanto, para arcar com eles", ressaltou Wakabayashi.

Os lances de Gusadta da Yakuit no Brasil não se limitam à produção de leite fermentado. Além de investir na criação de 200 cabeças de gado leiteiro inseminado em Bragança Paulista (SP), a empresa administra outras duas fazendas em Mato Grosso do Sul. Lá, ela tem duas mil cabeças de gado de corte, planta 500 hectares de soja e está instalando um projeto que já absorveu US\$ 2 milhões, para criar búfalos e jacarés em cativeiro. Em Santa Catarina, a empresa mantém uma plantação de 300 hectares de maçãs na cidade de São Joaquim. E, na cidade litorânea de Itapocu (SC), ainda investe em um viveiro, de onde se estima serão 30 toneladas de camarão-rosa daqui a cinco anos.

Nome do animal	G.S.	Idade ANM	Sexo	Produções (kg) Leite Gordura	% Gord.	Proprietário		
CLASSE 40 - de 2 a 3 1/2 anos								
JOHN STAFFORD DE 2 1/2 anos	74	PO	2 1/2	285	284	203,4 LN	5,32	SMELI ALVES DA SILVA
JORDANA MISTE PLUM PARAFAROS	38	PO	2 1/2	281	255	143,8 LN	4,75	SMELI ALVES DA SILVA
WILLIAMSON SILVY 2 1/2 anos	126	PO	2 1/2	281	272	185,5 LN	4,97	PERNO DE ANDRÉS ROTT
WILLIAMSON SILVY 2 1/2 anos	126	PO	2 1/2	281	272	119,5	5,22	PERNO DE ANDRÉS ROTT
CLASSE 40 - de 3 1/2 a 4 anos								
DAF STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	221,2 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	184,2 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
JOHN STAFFORD ELIZABETH	126	PO	2 1/2	281	272	157,8 LN	4,21	CRISTIANO CARLOS PINHEIRO MACEDO
CLASSE 41 - de 4 a 5 1/2 anos								
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	223,8 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	195,5 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	182,1 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	182,1 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	182,1 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	182,1 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	182,1 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	182,1 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
WILLIAMSON SILVY 3 1/2 anos	126	PO	3 1/2	305	426	182,1 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
CLASSE 42 - de 5 1/2 a 6 anos								
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.
ALBERTA KENNER 3 1/2 anos	78	PO	3 1/2	305	426	274,2 LN	5,17	SERENES E CAMARU BUTJA LTDA.

principalmente do Japão e da Ásia e que seria o seguinte: e se cada um de nós adotasse um conjunto de ações que nos lavasse a produzir por menor custo, de melhor qualidade e em maior quantidade, em todas as nossas atividades? Embora tal pensamento faça parte da vida de muitos, a verdade é que se todos nós tomássemos essa decisão e enfrentássemos esse desafio, a partir de agora, em todo Brasil, todos se preocupando em produzir por menor custo, de melhor qualidade e em maior quantidade, algo aconteceria no fim de algum tempo!

Sem dúvida, os problemas brasileiros são inúmeros e de toda ordem. Só isso não basta, mas é o muito que cada um dos 140 milhões de brasileiros pode fazer! Por menor custo é mais fácil comercializar, vender; de melhor qualidade, sem dúvida tudo fica mais fácil e com estes dois aspectos é possível pensar em aumentar a produção.

Que tal se nossos governantes, a imprensa em todos os seus campos, nossas entidades de classe, adotassem estes pensamentos e em todas as atividades passássemos a assim agir, o que seria do Brasil em poucos anos?

Nova doença da soja compromete lavouras

Uma nova doença comprometerá em até 80 por cento o rendimento das lavouras de soja de soja da região Sul e do Cerrado brasileiro. É o contra da haste, que ataca e medula das plantas, bloqueando a circulação de seiva. Sem meios de se alimentar, elas acabam morrendo.

E não são poucas as lavouras de soja das regiões que podem ter seus produções comprometidas pela incidência da doença, que até a safra passada, era considerada secundária pelos cientistas.

A informação é do especialista em doenças do Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPSo), da Embrapa, Tadeu Yonori, depois de concluir um levantamento sobre a incidência da doença nas diferentes regiões produtoras de soja do Brasil.

Segundo ele, o Paraná é o Estado onde se encontram lavouras com maior índice de plantas comprometidas pelo cancro da haste. Inúmeras lavouras de soja dos municípios de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais também devem ter seus rendimentos comprometidos.

Yonori explica que, embora a soja plantada naqueles Estados apresente sinais de contaminação do fungo *Diaporthe phaseolorum* ainda é cedo para quantificar os danos, uma vez que os plantas ainda estão em fase inicial do crescimento.



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

No Paraná, os danos causados pelo cancro da haste são mais severos nos municípios de Castro, Tibagi, Palmeira e Ponta Grossa. Tanto que os especialistas da área de fitopatologia do CNPSO acreditam em quebra significativa da produção de soja naquelas regiões, que também podem chegar aos 80 por cento.

Sem controle curativo

Os especialistas em doenças de soja do CNPSO estão muito preocupados com a situação. E não é para menos. Caso os produtores de soja não tomem atenção à incidência do cancro da haste, adotando as recomendações da pesquisa, os 9 milhões de hectares tradicionalmente ocupados com soja podem ter sérios prejuízos - Entenda Yonirani.

É que o cancro da haste não tem controle curativo por ser uma doença nova - apareceu pela primeira vez a nível epidêmico na sexta passada - e por ser transmitido através do plantio de sementes contaminadas.

Já que praticamente todas as regiões produtoras de soja do Brasil têm condições climáticas favoráveis à disseminação da doença - que se espalha com facilidade quando são registradas altas temperaturas e altos teores de umidade - todo cuidado é pouco com o plantio de variedades que apresentem algum grau de tolerância ao fungo e a utilização de sementes de boa qualidade. O CNPSO, aliás, está fazendo o levantamento das variedades menos suscetíveis à doença para poder recomendá-las aos produtores.

Yonirani lembra que, provavelmente, o fungo causador do cancro da haste deve ter sido introduzido nas lavouras, através de sementes contaminadas. Com uma boa chuva e ventos fortes são suficientes para espalhar o fungo, em pouco tempo a disseminação da doença pode ser generalizada.

Cuidados

Os especialistas em doenças do CNPSO estão procurando genes resistentes à ação do fungo causador do cancro da haste. Este porém é um trabalho de melhoramento genético demorado, cujos resultados são obtidos a longo prazo.

Não é por outro razão que Yonirani recomenda aos produtores a prevenção da incidência da doença em suas lavouras, através da utilização de técnicas simples como a tratamentação de sementes antes do plantio - o que a doença é transmitida por sementes contaminadas. Os pesquisadores recomendam também a rotação da cultura com milho. Os produtores de soja com áreas em rotação também de milho devem não se deixar levar pelos resultados de culturas passadas e não adotar de independentes do milho.

Yonirani recomenda, também, a utilização de produtos químicos, no momento que

Nome do animal	G.S.	Idade	Sexo	Lac.	Produção (kg)	% Gord.	Proprietário
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.							
CLASSE 32 - de 3 a 3 1/2 anos							
JOSEF PAUL	3226	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 33 - de 3 1/2 a 4 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 34 - de 4 a 4 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 35 - de 4 1/2 a 5 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 36 - de 5 a 5 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 37 - de 5 1/2 a 6 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 38 - de 6 a 6 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 39 - de 6 1/2 a 7 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 40 - de 7 a 7 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 41 - de 7 1/2 a 8 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 42 - de 8 a 8 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 43 - de 8 1/2 a 9 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 44 - de 9 a 9 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 45 - de 9 1/2 a 10 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 46 - de 10 a 10 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 47 - de 10 1/2 a 11 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 48 - de 11 a 11 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 49 - de 11 1/2 a 12 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 50 - de 12 a 12 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 51 - de 12 1/2 a 13 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 52 - de 13 a 13 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 53 - de 13 1/2 a 14 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 54 - de 14 a 14 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 55 - de 14 1/2 a 15 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 56 - de 15 a 15 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 57 - de 15 1/2 a 16 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 58 - de 16 a 16 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 59 - de 16 1/2 a 17 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 60 - de 17 a 17 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 61 - de 17 1/2 a 18 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 62 - de 18 a 18 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 63 - de 18 1/2 a 19 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 64 - de 19 a 19 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 65 - de 19 1/2 a 20 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 66 - de 20 a 20 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 67 - de 20 1/2 a 21 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 68 - de 21 a 21 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 69 - de 21 1/2 a 22 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 70 - de 22 a 22 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 71 - de 22 1/2 a 23 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 72 - de 23 a 23 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 73 - de 23 1/2 a 24 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 74 - de 24 a 24 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 75 - de 24 1/2 a 25 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 76 - de 25 a 25 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 77 - de 25 1/2 a 26 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 78 - de 26 a 26 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 79 - de 26 1/2 a 27 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 80 - de 27 a 27 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 81 - de 27 1/2 a 28 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 82 - de 28 a 28 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 83 - de 28 1/2 a 29 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 84 - de 29 a 29 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 85 - de 29 1/2 a 30 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 86 - de 30 a 30 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 87 - de 30 1/2 a 31 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 88 - de 31 a 31 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 89 - de 31 1/2 a 32 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 90 - de 32 a 32 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 91 - de 32 1/2 a 33 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 92 - de 33 a 33 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 93 - de 33 1/2 a 34 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 94 - de 34 a 34 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 95 - de 34 1/2 a 35 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 96 - de 35 a 35 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 97 - de 35 1/2 a 36 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPELINER S/A	347	30	3/2	384	1389	128.0	3.44
CLASSE 98 - de 36 a 36 1/2 anos							
JOSEF PAUL	347	30	3/1	383	1326	254.5 LB	3.71
ANTONIO ANTONIO TAPPE							

Nome do animal	G.S.	Idade	Dias	Produções (kg)	%	Proprietário	
		A/M	Lac.	Leite	Gordura		
P. MURIA FROSTY	1749	PC	3/7	350	8885	296.1	1.25
ZELIA WIDMAN		PC	3/11	345	8728	285.4	1.27
LUMENA D. QUEEN ARLINDA CHIEF	TE 11	PC	3/9	345	8125	249.6	1.32
INITIATIVA SAO QUIRINO	264	QNB	3/6	322	7292	227.3	1.42
NAB GRACA	27	PC	3/9	345	6760	238.6	1.42
SO INUITA ACHILLES BANA	324	PC	3/9	333	4839	197.7	2.91
NOVA MURTA 10M	QNB	3/9	345	5747	195.2	2.89	1.42
TERESA CATUCHA WILLOW JUCLEY	2052	PC	3/10	325	6740	197.2	2.94
AMRI KUNA 181 MAESTIST		PC	3/7	345	5707	205.6	3.57
SPECIAL BLEND 2 JETSTAR	418	PC	3/11	344	5648	171.7	3.03
GUARA GUARAVARA	449	PC	3/11	323	5445	185.6	3.45
SPECIAL LUTSI 3 WISEMAN	441	PC	3/8	345	5499	185.0	1.42
SPECIAL BLORY J. BELL	448	PC	3/7	311	5040	164.9	1.42
SARA KIT BUILDIN N.L.		BCJ	3/4	342	4980	164.8	3.31
ROMA FARRIL		PC	3/11	316	4644	176.2	3.79
GUARA FARRIL	200	PC	3/10	346	4547	164.4	3.47
CACAMBA TELSTAR CHIEF PHA		BCJ	3/1	324	4044	170.4	4.42
SPECIAL LUTSKI JETSTAR	422	PC	3/8	324	3578	124.3	3.47
CLASSE C3 - de 4 a 4 1/2 anos							
MAPITA N.L.		BCJ	4/3	345	1521	329.9	3.40
P. MURIA FROSTY CITATION TE	1672	PC	4/4	314	1727	278.4	7.25
SPECIAL LADOTE BOB ML		BCJ	4/0	341	5040	284.8	3.56
HERPETA SAO QUIRINO	104	QNB	4/0	344	7980	221.9	2.70
TECLA VALIANT FORT		BCJ	4/0	345	7570	259.7	3.47
SPECIAL LINA 1 DAK STAR	425	PC	4/0	345	7451	180.3	3.55
PC MURIA CLASSIC SONORO	39	PC	4/0	311	7225	225.1	3.51
SHEILA WIDMAN		PC	4/1	318	6702	222.5	3.12
SO NORRA DAK STAR BILENA	442	PC	4/0	318	6347	200.8	3.18
SPECIAL NANCY J. ACE	391	PC	4/5	345	5952	192.5	3.21
SO TEMPO F. WIDMAN T.E.		PC	4/2	308	5952	257.7	4.34
CARINA NANCY P. N.A.		BCJ	4/2	308	5949	167.9	4.82
OFF NARLA DAKSTAR	425	PC	4/2	345	5941	206.6	3.47
NATALIA 12 ASTRONAUT CHIEF RICCA		BCJ	4/2	329	5928	168.2	2.84
REMO WIS APOLLO N.L.		BCJ	4/4	345	5053	170.2	3.37
SPECIAL PERFORMER TRADITION PEDRASGU		BCJ	4/1	341	4718	165.8	3.51
KUREJA VO		BCJ	4/1	345	4628	164.9	3.54
BRIGADA NANCY PHA		BCJ	4/4	313	3895	100.2	2.57
CLASSE C3 - de 4 1/2 a 5 anos							
PHO D. ALMO ALVORA DAK STAR TOPEKA		PC	4/8	345	9199	284.8	3.12
GUARA GUARAVARA N.L.		BCJ	4/11	313	9179	516.1	3.40
P. D. ALMO ALVORA ASTRONAUT SABENA		PC	4/7	313	8807	275.1	3.41
ROSEMARY FONG FRIEND		BCJ	4/11	309	8715	302.4	3.47
CARETA WIS APOLLO N.L.		BCJ	4/8	311	8428	292.4	3.47
ALVARO ROSTERER ESTANCIA		PC	4/8	324	7822	207.2	3.67
SO NARLA CAVALLER AGOLA	485	PC	4/9	345	7582	242.3	3.29
P. D. ALMO ALVORA DAK STAR VAIZADA		PC	4/9	345	7554	250.8	3.39
BACAMA TRISTAR P. N.A.		BCJ	4/10	341	7544	241.5	3.28
P. NISSEL ELEGANCE	1409	PC	4/8	309	7495	253.8	3.38
JENNIFER GLEASON IMAGE V. A.		BCJ	4/8	327	5226	175.8	3.36
P. MURIA CENTAURO	1612	PC	4/8	319	5126	185.7	3.38
NALU PICCHI		BCJ	4/7	345	4488	161.3	3.59
CLASSE B - de 5 a 5 1/2 anos							
PHO D. ALMO ALVORA DAK STAR TOPEKA		PC	5/10	345	8816	301.4	3.42
SIVENNETA SAO QUIRINO	37	QNB	5/9	324	8816	259.4	2.96
SO BRATEIRA JARVALI EPISTOLA	508	PC	5/9	345	8872	264.8	3.43
TERESA DENHAM JARVALI 1271E	2040	PC	5/0	345	8052	259.6	2.96
SO GALHETA BLOND BALEIA	519	PC	5/0	351	7548	226.1	2.99
SO BRATEIRA CAVALLER FLEDONA	527	PC	5/0	345	7533	222.8	2.95
P. LOMBADA HANOVER	1793	PC	5/11	337	7798	244.2	3.37
OTUM SUAVY VINDOCEA	814	PC	5/1	345	6824	227.7	3.47
JOANA ASTRONAUT LENDER VINDOCEA 78A		BCJ	5/1	345	6184	216.8	3.31
MADEIRA BAL CALCULATOR RICCA		BCJ	5/9	346	5785	178.1	3.48
SO NARLA 312 CARL DE STA N.	5606	PC	5/8	345	5372	144.2	2.68
GUARAVARA B. PERFORMER PEDRASGU		BCJ	5/11	345	5246	191.8	3.68
MADEIRA NALA ELEVATION NILESTONE		PC	5/2	345	5148	194.6	3.68
OFF ESTANDEIRA ANITA JETS, TE	333	PC	5/10	345	5044	164.5	3.39
OFF FAVORITA VENUS VALIANT TE	388	PC	5/1	332	4946	177.9	3.69
SPECIAL JINTE 1 BLEND	346	PC	5/0	316	4924	169.1	3.51
NORINA UNICE TEHRASA 480		BCJ	5/1	345	4557	159.3	3.51
P. LICITANTE CENTAURO	1499	PC	5/8	314	4462	122.9	3.50
CLASSE E - de 6 a 7 anos							
PARASITO JARVALI PAI		PC	6/10	337	11122	375.7	3.58
N.A.D. TRADITION SENNA TE		PC	6/5	345	10600	322.4	3.22
SO WIS APOLLO N.L.		BCJ	6/7	347	1251	375.8	3.74
COTILAN 2113 APOLLO DE STA N.	6442	PC	6/10	345	9206	240.7	2.83
CHALAS MILESTONE LAUREN	89	PC	6/11	349	8950	290.0	3.24
AMRI GLENVIE MAESTIST	102	PC	6/5	345	8656	298.2	3.45
ALCANJA AG		QNB	6/2	315	8139	277.4	3.41
GUARAVARA SAO QUIRINO	288	PC	6/1	322	7298	205.1	2.78
POLETA IV NAVE BITE STA N.	6479	PC	6/4	345	6710	187.7	3.80
P. JARVALI WILLIAM	1222	PC	6/4	328	6494	232.8	3.38
BLITY DENNO DE FRANCIS	314	PC	6/9	326	6376	207.0	3.24
SARA'S NANCY JEWEL	146	PC	6/3	345	5781	205.8	2.58
P. JARVALI WILLIAM	1745	PC	6/4	345	5489	179.4	3.45
YAKULT FIRENZE ASTRONAUT	8229	PC	6/9	325	5565	165.9	3.36
GUARAVARA N.L.		PC	6/11	315	5489	199.4	3.65
THES IRANOS DIANA PRINCE 2	218	PC	6/5	345	5373	164.4	3.66
DR JANE DIVINA DOMINIS	84	PC	6/10	355	4695	156.2	3.72
MAJALINA DOMINANTE 329 30		BCJ	6/7	346	3972	148.1	3.57
CLASSE F - de 7 a 8 anos							
JPR FALESTINA	28	PC	7/11	345	10669	285.1	2.89
ORDEN DA SAO SEBASTIAO	414	BCJ	7/2	345	10588	287.9	2.74
FELISA NAVEI ABBA 7A	171	PC	7/11	342	8927	287.7	3.37
SO ENCOSTADA CAVALLER EPISTOLA	667	PC	7/9	345	8115	240.4	2.96
ALVARO NILESTONE BRITANIA		PC	7/10	352	7434	232.2	3.12
SO FACA NAVEI CAROLINA	632	PC	7/1	348	7405	236.8	3.20
CHRY-80		PC	7/1	345	7055	220.9	2.58
NELSON HERCILIA		PC	7/8	345	6588	220.9	2.58
ESTIVA ELEVATION PEDRASGU		PC	7/7	339	6114	233.2	3.64
CONDE JANET 503	96	PC	7/5	340	6176	188.1	3.54
YAKULT MARIDONA	8107	PC	7/11	365	6178	207.7	3.36
YAKULT ANDRESSA CAFFABLE	8138	PC	7/3	319	5510	172.4	3.13
CLASSE G - de 8 a 9 anos							
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
CARLOS ALBERTO J. LUDMAN		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65
PRODUTO RENATEL LTDA		PC	8/11	345	5489	199.4	3.65

em 50% o faturamento de US\$ 4 milhões obtidos em 89. "Estamos investindo 3% da receita para efetivar tais mudanças", conta Eduardo Carlos de Freitas, gerente de marketing. Segundo ele, a cifra deve subir para 5% até o meio deste ano.

Atualmente, são produzidos 16 itens diferenciados, com 33 opções de apresentação. O Rumivac (52 ml litros/ano, somando as versões oral e injetável), um vermifugo para bovinos, e o Equalix (200 ml unidades/ano), para cavalos, são os carros-chefes da linha. A empresa possui, também, uma divisão de química fina, que exporta para a Europa um volume equivalente a US\$ 1 milhão anuais em produtos para a indústria farmacêutica.

Outro projeto, em andamento, é a construção de uma fábrica com 3800 metros quadrados, em Uberaba (MG). Até junho, a unidade já estará produzindo a linha química. "Investimos cerca de US\$ 1,5 milhão e a pretensão é, a médio prazo, transferir a fabricação de toda a linha do IVA", afirma Eduardo Freitas.

TOLEDO Empreendimentos e Comércio Ltda.

O CENTRAN TOLEDO informa as seguintes opções de curso para 1990:

* APARAÇÃO DE CASCOS, CORREÇÃO DE APRUMOS E FERRAGEAMENTO
* PRIMEIROS SOCORROS PARA EQUINOS E BOVINOS

* DOMA RACIONAL, MANEJO E EQUITACAO

* ADESTRAMENTO FUNCIONAL

* NUTRICAO

* GERENCIA DE HARAS E FAZENDA

Os cursos programados de MAIO A JULHO são:

MAIO:

10 a 12 - Doma/Manejo/Equitação

17 a 19 - Adestramento Funcional

24 a 26 - Aparação de Cascos/Aprumos/Ferrageamento

JUNHO:

14 a 16 - Nutrição e Balançamento de rações

21 a 23 - Gerência de Haras e Fazenda

28 a 30 - Aparação de Cascos/Aprumos/Ferrageamento

JULHO:

05 a 07 - Condicionamento/Treinamento de Equinos

12 a 14 - Primeiros Socorros para Equinos

19 a 21 - Aparação de Cascos/Aprumos/Ferrageamento

O CENTRAN TOLEDO tem a tradição de centenas de cursos por todo o País, militares de pessoas treinadas e instalações próprias.

Oferecemos alojamento completo com refeições no local.

VENHA TREINAR CONOSCO: Reservas: (0123) 22.4921 e 22.6156

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

COMPUTADOR GERAL ETE

O sistema surgiu da necessidade de um controle completo por parte dos criadores em gerenciar seu rebanho, e tem por objetivo destacar os principais elementos que devem ser considerados nas decisões de rotina da atividade leiteira, possibilitando a evolução do rebanho, maior produtividade e maior retorno econômico. Através de índices como: intervalo entre partos, produção por vaca, período de produção e outros, torna-se mais fácil o trabalho de descarte de vacas não produtoras e com falhas reprodutivas (repetição de cio).

O programa é composto por 6 (seis) módulos: Cadastro de Rebanho, Cadastro de Raças, Controle Reprodutivo, Controle Leiteiro, Controle Sanitário e Alteração de Parâmetros, explicando-se através de mensagens de modo a permitir ao usuário a executar todas as operações, com o mínimo de conhecimento sobre a máquina.

Maiores esclarecimentos e demonstrações:
MONREAL COMPUTAÇÃO E SISTEMAS S/C LTDA
R. SETE DE ABRIL, 386 13º ANDAR
FONES: (011)231-0964 e 255-5833 c/ Fernanda ou Sérgio.
SUPERVISORA TÉCNICA: FERNANDA AQUILINO - ZOOTECNISTA

Software para avicultura e suinocultura

O primeiro certificado de registro de programa de computador (software) concedido pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) para Campinas é de autoria da professora da Unicamp, Irenilza de Alencar Naves. O software foi registrado pelo Totodot Corca & Soares e Patentes no INPI e tem o número 88.000.467 naquela órgão.

Denominado "Veni", o software microcomputador da pesquisadora da Unicamp foi desenvolvido para avaliar o desempenho de edificações para suinocultura e avicultura intensivas em clima quente, com ventilação natural e forçada, através do cálculo do balanço térmico dentro do prédio. O lançamento comercial do software Veni será na feira Flays, organizada pela empresa Gossuli, em maio próximo, no Anhembi, em São Paulo.

O diretor da Toledo Correu, Paulo Roberto Correu, afirmou que o fato do Campi-
ssa ter o seu primeiro software registrado
no INPI tem um sentido pioneirismo, um
que em todo o país até o momento são
cerca de 70 software registrados.

Alíneas informações pelos telefones
0192) 32-0244 ou 8-5452.
30/04/90

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Nome do animal	G.S.	Avul	Lac.	Diã.	Prod. Leites (kg)	% Gord.	Proprietário
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	324	5184	179.8	3.47
CHOCOLATE DO TACUET	199	NR	7/2	324	4782	184.3	3.51
CLASSE B - de 4 a 14 anos							
CHOCOLATE DO TACUET	232	NR	7/2	322	5375	197.7	3.48
POPEIRA DO TACUET	1970	NR	7/2	32			

[illegible]

CAT) Incentiva o Plantio de frutíferas

A DIRA de Campinas em conjunto com O Departamento de Sementes e Mudas, da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), montou um Posto de Venda de mudas de Árvores Frutíferas a preços bem acessíveis, no Parque da Água Branca, junto à Delegacia Agrícola de São Paulo. Essas frutas silvestres (pitanga, araçá, cabeluda, etc), deverão ser vendidas principalmente para pequenos sítios no sentido de recompor a flora e fauna. A partir do início do mês de abril o mesmo Posto estará vendendo mudas de manga, pêssego, uva, etc, para os visitantes do Parque.

O Horto Florestal de Limeira, situado na região de Campinas, iniciará em abril a venda de cerca de 30 milhões de borbulhas certificadas de citros. O referido projeto é coordenado e executado a nível estadual pela CATI, com a participação do Instituto Agronômico de Campinas, Instituto Biológico de São Paulo, Fundação de Pesquisas Agro-Industriais de Bebedouro, Prefeitura Municipal de Limeira, Associação dos Produtores de Mudanças de Limeira e apoio financeiro da Prociplan. A técnica utilizada para a produção das borbulhas é de Moncada - Espanha, método este que reduz a produção das borbulhas de cinco para um ano, sendo que cada porta-enxerto produz até 150 borbulhas por ano. Os viveiristas registrados que estiverem interessados na compra de borbulheiras certificadas, poderão entrar em contato com o Horto Florestal de Limeira pelo fone (0194) 41-9077.

**NOVO CENTRO DE TREINAMENTO
MAXION**

A Maxion inaugurou seu mais novo Centro de Treinamento, na cidade do Rio Verde (GO), junto às instalações da Escola Agrícola Federal, instituição de ensino com a qual a empresa afirmou convênio para executar em colaboração com a prefeitura municipal. O Sul de Goiás é uma das principais portas do Centro-Oeste brasileiro e abriga um importante pólo agrícola, ainda em expansão, que permitirá duas safras e meia por ano.

Dotado de toda a estrutura necessária, o Centro de Treinamento Maxion de Rio Verde tem capacidade para realizar até três cursos simultaneamente. Salas de aula, oficinas, conjuntos mecânicos didáticos (eixos, transmissões, motores etc.) e uma frota composta por uma coleteadeira, uma retroescavadeira e sete MIF e Maxion somam-se aos 200 hectares disponíveis para a integração de aulas teóricas com práticas no campo.

O primeiro curso, já iniciado, abre uma

programação definida que se estende até dezembro com uma previsão de treinar cerca de 1.500 alunos, em 1990. Cada curso, numa grama de 30 desenvolvidos pela Maxion, tem duração de uma a três semanas. A unidade de Rio Verde é a quinta em pleno funcionamento. Além do Centro de Treinamento junto à sede da empresa, em Canoas, nas dependências da Universidade Luterana do Brasil, também estão em atividades os centros de Pirassununga (SP), Campina Grande (PB) e Campo Novo do Parecis/Fazenda Itamarati (MT).



Vista parcial da nova unidade da Cargill em construção em Uberlândia. Sua inauguração está prevista para setembro de corrente ano.

NOVO INVESTIMENTO DA CARGILL

A Cargill Agrícola S/A., que neste ano de 1989 completará 25 anos de atividades no Brasil, está iniciando uma nova operação em nosso País. Ela vem se somar à produção de sementes de milho híbrido, rações e concentrados, processamento de soja e refino de óleo, e sucos cítricos diversos subprodutos de laranja, processamento de cacau, exportação de "blends" selecionados de café, comercialização e exportação de "commodities" agrícolas e não-agrícolas e várias outras atividades e serviços.

Promil 21 Cargill, Glutenose 60 Cargill e Liquor de Milho Cargill novos ingredientes para formulação de rações.

A empresa está divulgando a construção de uma unidade de processamento de milho por via úmida, localizada na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A Cargill dispõe de quatro similares nos Estados Unidos e duas na Europa. Será a primeira unidade de processamento de milho inteira e totalmente construída pela Cargill fora dos Estados Unidos. Depois de um minucioso projeto de pesquisas, que envolveu estudos de mercado deliberou que, em face do potencial de expansão da nossa economia, o Brasil necessitará de um crescente suprimento de glicose e amido.

A fábrica de Uberlândia processará 600 toneladas de milho e produzirá, além de glicose e amido, ingredientes para formulação de rações, entre os quais se destacam

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Nome do animal	G.S.	Idade	Dias	Leite	Gordura	% Gord.	Proprietário
CLASSE E - de 4 a 7 anos	PD	6/4	329	7864	263,9	3,35	PEDRO CONDE
ALBERTINA S. M. UNIAU TE	PD	7/11	329	10241	294,0	2,87	PEDRO CONDE
ALBERTINA S. M. TENISTA TE	PD	7/1	365	7841	272,9	3,67	ARILCAR FARIAS YAMIN
CORONA JAMBAI RODRIGUES	PD	7/7	365	6930	227,3	3,29	COND. GABRIEL DIAS PEREIRA
PEREIRA MALVINA JUNO	PD	8/5	345	12294	357,5	2,91	PEDRO CONDE
PIPER-WORLD DIPLONAT RES-ET	PC	8/9	332	1042	229,1	3,90	COND. GABRIEL DIAS PEREIRA
SUTENALMA PEREIRA	PD	10/4	265	8681	322,8	3,85	ARILCAR FARIAS YAMIN
ROSI-LANE DESTINY DIAMOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD	10/7	212	7505	319,2	4,13	ARILCAR FARIAS YAMIN
SIMONESTEE T. B. BOND	PD						

Nome do animal	G.S.	Idade A/M	Dias Lac.	Produção (kg) Leite Gordura	% Gord.	Proprietário
CLASS E - mais de 10 anos DRA 11404-97 RUBENSON DRA 01 SMO SMO	PO	12/13	319	6227	235.2	3.60 JOSEY PERES
	PO	12/ 0	347	2645	151.9	5.14 MILTON OLAS FILHO
Mto. Ord.: 3r						
CLASS E - de 2 a 3 1/2 anos DRA 001 SMO	PO	2/ 3	345	5452	262.6	1.49 TONI E ESTERINHO DA J. ANDREIA LIMA
CLASS E - de 3 a 3 1/2 anos DRA 001 SMO	PO	3/ 4	346	1204	180.2	3.46 FRANCISCA PRADO PEREIRA
CLASS E - de 3 1/2 a 4 anos DRA 001 SMO	PO	3/ 8	359	4909	184.0	3.86 FRANCISCA PRADO PEREIRA
CLASS E - de 4 a 4 1/2 anos DRA 001 SMO	PO	4/ 2	355	3466	200.2	3.25 MULLER FARIAS AMARAL
CLASS E - de 4 a 5 anos DRA 001 SMO	PO	5/ 9	365	7234	289.6	3.20 DONALD E FARIAS
	PO	5/ 3	355	5748	259.1	4.16 FERNANDO PRADO PEREIRA
CLASS E - de 5 a 10 anos DRA 001 SMO	PO	8/ 2	349	4282	160.7	5.15 MILITAR PRADO PEREIRA
	PO	9/10	344	2708	167.2	3.79 FRANCISCO PRADO PEREIRA
Mto. Ord.: 2r						
CLASS E - de 3 a 4 anos DRA 001 SMO	PO	4/ 4	324	4436	238.4	3.32 COSTA CARVAL DE ALMEIDA
CLASS E - de 4 a 7 anos DRA 001 SMO	PO	4/ 3	326	4877	227.5	4.44 COSTA CARVAL DE ALMEIDA
CLASS E - de 7 a 8 anos DRA 001 SMO	PO	7/ 0	318	4254	143.3	3.37 COSTA CARVAL DE ALMEIDA
CLASS E - de 8 a 10 anos DRA 001 SMO	PO	8/ 5	314	5512	221.6	4.94 COSTA CARVAL DE ALMEIDA
	PO	8/ 4	312	4744	178.1	3.35 COSTA CARVAL DE ALMEIDA
CLASS E - mais de 10 anos DRA 001 SMO	PO	12/ 0	318	4918	196.1	5.10 COSTA CARVAL DE ALMEIDA
Mto. Ord.: 2r						
CLASS E - de 3 a 3 1/2 anos F.S. ESTERINHO SMO	PO	3/ 3	362	3525	114.9	3.39 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
CLASS E - de 3 1/2 a 4 anos F.S. ESTERINHO SMO	PO	3/ 6	365	3972	192.0	4.80 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	3/ 8	361	2990	152.4	5.62 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	3/ 7	363	2824	178.0	5.33 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	3/ 9	366	2344	102.4	4.36 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
CLASS E - de 4 a 4 1/2 anos DRA 001 SMO	PO	4/ 2	365	3991	179.3	4.55 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	4/ 3	365	2877	128.3	4.22 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
CLASS E - de 4 1/2 a 5 anos F.S. ESTERINHO SMO	PO	4/10	358	5342	152.4	3.16 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	4/ 9	316	2136	116.6	4.92 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
CLASS E - de 5 a 6 anos DRA 001 SMO	PO	5/ 7	375	3476	170.4	4.71 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	5/ 5	358	2894	127.0	4.34 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
	PO	5/ 7	357	1681	82.5	3.32 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
CLASS E - de 6 a 7 anos DRA 001 SMO	PO	6/ 0	365	4895	278.3	5.41 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	6/ 7	357	2515	121.4	4.87 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
	PO	6/ 7	365	4773	145.9	5.47 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	6/ 7	367	3718	149.2	5.26 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	6/ 7	310	1706	76.2	4.20 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
CLASS E - mais de 7 anos DRA 001 SMO	PO	9/ 0	365	4701	277.9	5.48 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	9/ 2	351	4508	236.7	5.69 JOSE FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
	PO	12/ 4	380	4580	264.2	8.16 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	11/ 7	337	3155	190.2	6.25 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	11/ 1	351	4278	226.5	5.56 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	7/ 7	319	1984	101.0	4.40 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	7/ 7	358	3718	187.0	5.03 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	7/ 4	365	3402	192.6	4.39 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	10/ 6	365	3514	179.1	5.27 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	7/ 4	351	1501	105.0	4.85 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	9/ 0	314	3514	175.9	5.24 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	8/12	359	3283	171.4	5.20 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	10/ 4	365	3256	144.2	4.48 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	8/10	365	3272	142.2	4.40 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	9/ 1	335	1204	180.2	3.46 FRANCISCA PRADO PEREIRA
	PO	10/ 2	304	1280	184.2	3.46 FRANCISCA PRADO PEREIRA
	PO	7/ 9	341	1762	84.4	5.77 FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
	PO	9/ 0	361	1832	67.8	4.22 FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
	PO	10/ 8	319	1537	57.2	4.39 FRANCISCO ARIOLLA PEREIRA
Mto. Ord.: 3r						
CLASS F - mais de 7 anos DRA 001 SMO	PO	8/11	345	4780	201.2	3.28 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
	PO	11/ 8	340	3551	152.5	3.28 JENIA ARIOLLA E PECANHA LIMA
Mto. Ord.: 2r						

Promill 21 Cargill e Glutnose 80 Cargill.
A Cargill agrícola S.A. poderá fornecer in-
formações adicionais sobre esta sua nova at-
ividade a todos os interessados, através dos
telefones (011) 548-8457 e 548-8657 ou pelo
fax: (011) 548-8122. A correspondência po-
derá ser dirigida para a Cargill Agrícola
S.A., Departamento de Processamento de
Milho - Rua Olavo Bilac, 157 - São Paulo -
CEP 04671. Caixa Postal, 9333, São Paulo.
Telex 10111 56341.

Exposições

NOVA FASE DA EQUINOCCULTURA NACIONAL

A criação de cavalos de raça no Brasil alcançou grande desenvolvimento nos últimos anos, quando o País passou a ser um dos maiores produtores mundiais. Agora uma grande feira internacional de cavalos vai consagrar essa posição. A Equiter Brasil-90, o primeiro Festival Internacional do Cavalo, envolvendo a exibição de 8 mil animais do Brasil, da Europa e de outros países das Américas, será realizada no Riocentro de 13 a 22 de julho.

Será uma festa única, ocupando todos os espaços do Riocentro - 600 mil metros quadrados, dos quais 70 mil cobertos. Um estádio esportivo, de 20 mil metros quadrados, está sendo construído para a Equinex, lotado de uma cidade hipica com capacidade para 3 mil animais, alojamentos para tutores, terrário, ambulatório e demais itens de funcionalidade e segurança.

A programação da Equiniter inclui shows equestres internacionais, saltos, provas de adestramento, rodeios, salto olímpico, polo "in door" e concursos de raças. Os organizadores preveem a presença de 600 mil pessoas, um número que as atividades equestres nunca reuniram no País. Além do mais, a Equiniter dolebrá o Rio de mais um chamativo turístico, desta vez na temporada de inverno.

DIVULGAR O BRASIL

A Equiter visa principalmente divulgar o desenvolvimento que o Brasil atingiu na criação de cavalos, e fazer o intercâmbio com outros países, expandindo a equinocultura nacional com enriquecimento do plantel. A exportação de cavalos de raça é um segmento econômico onde o Brasil tem muitas potencialidades, ainda pouco conhecidas lá fora.

II EXPOSIÇÃO ESPECIALIZADA DO CAMPOLINA EM SP

Num clima de muita participação, a II Exposição Especializada Compotino do Estado de São Paulo, ocorrida de 15 a 19 de março, no Parque da Água Branca, em São Paulo, mostrou o nível seletivo do critério, além de reunir especialistas e criadores de todo o País.



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Realizada pelo Clube do Cavalinho Campolina do Estado de São Paulo, com o apoio da Associação Brasileira dos Criadores do Cavalinho Campolina, o evento contou com a participação de 157 animais das diversas categorias, julgados pelo especialista João Pessoa de Souza, mais conhecido como "João Baiadeiro".

Alto índice de qualidade

O julgamento transcorreu nos dias 16 a 18 das 8 às 17 horas e houve muita disputa em algumas categorias. Para o juiz, os animais apresentaram alto índice de qualidade em caracterização e conformação. "A minha surpresa foi encontrar um grande número de animais bem enquadrados na marcha".

João Pessoa de Souza, que está há 35 anos na profissão de juiz, analisando o criatório paulista concluiu: "o número de animais da raça campolina em São Paulo já é bastante significativo e os criadores têm se preocupado com a seleção e manejo dos animais".

Devido às incertezas quanto às medidas tomadas pelo novo Governo, dia 15 de março, o Leilão da Especializada Campolina, que seria realizado dia 17 de março às 19 horas foi cancelado. Os animais já estavam selecionados e muitos criadores ficaram na expectativa, pois alto era o padrão dos animais que seriam levados à pista.

Concurso de Marcha

O disputado concurso de marcha foi realizado, dia 18, das 9 às 12 horas. Segundo o juiz, João Pessoa de Souza, os animais estavam bem enquadrados e sempre 3 deles se destacavam, ficando acirrada a disputa do Campeão.

Para a marcha, Pessoa levou em consideração 5 fatores importantes: o estilo, a comodidade, a resistência, a regularidade e o rendimento.

Os melhores

No domingo, após o concurso de marcha, houve a entrega dos troféus aos proprietários dos Campeões por categoria e dos Grandes Campeões.

O melhor criador foi Luiz Carlos de Barros Vianna, do Has dos Meninos - Cachoeiras de Macacu - RJ com 95,5 pontos. O 2º Melhor Criador foi Gastão Ribeiro de Oliveira Resende Filho, da Fazenda Palestina - Entre Rios de Minas, MG com 75 pontos.

Glaciomar e Dirceu Machado do Sítio Kantina, Bicas, MG, foram os melhores com 205 pontos. Em segundo lugar ficou Gastão Resende Filho com 180 pontos. A seguir os resultados por categoria e os grandes Campeões:

RESULTADO OFICIAL DA II ESPECIALIZADA

CAMPEONATO JOVEM - FÊMEAS:

CAMPEÃ
BARTOLA DO ANGELIM
Vitor Manuel da Costa

RESERVADA

BALADA DO ANGELIM
Alfredo Manuel Fernandes Filho

Nome do animal	G.S.	A/M	Lac.	Idade	Dias	Produções (kg)		%	Proprietário
						Leite	Gordura		



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

CLASSE B2 - de 3 a 3 1/2 anos	BP56	2M	3/0	365	4479	174,7	3,90	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB MELANA	BP 72	2M	3/0	365	4146	167,9	4,03	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB EXITA	12488	N13	3/4	365	2923	125,5	4,29	PAULO DE THARSO BITTENCOURT

CLASSE B5 - de 3 1/2 a 4 anos	BP520	N13	3/9	365	3940	162,2	4,12	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB CAMPANHA	BP2124	2M	3/0	365	2852	119,8	4,20	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB PRESQUE	DIACUT DE EXITA 01 A2	81	3/6	365	2372	95,7	4,03	PAULO DE THARSO BITTENCOURT

CLASSE C2 - de 4 a 4 1/2 anos	679	2M	4/5	323	3453	120,2	3,79	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB JUSTICA	PTB MESQUITA BP-50	2M	4/2	342	3124	124,8	4,30	PAULO DE THARSO BITTENCOURT

CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos	216709	N13	4/7	365	4488	190,8	4,43	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB ABALIA								

CLASSE D - de 5 a 6 anos	11179	2M	5/5	365	5567	212,2	3,81	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB FLOWER	380P	2M	5/0	365	3073	234,8	4,43	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB PRETTY	21208	N13	5/4	365	4454	196,3	4,41	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB ANELIA	34AP	2M	5/9	360	4131	165,8	3,99	PAULO DE THARSO BITTENCOURT
PTB NEW LIFE								

Raça: MESTICA Mro. Orde: 2s

CLASSE F - mais de 7 anos	NR	9/1	324	3005	99,0	3,29	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
ESTRELLINA	NR	9/0	365	2643	84,6	3,20	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
MARUJADA	NR	8/11	365	2410	74,8	3,10	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
MARUJADA	NR	9/0	332	2342	74,9	3,26	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
LINDA	NR	8/11	364	2354	73,7	3,16	CARLOS ROBERTO PINTO MONTEIRO
ANTILIA							

LIVRO DE ESCOL

Produtoras que, no SCL da ABC, tiveram seus nomes inscritos no Livro de Escol, ou sejam, as produtoras que alcançaram LM em 305 dias com uma nova parição dentro de 427 dias.

Código da Vaca	Nome da vaca	Nº de Registro	Data do Controle	Data da Parição	Intervalo entre partos
11	Noe rebanho: FAZENDA PARAISO S/A				
873152	P. LEPIDA WILLIAM	1457	B-89237	06/02/90	31/01/90
963898	P. NELIA ROYALSTAR	1794	B-94765	06/02/90	19/01/90
946541	P. NOVA ROYALSTAR	1742	B-93301	06/02/90	14/01/90
11	Noe rebanho: AGRINDUS S.A. EMPRESA A. E PASTORIL				
921041	ARIEL AGRINDUS		SP-192666	10/02/90	22/01/90
990647	ATLETICA AGRINDUS		SP-206757	10/02/90	18/01/90
1050605	CAROLA AGRINDUS	7169	SP-204072	10/02/90	22/01/90
1035777	CARNEVAL AGRINDUS		SP-210021	10/02/90	19/01/90
1045121	GOURAMA AGRINDUS		SP-207741	10/02/90	15/01/90
770760	GERMINA AGRINDUS		SP-196776	10/02/90	17/01/90
965270	GLORIOSA AGRINDUS		BHG-2811	10/02/90	25/01/90
907740	GOLEIRA AGRINDUS		SP-195770	12/02/90	04/02/90
961695	TEXANA AGRINDUS		RAJ-2209	12/02/90	30/01/90
1040871	ZENADE AGRINDUS		RAJ-4994	10/02/90	27/01/90
1040936	ZEZE AGRINDUS		SP-204530	12/02/90	28/01/90
11	Noe rebanho: RECURIA ANHUMAS LTDA.				
1043641	JANAYEN SAO GUIRINO	116		09/02/90	02/01/90
915467	SO NANCY MARVEL ESPERA	474	B-84524	09/02/90	06/01/90
915459	SO HARPIA WILLOW BUNA	464	B-82018	09/02/90	03/01/90
1907526	SO JININA FORECASTER GIOLA	752		09/02/90	29/01/90
11	Noe rebanho: FERNANDO PRADO RENNO				
963697	BC MURANA MATTHEW III	209251		15/02/90	12/01/90
11	Noe rebanho: KENIA AGRICOLA E PECUARIA LTDA.				
490458	GIOLA	C-1322		20/02/90	11/02/90
11	Noe rebanho: FAZ. BRASILIA AGROPECUARIA LTDA.				
953675	DAVIERA DE BRASILIA	V-2134		14/02/90	18/01/90
11	Noe rebanho: PEDRO CONDE				
977139	ALBERTINA'S ANT ALALALA	88-9913		20/02/90	15/01/90
1049260	ALBERTINA'S ARA CABELUDA	88-12396		20/02/90	09/01/90
827380	ALBERTINA'S MN VINHA TE	88-9125		20/02/90	28/01/90
11	Noe rebanho: LAIR ANTONIO DE SOUZA				
995376	COLOR DYNARD FULVINA	2397	B-94028	14/02/90	06/02/90
1041975	COLOR JUSTIN BAZETA	2876	B-105067	14/02/90	03/02/90

CAMPEÃO
- NONO DE SANS SOUCI
Gastão Ribeiro de Oliveira Resende Filho

RESERV:
- ESTANHO DA MARAVILHA
Kleber Carlos Sgreccia

CAMPEONATO CAVALO SENIOR
CAMPEÃO
- FALCÃO DOS MENINOS
Luiz Carlos de Barros Vianna

RESERV:
- GORGULHO DOS VERDES CAMPOS
Renato Cunha Campolina Marques

GRANDE CAMPEONATO
CAMPEÃ DA RAÇA - JOVEM:
- CARINA DO NAGLADIR
Glaciomar e Dirceu Machado

RESERVADA CAMPEÃ DA RAÇA - JOVEM:
- BARONESA DAS NASCENTES
Philippe G.G.A. Batzli

CAMPEÃ DA RAÇA - SENIOR:
- LAMPARINA DE SANTA RITA
Glaciomar e Dirceu Machado

RESERVADA CAMPEÃ DA RAÇA - SENIOR:
- ULLI DA LAGDA NEGRA
Alvaro Petrechen Laal

CAMPEÃO DA RAÇA - JOVEM:
- GAS CROMO
Gastão Ribeiro de Oliveira Filho

RESERVADO CAMPEÃO DA RAÇA - JOVEM:
- JIVAGO DOS MENINOS
Luiz Antonio Steck

Código da Vaca	Nome da vaca	Nº de Registro	Data do Controle	Data de Partição	Intervalo entre partos
 Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.					
090974	SPECIAL HEP 2 CAVALIER	364	8-91095	15/02/90	09/12/89
1040021	SPECIAL FALCÃO 1 JUSTIN	546	102100	15/02/90	11/01/90
1030264	SPECIAL PALMADA 2 DAN STAR	584	102401	15/02/90	05/12/89
957074	TINGA SUPERIOR BARBOSA	183	8-72949	15/02/90	04/01/90
11 Nome rebanho: FAZENDA E FARRAS SÃO FRANCISCO					
956076	PANDORA CAVALIER JANAUER	123	8-93933	05/02/90	31/12/89
11 Nome rebanho: SANTO MARCONATO					
1041206	FALDA DYNAMO MARCONATO	434	8F-203704	09/02/90	29/01/90
1036301	FRISTA ANDREIRA MARCONATO	419	8F-205133	09/02/90	29/01/90
11 Nome rebanho: MOSA TERESA AGROP. IND. LTDA.					
1035491	ALTIVA MONEY MAIER VA	189	83-8F-198258	04/02/90	30/01/90
11 Nome rebanho: MARIA DO CEU ROSAS ALONSO					
1039790	JANISS ELATION ANGELLE ET VA	524	8-93058	02/02/90	05/01/90
954905	MARIA'S TANGUA STEWART	53		02/02/90	08/01/90
1044591	MARIA'S DECADE DANNA CAVALIER TELIO			02/02/90	23/01/90
11 Nome rebanho: WALTER MANTOIANINI					
108153	ASHCOMB 2 JOE LITA		8-110455	08/02/90	14/12/89
974841	HARTVELD ERLINE THUNDER		8-112216	08/02/90	27/12/89
983269	RITTEN RIGGIE JETSTREAM ANGEL ANGELA			08/02/90	10/01/90
11 Nome rebanho: 2040 SARKIS NETO					
937231	SNOC SOCIALISTA		2976-53-2	07/02/90	30/01/90
11 Nome rebanho: MARCIO MESQUITA SILVA					
786667	S.G. ESCANA MARVEL CAMISOLA	353	889-971230	14/02/90	04/01/90
11 Nome rebanho: CARLOS EDUARDO JAMPIERE					
1043901	BADREN TOP JAMPA	107	24176-C	16/02/90	29/01/90
11 Nome rebanho: CELSO AUGUSTO MONTEIRO DE MORAES					
8586/09	GO GALENA APOLLONAD IABELA	41	8-90405	27/02/90	26/02/90
11 Nome rebanho: HOLAMBRA-FRANCISCO GROOT					
926653	AVENCA DA VENTANIA		16253-C	27/02/90	15/02/90
11 Nome rebanho: HOLAMBRA-HENRIQUE A. WOPEREIS					
1032887	GENIA FANCY DA BUELBRIA		8F-202442	07/02/90	21/01/90
1012007	GIUVANNA FANCY DA BUELBRIA		8A8-3684	07/02/90	19/08/89
923184	BUELBRIA ELIETE JASPER		88-9224	08/02/90	08/12/89
945081	VAN DE BRUES IELJA JADE		89-10734	07/02/90	03/08/89
11 Nome rebanho: HOLAMBRA-SIMON NICOLAAS GROOT					
867187	JOHANNA 5 CAPITAO DA FIPA		8F-166567	13/02/90	07/01/90

CAMILO COLA



Animal PDJ Top Acres Titan Emerson
Mãe - Norvic Elegant Empryss
Pai - Lar-le Stretch Titan OCS

Fazenda Pindobas V.G.
Rodovia Pedro Cola - ES 166 - Km 8 Venda Nova do Imigrante ES CEP 29.370
Telefones: (027) 548.1240 - 548.1110 - 548.1287 Telex (027) 8000 Caixa Postal 011

Código da Vaca	Nome da vaca	Nº. de Registro	Data do Controle	Data da Partição	Intervalo entre partos
11	Nome rebanho: POLANERA-INELEONIS MZENS	Código: 11045			
91955	COLAMBRA VANJA MAC	8-77587	18/02/90	06/01/90	355
104832	SIRENE GUARANY DA COLAMBRA	SP-157753	18/02/90	21/01/90	365
11	Nome rebanho: LILY MONIQUE DE CARVALHO	Código: 11128			
103909	DELIAH MANEJO		24/02/90	18/02/90	411
11	Nome rebanho: BRIZADA S/A AGROPECUARIA	Código: 11207			
98152	CERSEGA 4 ROCK DA SERRA BOCAINA	20182-C	11/02/90	11/01/90	353
11	Nome rebanho: HUGO EVARISTO BENEDEK	Código: 11282			
980323	ALESSANDRO DE SENECA	201175	05/02/90	25/01/90	413
11	Nome rebanho: LUIZ GUILHERME S. PITAGORAS MARZILLI	Código: 11401			
1009001	ARATINGA SPENNA 4 WELLEN	8-24018	18/02/90	29/01/90	372
1047109	ARATINGA SECRETARIA 3 DESDEGATOR	104245	18/02/90	15/02/90	385
11	Nome rebanho: ANTONIO CARLOS LEMOS	Código: 11436			
1030060	CONDOMINIO NAZIMIA	FS-209408	21/02/90	27/01/90	408
11	Nome rebanho: COLAMBRA-MENRIGUE VERNEJEN	Código: 11444			
908461	TUBANTIA NIZORE	8-B1133	22/02/90	03/02/90	368
11	Nome rebanho: JOSE ROBERTO VIVIANI	Código: 11525			
951226	BRAGANCA BILBARTIA JASFEY	80-10590	28/02/90	08/02/90	376
11	Nome rebanho: MILTON DIAS FILHO	Código: 11631			
1043936	BO GABT IMPROVER IV	207429	08/02/90	02/02/90	341
11	Nome rebanho: COLAMBRA-W. COMHEF	Código: 11649			
1038834	DRISLE TUBANTIA	88-805148	27/02/90	18/02/90	419
11	Nome rebanho: SUELI ALVES DA SILVA	Código: 11789			
1044478	SOLAR CIL JÂN		27/02/90	26/01/90	397
11	Nome rebanho: JOAO CARLOS CAMOLES E OUTROS	Código: 11851			
1032621	HANDOVER HILL W LACE 1128	8-112811	04/02/90	14/12/89	415
1054139	HANDOVER HILL W TONY SUKI 3287	8-112829	04/02/90	27/01/90	394
1054091	RUIMY PADO RHODA 9041 ET	8-113070	04/02/90	07/12/89	371



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

RESERVADO DA RAÇA - SENIOR:
NONO DE SANS SOUCI
Gastão Ribeiro de Oliveira Resende Filho

RESERVADO CAMPEÃO DA RAÇA - SENIOR:
MAESTRO DE SANTA RITA
Glaciomar e Dirceu Machado

PROGÊNIES
PROGÊNIE DE MÃE
1-1 Prêmio: Filhos de Legenda da Porteira
nha:
Luana dos Meninos
Falcão dos Meninos
LUIZ CARLOS DE BARROS
VIANNA

2-1 Prêmio: Filhos de Conveção das Palmeiras
- Arriz do Porto Real
- Baluarte do Porto Real
PHILIPPE G.G.A BATZLI

PROGÊNIE DE PAI
1-1 Prêmio: Filhos do Recruta de Passa tempo
- Luana dos Meninos
- Japuiha dos Meninos
- Falcão dos Meninos
LUIZ CARLOS DE BARROS
VIANNA

CONCURSO DE MARCHA
CAMPEÃO: - PROMISSÃO A.R.R.O.
Aloysio Resende Ribeiro de Oliveira
RESERVADA: - ESTRELA A.R.R.O.
Aloysio Resende Ribeiro de Oliveira
CAMPEÃO: - NONO DE SANS SOUCI
Gastão Ribeiro de Oliveira Resende Filho
RESERVADO: - KING DO RANCHO 78
Marino Everton Araújo Camacho

Cavalo Árabe e Pardo Suíço

ADOLPHO DE SOUZA NAVES JR.

Fazenda Jaguaré

Pedreira - SP

Esc.: Rua São Bento, 470
CEP: 01010 -
São Paulo - SP
Tel.: (011) 35.2031

Resultados Parciais de Controle

[illegible]

[illegible]

NA PRIMAVERA

PRIMEIRO LEILÃO

CABANHA PINHAL e FAZENDA LUMADRI



PAO JERRY
Rodovia João Mellão,
Km. 287,6 Avaré-SP
10167122-3385

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO JERSEY PO-POI

FAZEMD#



Arandu - Avaru - SP
Bairro São, Barbosa
(0147) 46.1182

Nome da vaca	Idade Dias				*Produção Leite(em kg)*			
	G.S.	a/m	Lacta.	Na lacta.	No cont.% Gord.	G.S.	a/m	Lacta.

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.								
--	--	--	--	--	--	--	--	--

COLOR MERIT HELVETIA	3070	PO	2/ 4	146	3927	23,4	1,01	
COLOR MERIT HERMINA	3085	PO	2/ 1	222	4384	22,6	2,78	
COLOR MILESTONE BELEGADA	1968	PO	4/ 0	49	1151	22,4	1,21	
COLOR MILESTONE EDENA	2041	PO	5/ 5	111	3113	26,6	3,01	
COLOR MILESTONE EVALDA	2237	PO	5/ 0	59	1954	36,0	3,39	
COLOR MILESTONE FELIPA	2356	PO	4/ 5	131	4583	27,6	3,12	
COLOR MILU CEREJEIRA	1487	PO	7/ 4	136	3178	26,0	3,62	
COLOR MILU ENA	2210	PO	4/ 9	172	4742	25,8	3,78	
COLOR MILU ESPERANÇA-TE	1954	PO	5/ 8	105	3040	21,2	2,78	
COLOR MILU FARFIMIA	2476	PO	4/ 3	48	1584	31,8	3,01	
COLOR NISTY HAMILTONA	3246	PO	2/ 2	43	982	24,8	2,98	
COLOR NISTY HEBONA	2999	PO	2/10	12	278	23,2	3,88	
COLOR NISTY HERCULA	3087	PO	2/ 3	149	4631	22,4	2,19	
COLOR NISTY HERCULA	3088	PO	2/ 1	210	5911	23,8	3,40	
COLOR NISTY HERMANINHA	3250	PO	2/ 1	83	1577	20,6	3,01	
COLOR NISTY MAKER FABIA	2317	PO	4/ 6	113	3510	24,4	2,70	
COLOR NISTY MAKER FADIA	3321	PO	4/ 3	208	6384	25,6	2,09	
COLOR NISTY MAKER FADIA	3316	PO	4/10	13	361	27,8	2,30	
COLOR NISTY MAKER FASPA	2252	PO	4/ 2	75	2039	32,4	2,99	
COLOR NISTY MAKER FOFINHA	2345	PO	4/ 6	96	3249	28,6	3,11	
COLOR NISTY MAKER FOLGADA	2429	PO	4/ 3	94	2987	25,0	4,40	
COLOR NEIL GATA	2997	PO	3/11	49	1478	25,2	3,01	
COLOR NEIL GALENA	2700	PO	3/ 3	213	6794	21,6	3,52	
COLOR NEIL GALNA	2687	PO	3/ 7	75	2707	29,8	2,11	
COLOR NEIL GEGA	2684	PO	3/ 5	160	4154	21,8	2,71	
COLOR NEIL GUARUJA	2613	PO	3/ 4	243	7232	22,6	2,50	
COLOR NEIL NASTA	2997	PO	2/ 5	175	4544	21,4	2,99	
COLOR DAK STAR DECILHADA	1918	PO	6/ 1	4	200	25,4	3,99	
COLOR DAK STAR EDENA	3122	PO	5/ 0	191	5074	27,6	3,19	
COLOR DAK STAR EDENA	3225	PO	3/ 9	178	5590	24,6	3,21	
COLOR DAK STAR EDENA	3507	PO	3/ 8	162	4561	21,6	3,01	
COLOR DAK STAR EDENA	2716	PO	3/ 4	160	5444	29,4	3,20	
COLOR DAK STAR EDENA	3184	PO	3/11	282	9058	24,4	3,18	
COLOR DAK STAR EDENA	3240	PO	2/ 1	89	1788	26,2	3,02	
COLOR DAK STAR EDENA	3048	PO	2/ 3	187	5180	26,0	2,42	
COLOR DAK STAR EDENA	3047	PO	2/ 8	19	536	28,2	2,80	
COLOR DAK STAR EDENA	3023	PO	2/ 4	189	4151	21,2	3,71	
COLOR DAK STAR EDENA	3073	PO	2/ 6	85	1462	23,6	3,09	
COLOR DAK STAR EDENA	3227	PO	2/ 1	94	2160	24,4	3,61	
COLOR DAK STAR EDENA	3178	PO	2/ 2	134	3224	25,0	2,69	
COLOR DAK STAR EDENA	3126	PO	2/ 2	150	4579	24,6	2,90	
COLOR DAK STAR EDENA	3171	PO	2/ 0	174	3870	23,4	2,90	
COLOR DAK STAR EDENA	3207	PO	2/ 2	90	2562	24,0	2,79	
COLOR DAK STAR EDENA	3191	PO	2/ 3	127	3361	24,6	3,01	
COLOR DAK STAR EDENA	1879	PO	5/10	220	7093	22,2	2,20	
COLOR DAK STAR EDENA	2453	PO	2/ 9	66	1979	20,8	2,79	
COLOR DAK STAR EDENA	2493	PO	2/ 5	154	4720	20,4	2,69	
COLOR DAK STAR EDENA	2020	PO	2/ 4	169	4579	26,2	2,92	
COLOR DAK STAR EDENA	2746	PO	2/ 4	168	3540	27,4	4,61	
COLOR DAK STAR EDENA	2751	PO	3/ 7	18	742	41,9	3,50	
COLOR DAK STAR EDENA	2763	PO	3/ 2	158	5227	28,2	3,40	
COLOR DAK STAR EDENA	2815	PO	3/ 8	176	4670	22,2	3,20	
COLOR DAK STAR EDENA	2765	PO	2/ 9	78	1415	23,0	4,80	
COLOR DAK STAR EDENA	3089	PO	2/ 2	172	4247	24,0	3,29	
COLOR DAK STAR EDENA	3228	PO	2/ 7	40	802	25,2	1,79	
COLOR DAK STAR EDENA	3156	PO	2/ 8	184	3918	27,6	3,81	
COLOR DAK STAR EDENA	3149	PO	2/ 5	214	2923	26,8	2,81	
COLOR DAK STAR EDENA	3175	PO	2/ 7	188	4019	24,2	3,02	
COLOR DAK STAR EDENA	3206	PO	2/ 4	26	876	29,2	3,01	
COLOR DAK STAR EDENA	3222	PO	2/ 3	42	1058	21,6	2,49	
COLOR DAK STAR EDENA	3204	PO	2/ 2	87	2126	26,8	3,20	
COLOR DAK STAR EDENA	2269	PO	2/ 9	88	2220	23,8	2,78	
COLOR DAK STAR EDENA	2372	PO	4/ 8	13	572	44,0	2,90	
COLOR TONY FLORIMHA	2369	PO	9/ 7	171	4651	22,2	5,11	
COLOR TONY FROTA TE	2368	PO	4/ 1	230	8262	22,4	3,38	
COLOR TONY HAPITA TE	2030	PO	2/ 6	105	2827	24,4	3,11	
COLOR TONY HAVANA TE	2017	PO	2/ 4	180	3080	24,6	3,01	
COLOR TOP NOTCH FARTIA	2278	PO	4/ 1	121	4493	29,2	3,18	
COLOR TRADITION CRISTINA	1637	PO	6/ 4	202	5896	26,4	2,01	
COLOR TRADITION HELGA TE	2764	PO	2/ 7	132	3680	20,8	1,49	
COLOR TRIANGULO BERBAMOTA ELEV	1089	PO	8/11	34	793	27,0	1,21	
COLOR VALANT CAMILA	1449	PO	7/ 6	161	3639	20,8	2,88	
COLOR VIC FULGENCIA	2454	PO	4/ 1	131	4269	21,6	4,49	
COLOR VISO DEA	1945	PO	5/10	196	4926	21,6	2,20	
COLOR VISO ESTAGAR	2152	PO	3/ 3	144	5136	26,4	3,11	
COLOR WELLOW CLORINDA	1444	PO	4/10	34	2660	23,8	2,21	
COLOR WELLOW FAUSTINA	2565	PO	3/11	129	3271	20,8	1,80	
COLOR WELLOW FILMENA	2756	PO	4/ 8	147	5005	28,6	3,21	
COLOR WELLOW GEMISA	2746	PO	3/ 4	187	4480	48,0	4,20	
COLOR WELLOW GEMISA	3201	PO	4/ 5	232	7996	24,6	3,01	
COLOR TONY HAPITA TE	2026	PO	2/ 0	288	5518	20,8	2,80	
COLOR HILL TRADITION CHARITY D	2028	PO	3/ 6	240	6851	29,6	3,62	
COLOR KISH VIEW STEWART JOY	3267	PO	4/ 0	184	2661	26,4	3,18	
COLOR RENAUDE MAGGOLLE	3215	PO	2/ 6	176	6702	23,8	2,92	
JACOS ROSSER DUTILH								
Controle em: 09/02/99								
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	BCG	5/ 2	87	2526	27,6	2,72		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	3/ 0	129	3163	27,6	2,82		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	4/ 1	149	4993	31,2	3,40		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	4/ 1	196	7587	29,6	2,82		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	4/ 4	201	5709	29,6	2,82		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	4/ 8	116	4578	25,8	2,60		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	3/ 7	295	4494	25,8	1,40		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	3/10	281	5879	21,6	2,20		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	3/ 6	36	1681	26,0	3,00		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	3/ 7	152	4211	24,4	2,79		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	2/ 4	34	2405	25,4	2,29		
ADOTADA SILVER LUISA PAU D'ALMO	GBD	2/ 8	85	1432	20,4	2,99		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	2/ 2	208	4879	20,4	5,19		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	2/ 0	388	7329	22,6	5,69		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	3/ 7	87	1070	23,0	2,41		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	3/ 8	141	4215	27,4	2,59		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	2/ 7	175	3826	22,0	2,81		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	4/ 1	36	1954	27,4	2,79		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	3/ 4	76	2272	33,8	3,31		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	3/ 5	96	1577	31,0	3,71		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	7/ 5	117	4480	33,8	2,92		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	4/ 8	306	4523	22,6	2,92		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	4/10	263	5281	22,6	2,49		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	4/ 6	47	1444	31,4	2,92		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	2/11	201	4188	27,4	2,79		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	2/ 4	163	7339	22,2	2,82		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	2/ 5	244	7211	29,8	3,20		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	8/11	297	7776	29,8	3,20		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	3/ 5	146	4406	24,8	2,21		
P D'ALMO BELEGADA SIMON SENEZA	PO	7/ 2	282	6682	28,2	2,11		
DANIEL DONATO DE ANDRADE								
BACOS								
Controle em: 21/02/99								
3 criadores, 00000000								
ARTEIRA DA CALÇADINHA	PC	2/ 4	95	1240	22,2	2,99		
ANTONIO DE TELES LARA NETO								
SÃO SINA								
Controle em: 21/02/99								
2 criadores, 00000000								
SÃO SINA DE RAMATEIRO URUGUAIANA	PO	2/16	64	1244	19,7	2,99		

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.								
--	--	--	--	--	--	--	--	--



Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

GIR LEITEIRO

KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA
MOCOCA SP.
SP. (011) 36.1681
SP. (011) 298.7952 (a noite)
FAZENDA SANTANA DA SERRA - MOCOCA
Escr. (0196) 55.0085 Fax. (0196) 55.0801

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS
com controle leiteiro oficial

ASSOCIADA A ABCGIL
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE GIR LEITEIRO

Idade Dias		"Produção Leite(em kg)"		Idade Dias		"Produção Leite(em kg)"	
Nome da vaca	G.S. a / m Lacta.	Na lacta.	No cont.% Gord.	Nome da vaca	G.S. a / m Lacta.	Na lacta.	No cont.% Gord.
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.							
FAZENDA DA TOCA LTDA., Controle em 02/02/90							
2 ordenhas. 00000000							
SAO SIMAO DE BERRAMA	256	PD	4/ 1	99	2670	25.7	2.21
SAO SIMAO DE STABILITE	PD	4/ 2	154	3701	20.3	3.60	
SAO SIMAO DE PASSIA TE	PD	3/ 9	50	1188	21.3	3.19	
MANOELIA DE SAO SIMAO	GC4	8/ 3	173	3354	29.2	3.22	
ANTONIO BASSOLI, Controle em 11/02/90							
2 ordenhas. 00000000							
WILDO DECARARA ELEVATION NEA	PD	3/ 4	36	670	18.6	3.12	
WILDO DECARARA BENITO AMAR	GC3	3/ 2	21	845	21.7	3.02	
ANTILCAR FARIAS YAMIN, Controle em 23/02/90							
3 ordenhas. 00000000							
CORONA ANARA PROST TE	PD	5/ 3	141	4255	25.6	2.50	
CORONA ASTRA ASTRONAUT	PD	3/11	193	4378	22.6	2.10	
CORONA BELLA ASTRONAUT	PD	5/ 3	114	3315	26.1	2.89	
CORONA CARLA SHALINA TE	PD	3/10	214	6374	28.7	2.79	
CORONA CRISTINE VALANT TE	PD	4/ 9	27	584	25.4	2.99	
CORONA ETHEL JETSTAR	PD	3/ 3	234	6700	29.2	3.62	
CORONA FRANCA PROST T.E.	PD	4/10	297	9228	24.2	3.72	
CORONA GINA JADE TE	PD	2/ 3	88	2129	21.0	3.52	
CORONA GIOVIA MAROIS NED TE	PD	4/ 7	182	6225	29.6	3.53	
CORONA HAGINE SHALINA	PD	2/11	206	5561	27.9	3.41	
CORONA HEIDI R-NED TE	PD	5/ 6	67	2323	22.2	2.81	
CORONA JIMMY JADE	NR	8/ 8	41	935	22.0	2.91	
CORONA KATY JADE	PD	3/ 8	192	5780	21.3	3.82	
CORONA LINA PETE TE	PD	3/11	220	6864	32.9	3.31	
CORONA LIVIE PETE TE	PD	3/11	234	6870	24.8	3.39	
CORONA LUCIA CAVALIER	PD	4/ 7	39	1799	30.5	2.49	
CORONA MARGARET PROST T.E.	PD	5/ 3	129	3026	23.3	3.52	
CORONA MARINA PETE TE	PD	4/ 6	130	4588	23.4	3.20	
CORONA NARA ROSE PETE	PD	4/ 6	95	1478	27.9	2.80	
CORONA MARVILIN PETE TE	760	PD	3/ 9	156	5191	21.1	3.32
CORONA MARVILIN PETE TE	542	PD	3/10	185	5417	28.9	3.11
CORONA NILENA PROST TE	PD	5/ 3	169	4610	32.4	3.07	
CORONA NELLY VALANT TE	PD	3/ 1	59	1425	25.3	3.79	
CORONA NINA II TONY TE	PD	2/ 7	39	1264	25.4	3.90	
CORONA NINA II TONY TE	PD	2/ 6	61	1447	27.0	3.19	
CORONA NINA II TONY TE	PD	5/ 2	135	3209	28.9	3.72	
CORONA NINA II TONY TE	PD	4/ 4	139	2950	27.2	2.79	
CORONA NINA II TONY TE	PD	3/ 2	65	1375	25.0	3.52	
CORONA NINA II TONY TE	PD	4/ 1	219	6633	25.4	3.39	
CORONA PATRICIA ASTRONAUT	PD	2/11	175	4991	20.8	3.50	
CORONA ROSE NARA FEVE	PD	4/ 2	185	4867	21.2	2.80	
RONALDO DIRBER, Controle em 19/02/90							
3 ordenhas. 00000000							
LO FINE VALANT BAIKYME	209	PD	9/ 4	21	676	22.2	3.20
PANDORA SOUTNACKER JALE	PD	4/11	50	1044	24.8	2.50	
PANDORA CAVALIER IVONE	PD	5/ 7	105	5695	45.2	2.50	
PANDORA CAVALIER KELI TE	455	PD	4/ 0	37	1305	49.6	2.81
PANDORA CHATRAIN JOELIA	PD	3/ 8	281	11182	30.2	2.91	
FAZENDA SERRINHA E CALCIOLANDIA, Controle em 15/02/90							
2 ordenhas. 00000000							
BLIMP BUDDY YAKULT	8410	GC3	5/11	56	666	25.4	2.81
ELCI CHIEFTAIN YAKULT	8527	GC1	7/ 3	194	2447	29.0	2.90
ESTERA BUDDY YAKULT	8524	PD	4/ 5	91	2455	29.0	2.90
FORA YAKULT	8419	PC	4/11	251	5211	29.0	2.90
HELIANTH EMPEROR YAKULT	8554	GC1	4/ 2	126	3089	19.2	3.02
IMBERT HILLTOP YAKULT	8658	GC1	3/ 1	99	2492	21.7	3.02
IPANEMA CHIEFTAIN YAKULT	8527	GC2	7/ 1	143	3441	19.9	3.49
JAMBI BUDDY YAKULT	8454	GC2	4/10	116	2948	24.8	2.81
JUSTIN HILLTOP YAKULT	8642	GC4	7/10	366	2918	16.0	2.90
JULIE CHIEFTAIN DA YAKULT	8528	GC2	4/ 8	280	6491	19.4	2.80
KALU BUDDY YAKULT	8440	GC4	4/ 7	179	3895	18.2	2.80
KINDOM HILL TOP YAKULT	8645	NR	3/ 2	17	391	25.0	2.80
LOWLAND SQUIRE YAKULT	8652	NR	2/11	77	1374	17.4	2.80
NORDEALE DA YAKULT	8111	GC1	8/ 5	228	5620	20.4	2.80
ROSEITA CHIEFTAIN YAKULT	8314	GC2	6/ 2	218	4710	18.4	2.80
TRAVESIA CARPENTER YAKULT	8137	GC1	8/ 9	31	2542	25.1	2.80
VIOLETA PICKWALL YAKULT	8737	GC3	1/11	155	3240	17.4	2.80
YAKULT ATENAS BUDDY	8506	PD	4/10	76	2608	27.6	2.80
YAKULT DA PATRICIA	910	GBR	10/ 1	263	5380	15.2	2.80
YAKULT ESTRADA EMPEROR	8521	PD	4/ 8	266	4020	15.2	2.80

 Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.



LEITE - RAÇA - PORTE

PATI DA CALCIOLÂNDIA

SARAVAY

GRACINHA

(3.449 kg - 250 dias)

Saravay era filha de Jaelan com Sarala, único casal realmente Gyr Leiteiro importado, da Grande Lesteira "Urulicumbha" na Índia. Sua mãe, Gracinha produziu 3.840 kg em uma lactação e tem tres irmãs com a mesma lactação. A sua avó Sarala - Campeã em concursos leiteiros, produziu 3.870 kg e era filha do Bombaim.

FAZENDA SERRINHA E CALCIOLANDIA
ARCOS E BETIM - MG
GABRIEL DONATO DE ANDRADE
TELS.: (031) 531-2737 - (037) 351-1267

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.

Nome da vaca		Idade Dias		*Produção Leite(em kg)		G.S. a/m Lacta. Na lacta. No cont.% Gord.
YAKULT JANDA BUDDY	8560 PD	4/ 1	17	381	22,4	7,99
YAKULT KIMIN BOONAKER	8113 PD	8/ 6	114	3405	27,6	7,01
YAKULT PACIFIC CHIEFTAIN	8519 PD	8/ 7	43	1316	20,6	7,29
YAKULT TWINKLE SOUTER	8732 PD	2/ 4	74	1667	15,0	7,73
YAKULT VALLEY SANDY ELEVATOR	8738 PD	2/ 3	31	946	16,6	7,59
YAKULT VAMITE CHAMPION	8735 PD	2/ 2	91	1332	18,6	7,72
YAKULT WILLIMA BUDDY	8338 PD	5/ 9	184	4074	19,4	7,53
YAKULT WISDOM MILESTONE	8741 PD	2/ 0	118	2837	21,0	7,62

NELISIO EMPREENDIMENTOS KURAIIS LTDA						
BRAGANÇA PAULISTA - SP.						
2 ordenhas. 00000000						
LADINHA HASTE ROVER, DO NELISIO	135 GNB	5/ 2	140	5086	30,8	5,30
MANICA INVICTA STAR DO NELISIO	198 GC2	4/ 9	88	2155	31,8	7,70
MARIEITA JANAINA H. DO NELISIO	209 GNB	4/ 5	36	1262	33,2	7,80
MEL. NORTUMBRIA JADEITA GAMBLER	791 PD	3/ 1	37	866	23,4	7,12
NELISIO LESTEIA S WISEMAN	707 PD	5/ 7	89	3070	32,0	7,80
NELISIO LIPA GALINTIA	727 PD	5/ 4	10	278	27,8	7,81
NELISIO MAY ENA JETSTAR	731 PD	4/ 5	79	1287	33,0	7,70
NELISIO NIMISA JUNIO HENRISSIP	734 PD	4/ 2	137	4251	27,4	7,69
NELISIO NATURA GENTILEZA H.	784 PD	3/ 2	121	3550	26,2	7,79
NELISIO NAUPILIA LIZIA GAMBLER	782 PD	3/ 4	72	3029	29,8	7,99
NELISIO NEMESIS DOLIA ROYBROOK	776 PD	2/ 7	50	1460	27,6	7,90
NELISIO NOI HARPA GAMBLER	787 PD	3/ 5	15	435	29,0	7,41
NELISIO OPALIAS JOCASTA MARCUS	691 PD	2/ 1	80	1544	21,2	7,02
NELISIO FLAUTA EMP. DO NELISIO	204 GNB	4/ 4	183	5599	23,4	7,67
NELISIO NINA STAR DO NELISIO	708 GNB	8/ 2	149	4366	19,2	7,02
NATURALIA BENA V. STREAM DO NEL	245 GNB	3/ 2	70	820	31,0	7,90
NATUREZA LANCADA GAMBLER DO M.	237 GNB	7/ 11	80	2668	30,8	7,21
NEVADA BALANTERIA P. DO NELISIO	221 GC2	2/ 9	85	2800	31,0	7,71
NIVEA JERMANIA ROYBROOK DO MEL.	232 GNB	3/ 5	96	2918	26,4	7,80
NOIVA LUTERIA RUF DO NELISIO	226 NR	8/ 5	239	7658	22,4	7,88
ITALICA CABOTICADA SUNGOLD H.	254 GNB	2/ 6	75	2102	24,6	7,50

LUIT SCHOETMAN						
SOROCABA - SP.						
2 ordenhas. 00000000						
KALHA MELÉDY HODIERNO	275 PD	2/ 4	132	2354	18,2	7,38
RODARIO AGROPASTORIL LTDA.						
SALTO - SP.						
2 ordenhas. 00000000						
SPF. MEYER CATERLITA FORD	495 PD	3/ 1	34	943	27,7	7,71
OFF HIPER BELEZA VALIANT TE	499 PD	2/ 11	63	1798	25,0	7,90
CARLOS ALBERTO J. LÖHMANN						
JAGUARIUNA - SP.						
2 ordenhas. 00000000						
FRANCIS HERBEIRA JOAO BRAVO	383 PD	6/ 1	55	1581	28,6	7,47
FRANCIS K. BRANCA HEURECA JOE	463 PD	2/ 7	68	1420	22,4	7,80
FRANCIS K. INCERTEZA INERATA C.	505 PD	3/ 2	120	3756	25,4	7,80
IRNODS RIBEIRO AGRICOLA LTDA.						
ESP. SANTO DO PINHAL, SP.						
2 ordenhas. 00000000						
VIVENTE SULTAN FAROLDO LEME	1170 GC4	11/ 10	170	3599	13,1	7,46
REBERLEME TALDOA JETSTAR	519 GC3	4/ 10	104	2785	30,0	7,70
REBERLEME TALDOA JETSTAR	590 PD	3/ 5	144	3274	20,8	7,41

SERGIAND NATAL MAUREIRA						
SÃO PAULO - SP.						
Controle em: 12/02/90						

Nome da vaca		Idade Dias		*Produção Leite(em kg)		G.S. a/m Lacta. Na lacta. No cont.% Gord.
AF FORTALEZA GAVITA	522 PD	2/ 0	128	2981	19,6	7,68
AGL. MGR. BOY PAT ET	PD	2/ 0	11	219	19,9	4,22
G.N.M. 11110MAN CEDELMA MADU	425 PD	4/ 0	201	2079	18,5	7,45
G.N.M. LOTO INDO MADU	PD	2/ 11	86	1951	21,7	7,78
DMN HENRIETTE OSCAR MADU	616 PD	4/ 11	149	2225	18,7	4,49
DMN ILUSAO FAROLDO MADU	GC1	6/ 1	197	3850	17,7	4,29
MEADON-VIEW I. MANIUSO EKILY	PD	7/ 11	55	1251	23,6	7,90
HAYDEE KEUTENEDJIAN						
ESP. SANTO DO PINHAL, SP.						
2 ordenhas. 00000000						
769 JUSTICA HILLTOP VINODECA	GC4	4/ 2	218	4095	17,1	7,88
854 KILC KLAC INVERNO VINODECA	GC1	4/ 3	255	5988	16,0	7,81
860 LAURA IDEAL STAR VINODECA	GC2	4/ 7	282	4861	15,1	7,30
MODERNE ELEGANCE VINODECA	454 GC2	8/ 6	31	815	28,2	7,81
HOMELULU ROYAL STAR VINODECA	469 NR	8/ 2	134	2516	19,5	7,99
MULALA ASTRONAUT VINODECA	431 GC3	8/ 9	40	1112	32,8	7,99
1812A MILESTONE VINODECA	495 GC3	7/ 8	135	3508	24,0	7,21
JANGADA BAY IDEAL VINODECA	777 GC2	2/ 6	55	1520	29,5	7,60
JET SET ASTR. LEADER VINODECA	801 GC2	5/ 10	182	3965	17,2	7,33
JULIE ASTRONAUT LEADER VINODECA	770 GNB	6/ 2	195	5916	27,0	7,40
JUVIAL VINODECA	GC1	5/ 10	184	3745	19,7	7,12
KARTMANTHE INVERNO VINODECA	847 GC1	5/ 3	61	819	15,7	7,81
KATY MANDALL VINODECA	855 GC3	4/ 11	80	1933	20,6	7,40
KENFO GUARANY VINODECA	867 GC2	4/ 8	266	5941	18,3	7,97
LIVIA GUARANY VINODECA	881 GC4	4/ 1	173	3378	22,2	7,02
MADELYNNE CHRIS VINODECA	929 GC4	2/ 8	348	4997	26,8	7,19
MANCHETE IGATA VINODECA	905 GC2	4/ 8	36	639	18,1	7,98
MARILIA VINODECA	889 NR	3/ 9	81	1897	21,2	7,21
MARTINA HODIERNO VINODECA	817 GC2	3/ 11	7	215	21,5	7,73
MARTYANNE FIFTY MILLION VINODECA	938 PD	2/ 9	265	3996	15,4	7,79
MELISSA MILESTONE VINODECA	935 GC2	5/ 6	4	182	25,4	7,11
MISSANGA RANBAL VINODECA	931 GC3	3/ 6	44	1223	20,1	7,88
MONICA RANBAL VINODECA	918 GC1	3/ 10	49	799	19,0	7,70
NATACHA GUARANY VINODECA	949 GC1	2/ 9	171	3388	16,4	7,41
NEBRIA GUARANY VINODECA	950 GC2	2/ 6	207	3742	15,8	7,20
NEBRIA HILLTOP VINODECA	974 GC1	2/ 4	72	1780	15,0	7,40
NICE GUARANY VINODECA	945 GC1	2/ 8	61	518	16,7	7,59
NORTA ELEVATION CHRIS VINODECA	945 GC3	5/ 4	96	1479	15,9	7,03
VINODECA NIP'S ASTRONAUT	629 PD	3/ 8	99	2864	28,7	7,67
VINODECA LAMOUR GUARANY	640 PD	4/ 9	77	1848	22,4	7,50
VINODECA LUMILA NAGER	894 PD	3/ 11	135	2497	18,0	7,38
VINODECA MONIQUE IDEAL STAR	797 PD	6/ 0	136	3533	18,2	7,08
VINODECA NIKSEY PARST	979 PD	2/ 3	92	1541	16,7	7,99
VINODECA KID SHIU GUARANY 859	PD	6/ 8	181	2844	13,5	7,27

JOSEF PEULE						
JUNDIAI - SP.						
2 ordenhas. 00000000						
SANTO ISIDORO ARIANA	611 PD	10/ 9	140	2562	18,2	7,52
ABROPECUARIA COLOMBINI LTDA.						
ARARAS - SP.						
3 ordenhas. 00000000						
BALLINHA	PD	8/ 1	14	380	21,4	7,52
CAROL	PD	2/ 2	89	2621	18,0	7,71
COLOR TRADITION ETEL	PD	4/ 10	220	7967	25,6	7,80
BIVINA CRIS SOBRADINHO	PD	9/ 8	163	3975	17,6	7,19
SOBRADINHO SIMON NECTARINA	115 PD	2/ 2	64	1494	25,0	7,09
SOBRADINHO MELVIN NOUEIRA	PD	2/ 5	203	5554	19,8	7,47
SOBRADINHO MILESTONE NINFA	PD	2/ 4	14	578	27,6	7,20
SOBRADINHO PARST MARAVILHA	84 PD	5/ 3	57	1860	21,4	7,18

Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.



GIR LEITEIRO

MAIS LEITE E CARNE

Fazenda Monte Alvão

ESMERALDAS - MG.

Proprietário: Eduardo de Almeida Pinto
Rua: Espírito Santo, 466 - 4º A.
Telefone: (031) 273.6565 - 273.6499
CEP: 30.160 - Belo Horizonte - M.G.

CONTROLE LEITEIRO OFICIAL - ABC

VENDE DE REPRODUTORES

Filiado à ABCGIL



Nome da vaca		Idade Dias		*Produção Leite(em kg)			
		Q.S. a / m Lacta.		Na lacta. No cont.% Gord.			
Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.							
SOMERDAH SUSSOR NORDEZ							
SOMERDAH SUSSOR NORDEZ	PD	21	5	182	6791	10.1	3.14
SOMERDAH SUSSOR NORDEZ	PD	41	5	173	5470	20.1	3.34
SEMENTES AMAROCES S/A							
ETA CRUZ PALMEIRAS - SP.							
2 ordenhas. 11/12/91							
ALTEIA AG	DE	17	2	207	1820	21.4	3.40
AMAROCES AG	DE	17	2	95	1418	20.7	3.29
CARINA AMAROCES LESTER AG	DE	17	2	79	796	24.4	3.09
CARINA AG	DE	17	2	81	2030	22.2	3.02
CRUZ AG	DE	17	2	139	2818	18.3	3.50
DELTA AG	DE	17	2	232	1291	17.4	3.40
DIAMANTINA AG	DE	17	2	172	3145	19.8	3.28
CRUZ AG	DE	17	2	171	5811	14.8	3.01
CRUZ AG	DE	17	2	76	1780	16.3	3.22
CRUZ AG	DE	17	2	80	4321	19.5	3.02
CRUZ AG	DE	17	2	132	10338	20.3	3.40
CRUZ AG	DE	17	2	230	4501	15.5	3.40
SANTO E SÉRGIO BERNARDI							
PARO FELIZ - SP.							
2 ordenhas. 11/12/91							
CRUZ AG	DE	17	2	171	4990	22.4	3.21
CRUZ AG	DE	17	2	171	6397	18.6	3.40
CRUZ AG	DE	17	2	53	1278	16.6	3.50
CRUZ AG	DE	17	2	43	1289	19.8	3.41
CRUZ AG	DE	17	2	207	5942	19.2	3.41
CRUZ AG	DE	17	2	40	619	13.0	3.34
CRUZ AG	DE	17	2	150	4637	18.0	3.50
CRUZ AG	DE	17	2	26	186	21.4	3.09
CRUZ AG	DE	17	2	20	136	22.0	3.50
CRUZ AG	DE	17	2	299	4877	14.6	3.32
CRUZ AG	DE	17	2	169	4440	14.0	3.34
CRUZ AG	DE	17	2	10	136	12.6	3.33
CRUZ AG	DE	17	2	298	5046	12.0	3.41
CRUZ AG	DE	17	2	15	1137	26.4	3.09
CRUZ AG	DE	17	2	225	4129	15.8	3.41
CRUZ AG	DE	17	2	258	3980	15.1	3.40
CRUZ AG	DE	17	2	109	3558	15.2	3.42
CRUZ AG	DE	17	2	241	1987	19.2	3.01
CRUZ AG	DE	17	2	85	1942	19.4	3.09
CRUZ AG	DE	17	2	58	937	16.2	3.44
CRUZ AG	DE	17	2	37	1404	25.0	3.05
CRUZ AG	DE	17	2	47	748	18.2	3.32
CRUZ AG	DE	17	2	310	3325	14.7	3.33
CRUZ AG	DE	17	2	178	2445	18.2	3.30
CRUZ AG	DE	17	2	345	8111	15.2	3.33
CRUZ AG	DE	17	2	68	1801	20.6	3.50
CRUZ AG	DE	17	2	195	4095	19.1	3.30
CRUZ AG	DE	17	2	191	5276	20.4	3.35
CRUZ AG	DE	17	2	203	6198	21.4	3.08
CRUZ AG	DE	17	2	344	6177	14.8	3.34
CRUZ AG	DE	17	2	150	2903	21.4	3.41
CRUZ AG	DE	17	2	159	4763	13.0	3.27
FAZENDAS INTERMUNDO LTDA.							
TEREZA - SP.							
2 ordenhas. 11/12/91							
CRUZ AG	DE	17	2	149	4387	23.6	3.01
CRUZ AG	DE	17	2	270	6835	16.8	3.39
CRUZ AG	DE	17	2	185	4999	26.2	3.02
CRUZ AG	DE	17	2	224	8143	26.0	4.00
CRUZ AG	DE	17	2	288	8067	20.0	3.00
CRUZ AG	DE	17	2	189	5511	21.4	3.32
CRUZ AG	DE	17	2	42	1786	19.8	3.29
CRUZ AG	DE	17	2	45	320	26.8	3.05
CRUZ AG	DE	17	2	239	5229	18.6	3.29
CRUZ AG	DE	17	2	285	6343	28.4	3.02
CRUZ AG	DE	17	2	137	7735	16.2	3.21
CRUZ AG	DE	17	2	10	1824	22.2	3.29
CRUZ AG	DE	17	2	176	4811	11.8	3.00
CRUZ AG	DE	17	2	82	1915	22.4	3.39
CRUZ AG	DE	17	2	128	7218	25.8	3.22

**Colaboração da Editora dos Criadores Ltda.**

GIR LEITEIRO

VENDE-SE TOURINHOS E MATRIZES
Produção Leiteira em regime de Campo

O maior Rebanho em Controle Leiteiro Oficial da ABC

Fazenda Faroeiro - Mun. Arcos - MG.

Calciolândia - MG - Fone.: (037) 351-1575

Filiado o ABCGL

TEM QUE SER GIR LEITEIRO

O produtor de leite nos trópicos quer leite.

Que seja bastante leite e de custo baixo.

O Gir Leiteiro atende a isso. POR QUE?

- É apto ao clima tropical.
- É resistente aos parasitas.
- Assimila melhor as forrageiras tropicais.
- Tem saúde.
- É dócil.
- Tem touros provados.
- Produz leite, muito leite.

As características próprias da Raça Gir, aliadas a um trabalho de seleção por mais de 10 gerações e comprovadas por longos anos de controle oficial, dão confiabilidade absoluta ao Gir Leiteiro.

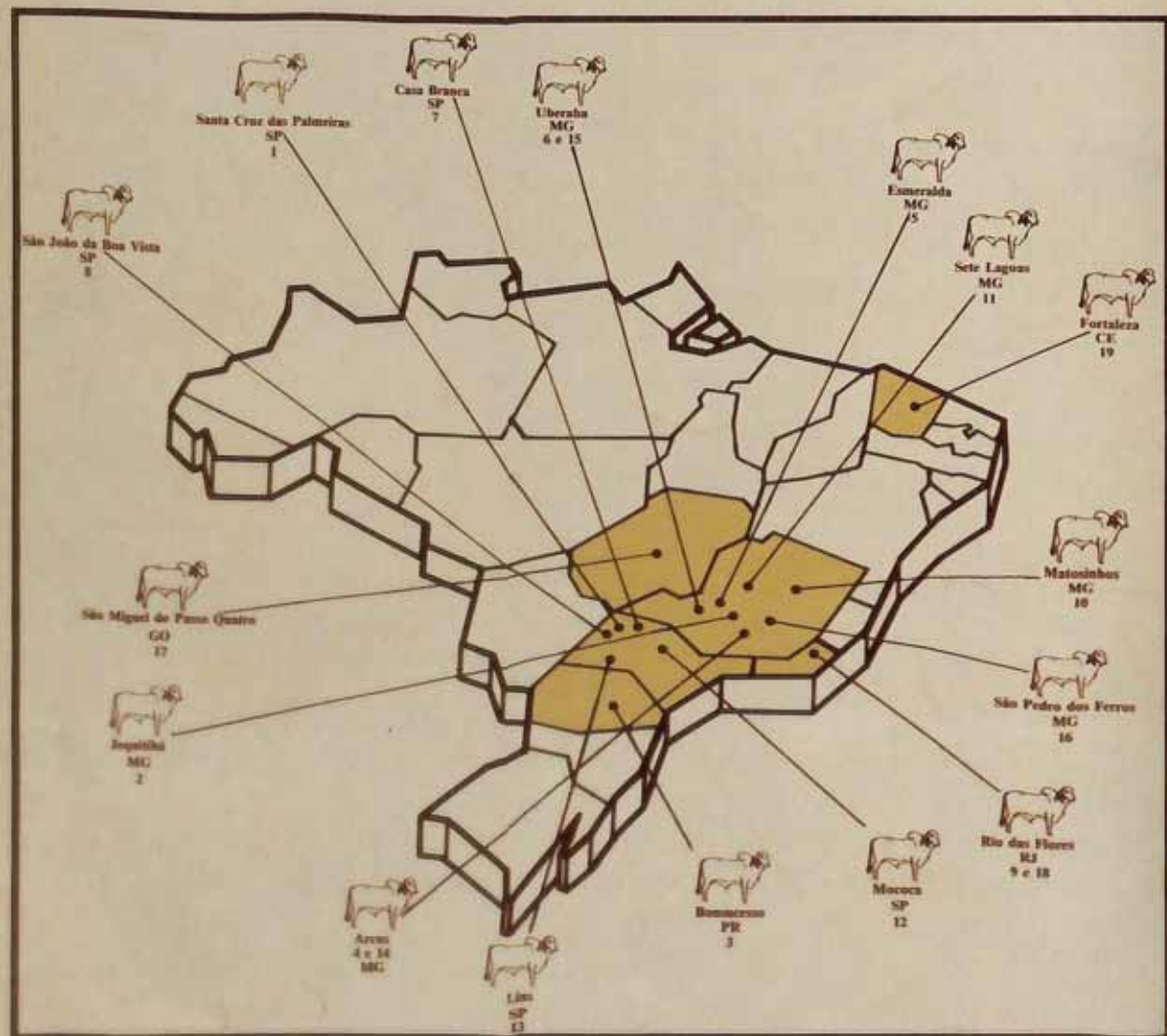
A Associação Brasileira dos Criadores de Gir Leiteiro — ABCGIL, mantém convênio com a EMBRAPA (CNPGL) para acompanhamento técnico científico do melhoramento da raça.

Por tudo isso, para produzir leite nos trópicos, TEM QUE SER GIR LEITEIRO, científica e economicamente provado.

Número de animais em controle Leiteiro Oficial.....	1241
Produção média por Lactação.....	2.908,6kg
Média de Gordura.....	132,0kg

*Dados fornecidos pela
Associação Brasileira dos Criadores*

MAPA DO GIR LEITEIRO



1 — Antônio José Lácio de Oliveira Costa — Sta. Cruz das Palmeiras — SP — Tel: (0196) 1104
 2 — Arthur Souto Maior Filizola — Jequitibá — MG — Tel: (031) 227-6200
 3 — Amadeu Duarte Lana — Bonsucesso — PR — Tel: (011) 260-8442
 4 — Gabriel Donato de Andrade — Calciolândia — Arcos — MG — Tel: (031) 295-4100
 5 — Eduardo de Almeida Pinto — Esmeralda — MG — Tel: (031) 273-6499
 6 — Rivaldo Gomes Cruvinel — Uberaba — MG — Tel: (034) 333-0926

7 — João Gabriel da Costa Noronha — Casa Branca — SP — Tel: (0196) 22-2427
 8 — José Eduardo Costa Mancini — São João da Boa Vista — SP — Tel: (0196) 22-2363
 9 — Manuel e José João S. R. dos Reis — Fazendas no RJ e MG — Tel: (011) 211-8282
 10 — José Lácio Resende — Matosinhos — MG — Tel: (031) 212-5011
 11 — José Enélio Mesquita — Sete Lagoas — MG — Tel: (031) 271-2255
 12 — Kénia Agrícola e Pecuária Ltda. — Mocooca — SP — Tel: (0196) 55-0085
 13 — José Francisco Junqueira Reis — Lins — SP — Tel: (0145) 22-2247

14 — Tasso Assunção Costa — Arcos — MG — Tel: (031) 226-4056
 15 — Vva. Randolpho de Mello Resende (Condômino) — Uberaba — MG — Tel: (034) 333-5893
 16 — Faz. Brasília Agrop. Ltda. — S. Pedro dos Ferros — MG — Tels. (031) 335-9954 — 335-9507
 17 — Múcio Borges de Freitas — São Miguel do Passos Quatro — GO — Tel: (062) 233-5000
 18 — Wilson Lemos de Moraes Júnior — Silva Jardim - RJ - Tel: (021) 232-9988
 19 — Arthur Encinas Vieira — Tel: (085) 224-4844 — Fortaleza Ceará

Associação Brasileira dos Criadores de Gir Leiteiro - ABCGIL

Avenida Prudente de Moraes, 44 / 1.202 - Cidade Jardim - CEP 30380 - Belo Horizonte - MG
 Tels.: (031) 335-9954 e 335-9509